

Ponto de equilíbrio

TRILOGIA SANTA MONICA: LIVRO 3



JILL BLAKE



Ponto de equilíbrio
(Trilogia Santa Monica, livro 3)

Jill Blake

Tradução: Andréia Barboza

Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Nota da autora](#)

[Quer ler mais livros de Jill Blake?](#)

[Sobre a autora](#)

[Paixão Inesperada](#)

[De volta para casa](#)

Capítulo Um

— Ouvi dizer que a empresa do seu pai está sendo processada.

Zach mergulhou atrás da bola, batendo com o ombro contra o chão.

— O quê?

Mike levantou uma das mãos.

— Vi no noticiário enquanto vinha para cá. Não sabia?

Zach fez uma careta. Como conselheiro da Stewart & Landry LLC, era seu trabalho saber. É por isso que ele monitorava regularmente o alerta do serviço informativo da Suprema Corte. Só não imaginava que isso aconteceria no dia em que ele saía sem verificar seu e-mail antes.

Ele passou um braço sobre a testa suada e voltou a controlar sua raquete.

— Sua vez.

Mais um minuto se passou em silêncio, pontuado por grunhidos e o som da bola sendo atingida contra a raquete e o vidro temperado.

— Então, quem é o autor? — Zach perguntou quando o squash terminou.

Mike deu de ombros.

— Alguma mulher alegando violação da LQAC.

Ele não estava surpreso. A Lei que Qualidade Ambiental da Califórnia era um problemão para a maioria das empresas e uma fonte de dinheiro fácil para qualquer advogado sanguessuga disposto a assumir a causa.

— Maldita sanguessuga — ele murmurou.

— Por quê?

— Imaginei que as pessoas ficariam gratas por estarmos revitalizando a economia local. — Ele bateu na bola com tanta força que acertou a parede dos fundos e teria acertado Mike se ele não tivesse pulado. — Se não fosse por nós, aquela área não teria nada. Seria apenas uma praga urbana sem serventia. Alguns desses prédios estão tão velhos e com tantos impostos atrasados que deveriam ter sido demolidos há décadas.

— Ei, não mate o mensageiro. Se você quiser matar alguém, mate o advogado que apresentou a queixa.

— E quem é?

— A filha do juiz MacDowell. Alice? Anna? Algo com A.

Zach resmungou.

— Angie?

— Angela. É isso aí. Advogada muito boa em direito imobiliário, pelo que ouvi.

— Sim. — Zach forçou sua atenção de volta para o jogo.

— Muito boa em vários aspectos, se parar para pensar... — Mike sorriu. — Aquele traseiro...

Zach rangeu os dentes.

— Você não cresceu?

— Ah, por favor. Como se você não tivesse pensado a mesma coisa!

— Não sobre ela.

— O quê? Você é cego?

— Não. Mas a irmã dela é amiga da família.

Mike piscou.

- Então por que ela está processando você?
- Não sei. Mas tenha certeza de que vou descobrir.

O som de vozes altas do lado de fora do seu escritório alertou Angie alguns segundos antes da porta se abrir e um carrancudo Zachary Stewart invadir sua sala.

- Que droga é essa? — Ele jogou um envelope grande em sua mesa.
- Olá, Zach. — Ela levantou-se lentamente. — Parece que o oficial de justiça o encontrou.
- O que diabos você está tentando fazer?

Angie contou até dez antes de responder. Não era todo dia que um belo espécime masculino de um metro e oitenta e dois invadia seu escritório cuspidando fogo. *Oh, Deus*. Seu olhar deslizou para seus ombros largos e cintura estreita. A forma como ele preenchia o terno risca de giz e a camisa de oxford deveria ser ilegal.

No momento em que ela elevou o olhar até voltar a encontrar seus olhos, quase pôde sentir a raiva saindo dele em ondas.

— Você parece acalorado neste terno, Zach. Quer um pouco de água gelada para ajudá-lo a se esfriar?

Seus olhos azuis se estreitaram.

— Conhecendo-a bem como conheço, é bem capaz de você derrubar um copo de água gelada *acidentalmente* dentro do meu terno. Não, obrigado.

— Você superestima minhas tendências agressivas.

— Acho que não. Ainda me lembro de como você negociou a liquidação da sua irmã. Tenho certeza de que você pode ensinar a um dobermann uma coisa ou duas sobre agressão.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Roger e seu pai abriram a S&L juntos. Era justo que a viúva de Roger fosse recompensada por sua parte da empresa. E, caso você tenha esquecido, não houve proposta de aquisição da parte dela quando ele morreu. Eu não teria que forçar tanto se vocês tivessem feito isso.

— Uma proposta de aquisição não teria resolvido todos os problemas jurídicos causados por Roger — Zach respondeu. — Caso você tenha se esquecido, ele estava envolvido com investimentos suspeitos.

Angie mordeu o lábio. Zach não sabia da missa a metade. Felizmente, Eva tinha conseguido emergir, com a ajuda de Angie, do pesadelo jurídico e financeiro após a morte de seu marido. Ela teve que vender sua casa e procurar um emprego, mas, no final, tudo deu certo.

A voz de Zach interrompeu seus pensamentos.

— De qualquer forma, isso já é passado. Mas isso — Ele inclinou-se para frente, apontando o dedo para a papelada que atirou sobre a mesa. —, é ridículo e você sabe disso. A S&L cumpriu com todos os regulamentos estabelecidos pelos governos estadual e municipal. Seu cliente teve tempo e oportunidade para expressar suas preocupações. A avaliação de impacto ambiental foi enviada para consulta pública há mais de um ano. Neste período, o conselho da cidade, a comissão de planejamento e o órgão de controle imobiliário realizaram várias reuniões. As objeções de todos foram devidamente anotadas e tratadas.

— Você só pode estar brincando comigo. As objeções foram deixadas de lado. Mudanças mínimas foram feitas no seu contrato de desenvolvimento e não foram para revisão pública. O conselho da cidade, basicamente, carimba qualquer plano que você coloca na frente deles, com total desrespeito aos interesses dos moradores.

— Tudo o que a S&L fez seguiu a legislação — disse Zach.

— Talvez na sua opinião, mas meu cliente vê de forma diferente. E, neste ponto, a única maneira de fazer o conselho da cidade sentar-se, ouvir suas reclamações e, assim esperamos, resolver o problema, é exatamente desse jeito. — Ela balançou a cabeça em direção ao envelope pardo entre eles. — E enquanto os tribunais reexaminam tudo, a liminar que estamos solicitando vai, pelo menos, impedi-los de demolir a casa do meu cliente.

Ele fez uma careta.

— Isso é extorsão, pura e simples. A S&L fez ofertas generosas de pagamento de realocação para os moradores. Seu cliente foi o único que se recusou a assinar.

— Ele tinha uma boa razão.

Zach respirou fundo.

— Olha, vamos direto ao assunto aqui. O que você quer para encerrarmos isso?

— Se você está me perguntando isso, obviamente, não leu a nossa queixa com cuidado suficiente. Está tudo explicado.

— Li, sim — ele disse. — E é uma besteira completa.

Angie balançou a cabeça.

— Que vergonha, doutor. É esse o tipo de linguagem que eles ensinam em Harvard?

Um músculo pulsou em sua mandíbula.

— Angie...

— Você sabe o que fazer, Zach. Tem trinta dias para apresentar sua resposta. — Ela o conduziu até a porta. — Vejo você no tribunal.

Capítulo Dois

Uma semana depois, Zach ainda estava fumegando. Mas ele sabia que não deveria dar vazão à frustração na frente do pai.

Tom Stewart sempre teve um fraco pela viúva do seu antigo parceiro de negócios e, por extensão, por sua irmã, Angie. Como resultado desse sentimentalismo, Angie conquistou um excelente acordo para sua irmã, quatro anos atrás. Se Zach tivesse ficado à frente da negociação, os termos jamais seriam tão generosos.

Desta vez, Zach faria o que fosse preciso para vencer a batalha legal. Não era só pelo dinheiro que estava em jogo, levando em conta o prejuízo de dezenas de milhares de dólares que a empresa teria por cada dia de atraso na construção. E nem mesmo era uma questão de ego, apesar de ele, certamente, apreciar a perspectiva de levar vantagem sobre Angie. Era, simplesmente, uma questão de vida e morte. De seu pai.

Há seis meses, Tom sofreu um ataque cardíaco fulminante. Em um minuto, ele estava inspecionando um local de trabalho e no seguinte, no chão, pálido como um fantasma.

Após a colocação de três stents, o cardiologista de Tom deu-lhe um ultimato.

— Você tem sorte de estar vivo — disse o médico. — Se quiser manter-se assim, precisa parar de fumar, tomar os medicamentos como prescrito e reduzir o estresse.

Os dois primeiros foram um passeio no parque em comparação ao terceiro. E este processo não estava ajudando muito.

A única maneira de Zach convencer seu pai a abrandar e diminuir o stress, era resolvendo isso o mais rapidamente possível, colocando o projeto de volta nos trilhos. E como benefício adicional, Tom perceberia que, mesmo que ele se aposentasse, a empresa ficaria em boas mãos, administrada por seu filho.

Com esse objetivo em mente, Zach tentou afastar todas as distrações irrelevantes. Como a lembrança do olhar insolente que Angie lhe deu de cima a baixo. Como se ele fosse uma mercadoria em exposição. Isso era um insulto. Degradante. E, inegavelmente, excitante. Ela não poderia ter provocado uma resposta mais eficaz nem se passasse os dedos por seu corpo nu.

Ainda bem que ele conseguiu ficar parado e manter, pelo menos, uma aparência indiferente. Menos mal.

E, então, ela teve a ousadia de sorrir.

Considerando-se o objetivo da visita, seu divertimento óbvio reacendeu a raiva que ele estava sentindo.

— Alguma chance de resolvermos isso fora dos tribunais?

Zach voltou a atenção para a conversa na mesa de conferência. A pergunta tinha vindo de Bob Geller, vice-presidente de Desenvolvimento da S&L.

— Sinto muito — disse Zach. —, mas estamos em Santa Monica, capital do movimento verde. Nenhum juiz se atreveria a descartar um caso de LQAC aqui.

— Já lidamos com algumas circunstâncias incômodas antes. — Tom olhou para cima enquanto segurava a documentação. — É só uma questão de descobrir quanto o outro lado está disposto a aceitar.

— Isso é loucura — disse Bob. — Se alguém tenta te sacanear, você não torna as coisas mais fáceis para ele.

Zach rabiscou uma outra nota na página à sua frente.

— Não estamos pensando em fazer do jeito mais fácil. Mas precisamos estabelecer algum tipo de estratégia aqui. Quanto mais cedo apresentarmos a defesa, mais rápido colocamos o projeto em andamento de volta.

— Tudo bem — disse Bob. — O que você precisa de mim?

Passaram a hora seguinte fazendo o brainstorming de possíveis respostas para cada ponto de ação na denúncia.

Em algum momento, Bob saiu para atender uma chamada e Tom recostou-se na cadeira.

— Por que você acha que ela está fazendo isso?

— O autor? Ou Angie?

— Ambos.

— Dinheiro, é claro.

Tom fez uma careta.

— Eles não estão pedindo compensação financeira.

— A menos que você conte os honorários do advogado.

Tom acenou.

— Tem que ter algo mais em jogo. Algo que não estamos vendo. Quero dizer, por que esta mulher deveria sequer se preocupar com legislação de uso da terra e circulação de elementos?

— Talvez ela seja uma ex-hippie buscando reviver seus dias de glória. Ou, talvez, esteja entediada e quer seus quinze minutos de fama. — Zach colocou suas anotações em uma pasta. — Ou então, talvez ela veja isso como sua oportunidade de chantagear a grande empresa malvada e financiar sua aposentadoria. O que isso importa?

— Se não soubermos o que a está motivando — disse Tom —, não podemos sequer começar a imaginar com o que ela vai concordar.

Zach suspirou.

— Fiz uma pesquisa. Ela tem setenta e seis anos, renda fixa. Enfermeira aposentada. O marido não está em um bom estado de saúde. Não há crianças. Nenhuma família além do marido, pelo que pude ver.

— Você acha que ajudaria se eu falasse com ela?

— Tecnicamente, a única forma de você falar com ela é através de mim.

— E quanto a Angie? — Tom perguntou — Talvez eu devesse falar com ela em seu lugar.

— Ela é a demandante. A mesma regra se aplica.

— Tem certeza?

— Claro. Não se preocupe, papai, vou resolver isso. — Ele se levantou e organizou todos os arquivos em sua pasta. — Vou entregar um projeto pronto para você avaliar até amanhã.

Capítulo Três

— Mas você não entende — disse Phyllis Callahan. — Preciso que você arraste isso. Quanto mais tempo, melhor. Não é isso que os advogados fazem?

— Não, Sra. Callahan — Angie repetiu pela terceira vez em vinte minutos. — Isso não é o que fazemos. Certamente não o que pretendo fazer aqui.

— Mas você será paga mais...

— Não se perdermos — disse Angie. — Se a S&L vencer este caso, não recebemos nenhum pagamento. É assim que funciona. O juiz pode até ordenar que a gente pague os honorários advocatícios do réu.

— Então você só tem que se certificar de que não vamos perder.

Angie apertou os dentes. Se ela soubesse desde o início como seria difícil lidar com sua cliente, teria pensado duas vezes antes de aceitar o caso.

Mas ela tinha sido cegada pela compaixão. Uma mulher cujo marido estava morrendo de câncer no pulmão não deveria estar enfrentando uma ação de despejo da casa onde morava há trinta e dois anos. Mesmo com o prazo de doze meses e o pacote de realocação, não havia jeito de os Callahans encontrarem um apartamento adequado, com acesso fácil a médicos e hospitais onde o Sr. Callahan estava recebendo tratamento. Certamente, não com os altos preços do mercado. Santa Monica simplesmente não tem imóveis a preços acessíveis. As listas de espera para os imóveis realmente bons eram enormes. E, como a Sra. Callahan apontou, o marido não podia se dar ao luxo de esperar.

Foi assim que Angie se viu obrigada a concordar em fazer o jogo de Davi e Golias com a S&L.

E se, no processo, ela conseguisse marcar uma vitória para os defensores dos direitos de habitação mais acessível e de direitos ambientais, seria ainda melhor para ela.

O que ela não contava era com a recusa de Phyllis Callahan em se comprometer. Aparentemente, entre levar o marido para a quimio e protestar em cada audiência pública do conselho da cidade onde a S&L aparecia na agenda, a mulher ainda tinha tempo para assistir a muitos programas jurídicos de TV, o que lhe deu uma percepção distorcida de como o sistema legal realmente funcionava.

Na vida real, os casos cíveis não chegavam a um julgamento. Em vez disso, eles eram resolvidos fora do tribunal. Preparar-se para uma audiência amigável com a outra parte era fundamental, apesar da sua cliente não entender isso.

Era por isso que Angie estava em seu escritório depois do expediente, explicando o processo para a Sra. Callahan mais uma vez.

Quinze minutos depois, uma batida na porta a salvou de rosnar em frustração.

Cheryl, uma de suas colegas advogadas, enfiou a cabeça para dentro.

— Desculpe-me por interromper. Enviei o material que você me pediu e já deixei Naomi a par dos meus casos. Precisa de algo antes que eu saia?

Angie balançou a cabeça.

— Aproveite a sua licença maternidade.

— Pode deixar — Cheryl sorriu. — E obrigada por me cobrir.

A porta se fechou. O som reverberou dentro da cabeça de Angie.

Ela passou o dedo sobre seu nariz e flexionou o polegar na região logo acima do seu olho direito. Mais alguns minutos e a dor se tornaria uma enxaqueca daquelas. Ela tentou lembrar se tinha algum medicamento para dor em sua bolsa.

— É seu primeiro bebê? — perguntou a Sra Callahan.

— Segundo.

— Espero que ela saiba quanta sorte teve. As crianças são uma benção. — Ela brincou com a alça de sua bolsa. — Sean e eu não fomos capazes de ter sequer um bebê. Orei durante anos, mas acho que algumas coisas simplesmente não são destinadas a acontecer.

Angie notou o tremor na voz da Sra Callahan. Tinha esquecido, na frustração da última hora, o quão frágil sua cliente realmente era. Com cerca de um metro e meio, olhos cinzentos lacrimejantes e uma nuvem de cabelos brancos que lembrava a Angie um algodão-doce, ela observou cada um de seus setenta e seis anos.

— Sinto muito. — Angie empurrou uma caixa de lenços em sua direção. Ela realmente esperava que a mulher não fosse chorar. Ao contrário de Grace, cunhada de Angie, que era psiquiatra e sempre sabia a coisa certa a dizer, ela sentia-se estranha com demonstrações de emoção desinibidas.

Ela poderia lidar com argumentação jurídica. Em um concurso de inteligência, poderia competir em pé de igualdade com o melhor deles. Mas a perspectiva de lidar com lágrimas a fazia procurar a saída mais próxima.

A Sra. Callahan assoou o nariz.

— Você tem filhos?

— Não.

— Marido?

— Não.

— Oh, céus. O que você está esperando?

Angie respirou fundo e redirecionou a conversa de volta para estratégias jurídicas.

Mas, mais tarde, depois que a Sra. Callahan tinha ido para casa, a equipe de limpeza já tinha partido e o analgésico finalmente fez efeito, Angie continuou sentada em seu escritório ponderando a questão.

Não era a primeira vez que alguém lhe perguntava isso.

Sua mãe fazia isso regularmente, mas Angie sabia que fazia parte de suas atribuições. De toda forma, seu pai era bom em desviar a atenção de temas polêmicos.

Mas quando os irmãos de Angie, colegas e amigos começaram a se relacionar, estabelecendo-se, tendo filhos e tudo mais, ela não pôde deixar de se sentir um pouco de fora.

Há três anos, quando saiu de um grande escritório para começar uma pequena empresa com duas amigas, elas estavam em pé de igualdade. Ambiciosas, enérgicas, idealistas o suficiente para acreditar que poderiam conquistar o mundo ou, pelo menos, parte dele – aquela que lidava com questões de direito, planejamento imobiliário e os direitos de propriedade intelectual.

Agora, essas mesmas amigas tinham cônjuges, filhos e uma vida fora do trabalho, enquanto Angie ainda estava sozinha, acumulando horas trabalhadas.

Onde estava o equilíbrio que ela, um dia, imaginou ter? Essa não foi uma das razões para deixar o antigo escritório? Para que pudesse ser sua própria chefe e ter mais controle sobre seu tempo e os casos que assumiria?

Se fosse assim, ela havia metido os pés pelas mãos. Suas sócias não, mas ela, certamente, sim. Enquanto Cheryl e Naomi estavam comemorando aniversários de casamento e tirando licença maternidade, Angie estava presa no escritório cuidando de tudo.

Claro, ela estava ganhando a reputação de ser uma litigante imbatível, mas até isso parecia intimidar a maioria dos homens. Nos corredores das salas de tribunal, ela ouvia os sussurros. *Vaca. Cadela.* Tudo porque era do sexo feminino, inteligente e não perdia uma batalha. Para não mencionar o fato de que ela, provavelmente, ganhava mais em um mês que a maioria dos homens ganhava em um ano.

O que ela deveria fazer? Fingir que era menos do que era na verdade, apenas para acariciar o ego de um homem?

De jeito nenhum. Sem chance.

Ela não cozinhava, rejeitava a ideia de catar meias sujas de outra pessoa e recusava-se a desempenhar um papel subserviente sob quaisquer circunstâncias.

Mesmo assim, poderia ser bom ter alguém esperando-a em casa.

A imagem de Zach Stewart surgiu em sua cabeça. Ela piscou, desejando afastar a lembrança do seu corpo quente e muito bonito.

Zach não era, absolutamente, o tipo de cara certo para relacionamento. Para um caso de uma noite, talvez. Mas algo à longo prazo? Esqueça.

Apesar de que ele não era o tipo de homem que se intimidava facilmente. Apenas era muito arrogante.

Além de ser um jogador. Para não mencionar rude, irritante e um péssimo juiz de caráter.

Se ela tivesse qualquer dúvida sobre essa última parte, tudo que tinha que fazer era se lembrar da primeira vez que o encontrou, no casamento de Eva e Roger. Angie tinha dezoito anos e estava prestes a terminar o ensino médio. Zach tinha acabado de se formar na faculdade.

Em retrospecto, Angie reconheceu que, naquela época, não tinha sido a companhia mais cintilante do mundo. E fisicamente, ela estava mais para atleta do que para rainha do baile. Mas Eva colocou os dois juntos na recepção. Zach poderia, pelo menos, ter tentado dizer algo além de “Prazer em conhecê-la” e “Por favor, passe o sal”.

O pior de tudo foi que na primeira oportunidade ele escapou para dar em cima de uma das damas de honra. Uma loira peituda com unhas acrílicas, muito spray no cabelo e zero discrição.

Sério, quem faz isso num armário de produtos de limpeza?

Pelos treze anos seguintes, ela ouviu muitas histórias similares de conhecidos em comum, levando-a a acreditar que o gosto deplorável para mulheres de Zach não tinha mudado.

Então, mesmo que Angie estivesse interessada — coisa que ela não estava — não havia absolutamente qualquer chance de que Zach e ela acabassem juntos.

Angie suspirou e, dando uma última olhada no escritório para se certificar de que todos os arquivos confidenciais estavam trancados, ela apagou as luzes e foi para casa.

Capítulo Quatro

— As partes chegaram a um acordo?

Angie se forçou a parar de remexer-se. Ela já havia passado tempo suficiente em audiências com juízes, como advogada de defesa e acusação, para saber que não tinha nenhum motivo para sentir-se nervosa. Principalmente por causa de algo tão mundano quanto uma audiência de programação.

Ela abriu a boca para responder, mas Zach antecipou-se.

— Não, meritíssimo.

Ela olhou para o espaço vazio no tapete que separava sua cadeira da outra ocupada por Zach. Em contraste com a última vez que o tinha visto, esta tarde ele parecia calmo, até mesmo relaxado. Ele desabotoou o paletó quando se sentaram, e ela não pôde deixar de notar a forma como a camisa azul pálido trouxe cor a seus olhos. Ele arqueou uma sobrancelha pelo seu escrutínio e ela corou.

— Tudo bem, então — disse o juiz. — Vamos definir uma data.

Ela mal registrou o zumbido de sua voz enquanto ele atribuía prazos para cada etapa. Não que isso importasse. Tudo seria disponibilizado por escrito e sujeito a alterações, se necessário, à medida que se aproximava o julgamento.

Quando o juiz se levantou, sinalizando o fim da audiência, Angie não perdeu tempo. Pegou sua maleta e se dirigiu para a porta.

— Espere — Zach chamou-a.

Ela aumentou seu ritmo, esquivando-se de um grupo de jurados que deixava o tribunal nas proximidades. Ele alcançou-a apenas quando ela estava na saída do Grand Park.

— Queria pedir desculpas pelo outro dia — disse ele, segurando a porta para ela. — Não costumo perder as estribeiras assim.

— Sério? — Ela podia se lembrar de muitas vezes, durante as negociações anteriores do acordo de Eva quando ele chegava irado. E uma vez que ele participou de uma discussão particularmente aquecida, sendo necessário que seu pai esfriasse as coisas.

— Deixe-me acertar as coisas com você — disse ele. — Vou pagar o almoço.

Ela ignorou a breve vibração em sua barriga, concentrando-se em sua presunção. Como se não tivesse ocorrido a ele que ela já poderia ter planos. Ou até mesmo — o que era ainda mais irritante — que qualquer mulher não iria desprezá-lo.

Ela manteve os olhos voltados para o caminho de pedra que atravessava o parque.

— Desculpe-me. Vou me encontrar com alguém.

— Oh. — Ele ajustou seu passo para coincidir com os dela. — Que tal jantar?

Ela tropeçou em uma rachadura no pavimento irregular. Ele envolveu seu cotovelo com um aperto firme. Ela se afastou.

— Obrigada, mas, não.

— Não vai me oferecer nem mesmo uma desculpa? Apenas não?

Ela respirou fundo e parou. Ao redor deles, uma leve brisa agitou-se por entre as árvores.

— Olha, Zach. Não costumo jogar e não aprecio pessoas que o fazem. Então, vamos deixar para lá essa coisa de você bancar o “agradável” e apenas me diga o que você quer. Certo?

Zach estudou-a por um momento, como se ela fosse uma estranha forma de vida que ele jamais tinha encontrado antes.

— Estar em lados opostos de um caso não significa que não podemos ser amigos.

Ela piscou.

— Estou participando de alguma pegadinha?

— Vamos, Angie, dá um tempo. Já pedi desculpas.

— Você deve achar que sou idiota. — Ela retomou a caminhada.

Ele a seguiu após a fonte e até um lance de degraus de pedra que os levou de volta ao nível da rua.

— Na verdade, você é uma das mulheres mais inteligentes que conheço. Por que te surpreende o fato de que gostaria que fôssemos amigos?

— Sério? Desde quando você já foi apenas amigo de uma mulher?

Seu sorriso disse tudo.

Ela sacudiu a cabeça e começou a atravessar a rua logo que o sinal ficou verde.

— Você não tem nada para fazer?

Ele ignorou a sugestão não tão sutil.

— Sou amigo de sua irmã, Eva.

— Seu pai é amigo de Eva. Você apenas aparece por causa da comida. — E sexo. A dama de honra de Eva não foi a única mulher que ele pegou ao longo dos anos em várias festas que Eva deu. Não que Angie o estivesse controlando.

Ele teve a audácia de rir.

— Por falar em comida, onde estamos indo?

— Estou indo para Kendall. Não sei para onde você vai.

— Kendall soa bem.

— Você não está planejando se intrometer no meu encontro, não é?

— Não sabia que você estava saindo com alguém.

Sua observação casual doeu. Especialmente depois de toda aquela sensação de vazio com sua vida pessoal e sua própria insatisfação com seu status quo.

Mas isso não era da conta de Zach.

Quando eles se aproximaram do toldo vermelho brilhante do restaurante, ela viu que Quinn já estava lá, sentado em uma das mesas ao ar livre, olhando o menu. Ele olhou para cima e sorriu. Atrás dela, sentiu Zach enrijecer.

— Ele é o seu encontro? — rosnou em seu ouvido.

Angie piscou com a hostilidade em seu tom. Antes que ela tivesse a chance de responder, a hostess os interceptou

— Mesa para dois?

— Na verdade, ele está me aguardando. — Angie acenou para Quinn, que tinha ficado de pé para cumprimentá-la.

Zach pegou sua mão antes que ela pudesse se afastar.

— Não é tarde demais para mudar de ideia sobre o almoço.

— Dá um tempo, Zach. — Ela puxou os dedos, que estavam formigando sob seu toque. — E tente manter as coisas em ordem, ok? Vou enviar o interrogatório ainda hoje. O prazo é de trinta dias.

— Então, o que foi aquilo? — Quinn perguntou assim que fizeram os pedidos.

Ela alisou o guardanapo sobre o colo.

— O novo caso que estou trabalhando. Zach Stewart é o advogado da defesa. Você o conhece?

— Nós nos encontramos algumas vezes. Alguns colegas em comum, alguns cursos, eventos de caridade. Um dos nossos advogados júniores é parceiro dele no squash. Lembra-se de Mike Napolitano?

— Ele tem um parceiro? Não acredito! Ele costumava chamar qualquer mulher que estivesse na sala de querida e a mandava buscar café. — Ela estreitou os olhos. — Nunca conseguia se lembrar do meu nome. Ou do fato de que eu era uma advogada como ele e não sua garçonete particular.

— Angie, odeio dizer isso para você, mas aquilo não tinha nada a ver com café. Ele só gostava de olhar para o seu traseiro.

— É um milagre ele ter se envolvido em uma ação de assédio sexual.

Quinn desviou o olhar para a beira frondosa que separava os lugares ao ar livre do restaurante da rua.

Angie mordeu o lábio. *Droga*. Às vezes, ela se esquecia de que, apesar do relacionamento confortável que ela e Quinn haviam desenvolvido, algumas questões ainda eram minas terrestres para conversarem.

— Sinto muito. — Ela estendeu a mão sobre a mesa e segurou a dele. — Pensei que tínhamos superado isso. A mulher se retratou e arrumou outro emprego. Tudo acabou da melhor forma possível.

Em retrospecto, talvez. Mas na época, foi difícil. Descobrir que o homem com quem ela estava dormindo tinha sido acusado de avanços impróprios por outro associado era ruim o suficiente. Mas o pior foi o que veio depois. Uma enxurrada de boatos, uma série de reuniões a portas fechadas com sócios gerentes e, então, um memorando oficial com a nova política da empresa. As relações entre colegas de trabalho tinham sido estritamente proibidas. Quinn foi forçado a escolher. Quando ele hesitou, Angie fez a escolha por ele.

Quinn suspirou e virou a palma para cima para encontrar a dela.

— Pareceu um desperdício. Você não tinha que deixar a empresa.

— Sim, eu tinha. Não estava feliz lá. Estava mesmo pensando em sair. O que aconteceu simplesmente acelerou o processo.

— Nós poderíamos ter acertado as coisas.

— Não acho. — Ela retirou os dedos para a segurança de seu colo. — Além disso, estou feliz onde estou agora.

— Está mesmo? — Ele estudou sua expressão fechada. — Você já se perguntou como sua vida teria sido se tivesse ficado?

— Posso imaginar — disse ela. — Continuaría vivendo a vida miserável de escrava em uma empresa que valoriza os homens e, talvez, um dia, quem sabe, quando as estrelas estivessem alinhadas e um dos sócios sêniores tivesse chutado o balde, eu poderia ser recompensada com uma posição superior.

— Acho que você subestima suas habilidades.

— Não, mas sou realista. Não quero passar toda a minha carreira batendo a cabeça contra um teto de vidro que você e eu sabemos que ainda existe.

A chegada do garçom cortou a resposta de Quinn. Depois que o almoço foi servido e os copos de água reabastecidos, Quinn voltou à conversa.

— E nós?

— Oh, por favor — disse Angie, espetando um pedaço de frango grelhado com o garfo. — Você teria ficado entediado ao dormir com a mesma mulher, noite após noite. Admita. Você adora ter a liberdade de experimentar um pouco disso, um pouco daquilo, e raramente volta para o segundo.

Ele olhou para ela.

— Uau. Você tem uma opinião muito ruim sobre os homens.

— Nem todos — disse ela. — Meu pai é um cara bom. E meu irmão também.

— Só eles? Ninguém mais?

Um par de olhos azuis escuros brilhou em sua mente. Não, definitivamente, ele não.

Pelo menos, Quinn tinha tentado um relacionamento de longo prazo. Eles ficaram juntos por vários meses após Angie deixar a empresa. Mas o estresse de captar clientes e supervisionar todos os aspectos do negócio que ela não tinha experiência, cobrou seu preço. Encontros desmarcados, telefonemas que ela esquecia de retornar e discussões sobre prioridades, eventualmente, os levou a uma decisão mútua de seguir caminhos separados.

Tanto quanto Angie precisava desse tempo, ela sabia que tinha feito um favor a Quinn, deixando-o livre. Nos três anos seguintes, eles conseguiram salvar sua amizade. E agora, ela via que eram raras as ocasiões que eles poderiam coordenar suas agendas para ficarem juntos.

— Acho que o seu silêncio fala por si — disse Quinn, atacando seu bife.

— Espera. Pensei em outro cara bom. — Ela fez uma pausa e sorriu. — Max, meu cunhado.

Quinn balançou a cabeça.

— Não sei se você está tentando me insultar, Angie, mas acho que esses não são os únicos caras que ganhariam o prêmio de homem do ano.

— Por quê? — Ela surrupiou uma batata frita do seu prato e mastigou com renovado apetite. — Esqueci alguém?

Capítulo Cinco

Zach debateu consigo mesmo durante a maior parte da tarde antes de pegar o telefone.

Ele quase desligou por duas vezes. A primeira vez, quando percebeu que foi a telefonista quem atendeu a chamada. A segunda, enquanto esperava que a ligação fosse transferida.

Angie finalmente atendeu, a voz um pouco sem fôlego.

— Alô. Angela MacDowell.

Ele sentiu certa agitação abaixo da cintura, junto com uma espécie de surto irracional de ciúmes ao imaginar o que ou quem poderia ter provocado a falta de ar de Angie.

Isso fez com que seu tom de voz saísse mais áspero do que pretendia.

— Você sabia que Fitzpatrick tem uma reputação?

Ela rebateu.

— Claro. Quinn é o melhor advogado de fraude de valores imobiliários deste lado das Montanhas Rochosas. Você precisa que ele represente alguém?

— Quis dizer com as mulheres.

— Ah. Bem, ele tem todo aquele charme meio Cary Grant a seu favor. E a covinha na bochecha. Ah, não posso me esquecer do furinho no queixo.

Zach cerrou os dentes. Se Angie queria fazer piada sobre os rumores de que Fitzpatrick dava em cima de qualquer mulher, era problema dela.

— Contanto que você saiba no que está se metendo... — disse ele.

Ela ignorou o aviso.

— Você queria falar alguma outra coisa?

Ele manteve-se em silêncio por um momento.

— Alô, Zach? Ainda está aí?

— Sim. — Ele limpou a garganta. — Você recebeu a papelada que enviei?

— Estou lendo enquanto falamos.

— Queria começar a resolver isso o mais rápido possível.

— Você ficou ciente da programação esta manhã — disse ela. — Assim como eu.

— Eu sei. Mas acho que ambos nos beneficiaríamos se tentássemos uma solução rápida.

— Se minha cliente receber o que está pedindo, por mim, tudo bem.

— Dê-me algo com que eu possa trabalhar, Angie. Algo que não atrase a construção indefinidamente.

— Um ponto de partida?

Finalmente estavam chegando a algum lugar.

— Sou todo ouvidos.

— O plano de uso do solo da cidade especifica que os projetos precisam cumprir certos objetivos em termos da relação comercial versus o uso residencial. Acredito que é algo como sessenta por cento comercial e quarenta residencial. — Ela fez uma pausa e ele pode ouvir um farfalhar de papéis na outra extremidade. — Seu projeto tem apenas vinte e nove por cento previsto para uso residencial.

— Qual é, Angie, você sabe que o plano abrange o desenvolvimento agregado. Os números que você está citando aplicam-se à soma total de construção em Santa Monica, não apenas no nosso projeto. Tem que ser, pelo menos, sessenta. Sessenta por cento de projetos em diferentes fases de desenvolvimento em torno da cidade. Alguns deles podem ser de uso misto, como o nosso, mas muitos são totalmente residenciais ou puramente comerciais. Aposto que nenhum desses projetos cumpriria seus critérios, se considerados individualmente. Se olhar para o panorama geral, no entanto, tenho certeza de que toda nova construção e renovação estará muito perto da sua divisão sessenta/quarenta.

— Você não pode ter certeza disso. Além do mais, o projeto da S&L será um dos maiores em termos de metragem quadrada, por isso mesmo ele deveria se encaixar nas diretrizes, já que seu projeto é grande o suficiente para distorcer os números globais. Você precisa fazer cálculos com mais cuidado, como parte da sua revisão, utilizando números concretos e não suposições de Impacto Ambiental, levando em consideração apenas construções que já estejam em andamento ou previstas para começarem em um futuro próximo.

— Achei que isso era função do governo. Há um departamento responsável pelo planejamento e desenvolvimento da comunidade.

Sua risada rouca deixou-o inquieto.

— Sério, Zach, você quer que a S&L comece a escavar a terra antes que as calotas de gelo derretam e Santa Monica seja lavada pelo mar? Então, é melhor que você não espere que o governo faça o seu trabalho. Cuide você mesmo dessa tarefa específica.

Ela estava certa, é claro. Placas tectônicas se moviam mais rápido do que algumas das burocracias locais.

Em vez de insistir que a realidade era deprimente, Zach fez a pergunta que vinha o incomodando o tempo todo.

— Qual o interesse da sua cliente em tudo isso?

— Bem, obviamente, ela se preocupa com a preservação da identidade e qualidade de vida da cidade. Ela vive aqui há trinta e dois anos, Zach. É importante para ela que o bairro permaneça verde e tranquilo, com o mínimo possível de perturbação dos serviços comunitários existentes.

Ah, com certeza. Não era por isso que todo mundo era processado?

Ele conseguiu parecer sem graça.

— Isso é importante para nós também.

— Ótimo. Então você não vai se importar de rever a questão do tráfego. Um projeto desse tamanho costuma criar problemas com congestionamento e estacionamento.

— Abordamos isso no...

— Na verdade, não. Todos esses relatórios de tráfego e projeções que o Departamento de Transportes disponibilizou? Você escreveu, e passo a citar: “O aumento no tráfego gerado pelo projeto proposto não teria um impacto significativo nos pontos de cruzamento, segmentos de rua ou vias de trânsito, com base nos critérios de significância identificados”.

— Qual seu ponto?

— Meu ponto, doutor, é que rotular um problema como insignificante não faz com que ele desapareça. Se você quiser o aceite dos moradores, a S&L precisará criar um plano para atenuar os problemas levantados.

— Então, basicamente o que você está dizendo é que espera que a S&L resolva todos os problemas de trânsito de Santa Monica.

— Não coloque palavras na minha boca. Você não precisa resolver problemas que já existem. Você só precisa evitar aumentá-los.

— Você está procurando pelo em ovo, Angie. Mas vamos seguir em frente. Próximo ponto?

— Você está se livrando das unidades alugadas.

— Estamos substituindo-as — ele corrigiu. — O código de habitação prevê preços acessíveis para substituí-las.

— Isso não é suficiente. Definitivamente, o projeto Tier III determina que os projetos devem substituir as unidades, disponibilizando outras mais acessíveis. Trinta por cento das novas moradias precisam ser acessíveis a famílias que recebem entre trinta e cento e cinquenta por cento do rendimento médio da região. E cinco por cento dos imóveis devem ser reservados para famílias que ganham abaixo disso.

— Somos uma empresa com fins lucrativos, Angie. Você sabe disso, não é? Construir em Santa Monica não é barato e a S&L se orgulha de fazer um trabalho top de linha usando materiais de alta qualidade e mão de obra especializada. Não há atalhos.

— Não estou questionando isso.

— Então, você entende que, em algum momento, temos que ganhar dinheiro. As margens são pequenas dessa forma. O que você está pedindo vai levar o lucro a quase nada.

— Não exagere, Zach. Você ainda vai arrendar o espaço comercial para varejistas, restaurantes e escritórios. Os aluguéis em Santa Monica estão altíssimos. Você vai recuperar seu dinheiro rapidamente.

Ele esperava que ela estivesse certa. Mas, dada a saúde precária de seu pai, o tempo era essencial. Este era o começo ou o fim do projeto, e Zach não podia pagar por quaisquer erros.

Sua voz endureceu.

— Você não pode ter as duas coisas, Angie. Se aumentarmos a proporção relativa de unidades residenciais, teremos que diminuir na comercial, e vice-versa.

— Bem, então, acho que estamos de volta à estaca zero.

— Angie, seja razoável.

— Estou sendo. Você é quem está se recusando a ceder.

— O conselho da cidade aprovou nossa proposta como ela é. Pelo menos, eles entendem que revitalizar a área vai trazer mais dinheiro e negócios, que, por sua vez, beneficia a todos. Incluindo sua cliente.

— Não se ela for forçada a se mudar porque você demoliu a casa dela.

Ele bateu com a mão sobre o bloco de notas à sua frente.

— Ela ainda pode permanecer na área se quiser.

— Você é tão cabeça de vento assim? — Angie resmungou. — Você sabe como é a renda das pessoas hoje em dia?

— Estamos oferecendo um pacote de realocação muito generoso.

— Não é suficiente.

— Ah, agora, finalmente, estamos conversando. — Ele inclinou-se para trás em sua cadeira. — Quanto?

— Não se trata apenas de dinheiro.

— O que mais ela quer?

— Alô? Você não está escutado?

— Estou, Angie. Com muito cuidado. — Ele fez uma pausa. — Lembra da piada sobre Churchill?

Aquela em que ele propõe a uma mulher um milhão de libras e ela concorda? E, então, ele oferece cinco libras no lugar. Ela dá um tapa em seu rosto e pergunta: “O que você acha que sou?”, ao que ele responde: “Já estabelecemos isso, madame. Agora estamos apenas discutindo o preço”.

Ele sorriu ao ouvi-la engolir, desejando poder ver seu rosto. Quando ela ficava com raiva, seus olhos cinzentos escureciam, ficando da cor do Rio Charles em um dia tempestuoso. Ele imaginou-se passando o polegar sobre o sulco que deveria ter se formado entre suas sobrancelhas, suavizando-o. E, então, traçando a curva graciosa da bochecha até os lábios macios, que se separariam em antecipação, só para ele.

Sua voz dura abalou a fantasia.

— Você vai encontrar um pedido de produção em sua mesa pela manhã.

Certo, ela ainda não estava pronta para pechinchar. Mas ele torcia para que ela não o deixasse esperando por muito tempo.

Capítulo Seis

Angie passou a maior parte da semana analisando meticulosamente o documento digital que Zach e sua equipe enviaram para seu escritório. Mesmo com a ajuda de dois assistentes jurídicos e um especialista em TI, que implementou alguns algoritmos de levantamento de dados para separar o joio do trigo, a análise precisou de muito tempo e esforço.

No processo, Angie descobriu que a empresa não conseguiu enviar uma série de documentos que ela pedira.

— Dá para acreditar? — ela reclamou a Naomi, sua sócia, depois de receber mais uma recusa concisa de Zach para registros específicos. — Ele está usando o argumento do sigilo advogado-cliente. De novo. Disse que essas informações são protegidas e que toda comunicação deve ser concentrada nele.

— Ele é o advogado da empresa — Naomi apontou.

— Sim, mas também está listado como Vice-presidente executivo. O que significa que ele está fazendo negócios *e* aconselhamento jurídico. E, se esse for o caso, ele perde o direito ao sigilo advogado-cliente.

Naomi observou-a andar de um lado para o outro da sala.

— Você pode dar entrada em uma liminar. E sentar-se, não é? Você está gastando o carpete.

Angie afundou em uma cadeira próxima.

— Ele está me deixando louca.

— Por quê? Sempre aparece um espertinho em casos como esse. Você já deveria estar acostumada.

Verdade. Mas, por algum motivo, isso parecia ser mais pessoal.

Embora Angie jamais fosse admitir isso em voz alta, ela sempre foi suscetível à presença de Zach. Quando ele entrava em uma sala, ela sabia que ele estava lá antes mesmo que o visse. E quando ele aparecia acompanhado por outra mulher, Angie, inevitavelmente, sentia-se decepcionada.

Não que ela esperasse que ele, repentinamente, olhasse ao redor e se apaixonasse por ela. Dado o seu histórico, ela duvidava de que ele fosse capaz de amar. Mas, luxúria? Absolutamente. E, pela primeira vez desde que se conheceram, ela ficaria satisfeita se esse instinto fosse despertado.

O problema era que Zach parecia cego para o fato de que ela era mulher. Ou, talvez, ela simplesmente não fosse o tipo de mulher que o atraía. Ela não era loira ou peituda. E, com certeza, não era muda.

Dada as circunstâncias, isso provavelmente era bom.

Dez dias mais tarde, após a liminar ser deferida, ela recebeu os últimos arquivos solicitados.

Após analisar uma série de registros que levavam à época da aquisição do imóvel em questão, Angie deparou-se com uma pequena anotação na agenda de Zach.

19:00 - Jeannine @ Spago.

Algumas linhas para baixo, o mesmo nome, com local de encontro diferente.

De novo e de novo. *Jeannine*, em seguida, *Jean* e depois, simplesmente *J*. Ela assumiu que a inicial se referia a mesma mulher.

Angie piscou e virou-se para olhar pela janela do seu escritório. Ela jamais teria imaginado. A menos que Zach conduzisse negócios à noite, em alguns dos restaurantes mais românticos de Los Angeles, esta repetição de compromissos significava que o Sr. Ame-as-e-deixe-as era realmente capaz de ter um relacionamento de longo prazo.

Ela voltou à análise. Após seis meses, os encontros com J. pararam, dando lugar a uma série de Alices, Barbies, Chloes, Danas, Eloises e Felicitys, seguindo até o final do alfabeto.

Ah, ela sabia que Zach e...

Espere, o que era isso?

No bolo seguinte de documentos, Jeannine ressurgiu. Desta vez, com um sobrenome seguido por uma série de credenciais: Jeannine DeLuca, PhD, BCEE. *Especialista Certificada em Engenharia Ambiental*. E sua assinatura enfeitava a parte inferior de um dos principais relatórios encomendados pelo conselho da cidade como parte do estudo de impacto ambiental da S&L.

Coincidência?

Angie franziu a testa e abriu uma nova aba do navegador.

Ela não acreditava em coincidências.

Uma rápida pesquisa no Google resultou na fotografia de uma modelo loira que usava um maiô ainda mais impressionante do que a sua aparência.

Angie passou mais alguns minutos pesquisando na Internet em busca de informações e depois acrescentou Jeannine DeLuca à sua lista de depoimentos.

Ah, isso ia ser bom.

Capítulo Sete

— Ótimo jogo. — Zach tirou as luvas e o óculos de segurança.

Mike resmungou.

— Teria sido melhor sem a ressaca.

— Noite difícil?

— Quinta de bebida liberada no Seasons 52. Você deveria ir qualquer dia desses. Bem frequentado, entende?

Zach enfiou a raquete na capa.

— Tenho estado ocupado ultimamente.

— Ah, imagino. Como o processo está indo?

— Ainda estamos no começo.

Mike seguiu-o até a barra no átrio do ginásio.

— E como é a advogada do autor?

— O que você quer dizer?

— Já pegou a gostosa?

A tensão que Zach tinha conseguido descarregar na quadra de squash voltou com força total.

— O quê?

Mike levantou as palmas das mãos em autodefesa.

— Desculpe-me, esqueci que vocês são amigos de família.

— Jesus, mostre um pouco de respeito! Você não está mais morando em uma casa de fraternidade.

— Já pedi desculpas. Não há necessidade de fazer disso um caso federal.

Zach respirou fundo. Ele precisava se acalmar. Claro, Mike era um idiota quando se tratava de mulheres. Mas nunca tinham se estressado por isso no passado. Era estranho que desta vez Zach estivesse pronto para acabar com o cara só pelo fato de ele achar que Angie era um objeto.

Mas, como ele podia ser tão hipócrita? Há menos de três semanas, Zach tinha praticamente a acusado de estar se prostituindo em nome de sua cliente. Claro que ele quis dizer isso em sentido metafórico. Mas insulto era insulto, e ela não aceitou muito bem aquilo.

Ele se aproximou do balcão e pediu seu shake habitual pós-treino. Enquanto esperavam que o barista entregasse seus pedidos, um fluxo constante de mulheres em calças de yoga e top esportivo passou pelo átrio em direção a próxima aula de ginástica em grupo.

Mike avaliou cada mulher enquanto elas passavam.

— Sabia que a sua garota trabalhou para Baker / Roth?

Angie não era sua garota, mas Zach deixou o comentário passar. Pensando sobre isso, ele lembrou-se que ela mencionou ter trabalhado em um grande escritório na época do processo de quatro anos atrás. Como ela decidiu renunciar aos canais oficiais e lidar com as negociações de forma privada, Zach não havia prestado muita atenção a ela na época.

— Veio para o escritório direto da faculdade de direito — continuou Mike. — Mas não durou muito tempo.

— Por quê?

— Ela estava saindo com um dos sócios majoritários. Era de conhecimento geral, mas todo mundo estava disposto a ignorar. Pelo menos, até a merda bater no ventilador.

— O que aconteceu?

— Aconteceu que Fitzpatrick estava trepando com duas mulheres ao mesmo tempo.

Zach endureceu. *Fitzpatrick*. Deveria ter imaginado. Ele não havia dito a Angie para que ficasse longe do cara? Por que ela ainda estava vendo o filho da puta depois de ele a tratar desta forma? A menos que...

— Estamos falando de um ménage?

— Não. — Mike riu. — Ainda que eu pagasse uma grana preta para ver isso.

Zach suprimiu o impulso de esmagar o punho no rosto de Mike. Felizmente, o barista interrompeu-os, avisando que seus pedidos estavam prontos. Ele aproveitou o momento para conter suas emoções.

— Então o cara a estava traindo?

— Sim. Ele estava trepando com outra associada.

— Angie sabia disso?

— Duvido. Pelo menos não até todo mundo descobrir.

Zach podia imaginar o quão humilhante deve ter sido para ela. Ele viu o pai passar por algo semelhante e não desejaria esse tipo de experiência a ninguém.

— Então, o que acabou acontecendo?

— A outra mulher o processou por assédio sexual. A diretoria resolveu o caso, silenciou tudo. A mulher sumiu e Angie saiu do escritório.

— Você está brincando comigo — disse Zach. — Eles a demitiram?

— Relaxe, homem. Isto aconteceu o quê, três, quatro anos atrás? Notícia velha.

Zach se obrigou a respirar profundamente.

— Certo. Continue.

— Não estou a par de todos os detalhes. — Mike deu de ombros. — Foi antes de eu me tornar sócio.

— E Fitzpatrick? Foi repreendido?

— O que você acha? O cara pode bater forte em uma montanha de merda e ainda sair cheirando como uma rosa.

Zach digeriu o comentário em silêncio.

Mike terminou sua bebida.

— Bem, estou indo. Mesma hora, na próxima semana?

— Sim. Claro. — Zach olhou para o relógio. Ainda eram sete horas. Cedo demais para ligar para ela. Além disso, o que ele diria? Ela deixou claro que não estava interessada em sua opinião sobre sua vida pessoal.

Mesmo que suas escolhas fossem, obviamente, idiotas.

Ele jogou o copo em uma lixeira nas proximidades e se dirigiu para os chuveiros.

Capítulo Oito

— Protesto — disse Angie. — Descaracteriza o testemunho anterior.

Zach apertou os lábios. Nesse ritmo, ficariam ali a noite toda.

Ele olhou para Phyllis Callahan, que parecia estar segurando-se muito bem, considerando que estavam enclausurados em uma sala de audiência sem ar, desde as nove da manhã.

— Certo, Sra. Callahan. — Ele colocou um documento de uma página em frente a ela. — Você reconhece esta carta?

— Sim.

— Você se importaria de nos informar, para registro, o que diz?

A Sra. Callahan ofereceu uma resposta desconexa que necessitou de vários redirecionamentos e instruções adicionais.

O depoimento continuou, com uma breve pausa para o almoço, até que ambos os lados finalmente terminaram as perguntas.

Zach guardou seus arquivos bem devagar, esperando que a repórter da corte saísse e Angie levasse sua cliente lá fora. Ele estava checando seus e-mails quando Angie voltou para a sala.

— Então — ele disse, olhando para cima. — Você gosta de chinês?

— O quê?

Ele colocou o telefone em um bolso do terno.

— Há um ótimo restaurante na Linebrook, fica a cinco minutos a pé daqui. Ou poderíamos pedir para entregar.

— Inacreditável. — Ela vestiu seu paletó, abotoando-o sobre uma blusa com decote em V que o havia distraído repetidamente ao longo do dia. Toda vez que ela se abaixava para pegar uma pasta ou se inclinava para colocar a mão sobre a mesa, ele conseguia ver um flash da pele sedosa e a sombra do sutiã. Modesto em comparação com o que ele estava acostumado, mas por alguma razão, completamente fascinante.

Ele percebeu que tinha perdido o controle da conversa quando ela cruzou os braços sobre o peito e olhou para ele.

— Desculpe. — Levantou-se, ajustando o próprio blazer para disfarçar a reação de seu corpo. — Pode repetir o que disse?

Suas narinas inflaram.

— Estou aqui em cima, Zach.

— Certo. — Ele piscou e ergueu os olhos. — Então, o que podemos jantar?

Ela baixou as mãos.

— Temos outro depoimento amanhã cedo. Acho que devemos ir para casa e descansar um pouco.

— Se vamos para casa, garanto que você não vai ficar sem comer — ele sorriu. — Mas se é isso que você quer, tô dentro. Minha casa ou a sua?

Ela balançou a cabeça e pegou sua maleta.

— Não vou com você.

— Isso é um não?

— Dê um prêmio ao homem — ela murmurou, apagando a luz.

Zach seguiu-a para fora. O terninho dela era curto e deixava o traseiro à mostra. Seu olhar vagou até a calça escura feita sob medida.

Ele odiava admitir, mas Mike estava certo sobre uma coisa: Angie tinha uma bunda maravilhosa.

Engraçado que ele realmente não tinha notado antes. Se este caso não os tivesse aproximado, Zach provavelmente teria permanecido alheio. Apesar de terem uma certa ligação familiar, eles quase não se encontravam. Certamente, não desde a liquidação do acordo de Eva.

Pena que ela era tão hostil. Talvez, se ele continuasse forçando a barra, ela amolecesse e voltasse à razão. Não demoraria muito. A forma como ela ficou olhando para ele demonstrava que ele já havia deixado-a fora de equilíbrio.

Tudo o que ele precisava era de algum incentivo para convencê-la a resolver este caso, terminar seu relacionamento com Fitzpatrick e dar uma chance a Zach de mostrar a ela como um homem de verdade trata uma mulher.

Ela o olhou novamente e ele sentiu um frio no estômago de antecipação. Oh, sim. Ele estava ansioso para proporcionar esse incentivo.

Capítulo Nove

Jeannine DeLuca trabalhava em um dos arranha-céus na Wilshire, a apenas alguns quarteirões do escritório de Angie.

Era estranho pensar que a ex-namorada de Zach esteve a poucos metros de distância durante todo esse tempo. Em um bairro como Westwood, onde tudo ficava a uma curta distância para pedestres, isso significava que elas provavelmente se cruzaram, em algum momento, sem perceber. Seja no restaurante vegetariano, no café da esquina que oferece internet Wi-Fi, ou até mesmo na farmácia do bairro, que fica aberta vinte e quatro horas.

Pessoalmente, a mulher era muito mais amigável do que Angie tinha antecipado. Linda, bem-sucedida e agradável. Droga. Se esse modelo de perfeição não conseguiu prender a atenção de Zach por mais de seis meses, que chances mortais comuns teriam?

Assim que o mediador chegou, foi direto ao assunto. Uma rápida leitura das regras, seguido pelo juramento e uma breve avaliação das credenciais de Jeannine para registro.

— Dra. DeLuca — Angie deslizou um documento sobre a mesa. — Você consegue identificar o que é isso?

— Um relatório geotécnico.

— Comissionado por...?

— Departamento de Planejamento de Santa Monica e Desenvolvimento da Comunidade.

— E o tema do relatório?

— Um projeto de uso misto proposto por Stewart & Landry LLC.

— Quem elaborou o relatório?

— Eu.

— Você pode resumir suas descobertas?

Enquanto a mulher especificava riscos sísmicos, potencial de hidro colapso e análise do solo do projeto, a atenção de Angie voltou-se para Zach. Ele estava recostado, os olhos semicerrados, os cotovelos apoiados nos braços da cadeira, com os dedos entrelaçados casualmente sobre seu estômago.

Será que ele ainda tem sentimentos por sua ex-namorada? Era difícil ler qualquer coisa em sua expressão. Quando Angie chegou para o depoimento, ele já estava lá, muito perto de Jeannine.

Como se sentisse seu escrutínio, Zach olhou para cima. Seus lábios se curvaram em um sorriso lento. Para alguém que era o provável responsável por alguns sérios conflitos de interesse, ele parecia muito relaxado.

Angie franziu a testa e voltou-se para a depoente.

— Além das coisas que acabou de mencionar, Dra. DeLuca, teve quaisquer outras preocupações com os planos propostos pela S&L?

— Nada que possa pensar agora.

Angie manteve-se em silêncio um pouco mais antes de avançar.

— Antes de enviar o relatório, você discutiu seu conteúdo com alguém?

— Sim.

— Com quem?

— Os técnicos de laboratório que estavam fazendo a análise de solo. Vários dos meus colegas que ajudaram a montar as recomendações técnicas para retrocessos de construção, águas subterrâneas, projeto sísmico, controle de erosão, escoramento e reforço interno, esse tipo de coisa.

— E quanto a qualquer pessoa fora da sua empresa?

— Um dos arquitetos envolvidos na concepção do projeto. O engenheiro estrutural da S&L, que tinha feito alguns dos cálculos. A agência líder do RIA.

— RIA? Você quer dizer o Relatório de Impacto Ambiental que inclui o seu estudo geotécnico?

— Sim.

— Você não discutiu os seus resultados com mais ninguém?

— Acho que não.

— Você não conversou sobre isso com amigos ou família?

— Não.

— Você está absolutamente certa sobre isso?

— Protesto — disse Zach. — A pergunta já foi respondida.

Angie recuou.

— Quem, normalmente, contrata seus serviços, Dra. DeLuca?

— Atendo a uma variedade de clientes. Agências governamentais, instalações industriais, investidores imobiliários, desenvolvedores...

— Você disse desenvolvedores?

— Sim.

— Como a Stewart & Landry?

— Você está perguntando se eles são desenvolvedores?

Angie reprimiu um sentimento de admiração relutante e reformulou a pergunta.

— Estou perguntando se você já foi contratada pela S&L.

— Não.

— E a empresa onde você trabalha? A empresa já foi contratada pela S&L, por qualquer motivo?

— Não sei.

— Você conhece Tom Stewart?

— Pessoalmente, não.

— E Zachary Stewart?

— Sim.

— Você conhece bem o Sr. Stewart?

Jeannine piscou.

— Não entendi a pergunta.

— Você e o Sr. Stewart são conhecidos casuais? Bons amigos? Amantes?

Jeannine olhou para Zach.

— Protesto — disse ele. — Irrelevante.

— Ao contrário — Angie disparou de volta. — Quaisquer vínculos pessoais que a Dra. DeLuca possa ter com a empresa cujo projeto está avaliando podem representar conflito de interesses inerente.

Durante vários segundos, o único som na sala era a batida dos dedos do repórter da corte em seu teclado.

— Dra. DeLuca, vou perguntar de novo. Qual é a natureza de seu relacionamento com Zachary Stewart?

Jeannine hesitou.

— Nós namoramos.

— Você poderia falar mais alto, por favor?

Ela olhou para Zach, e com seu leve aceno de cabeça, repetiu as palavras com mais firmeza.

— Vocês namoraram — disse Angie. — Entendo. E quando, exatamente, vocês namoraram?

— Alguns anos atrás.

— Você poderia ser mais precisa? Há dois anos? Cinco? Oito?

— Talvez dois ou três.

— Dois ou três anos atrás. Não é a mesma época em que a S&L adquiriu a propriedade que foi o tema de seu relatório?

— Sim.

— Enquanto estava namorando o Sr. Stewart, vocês dois discutiram sobre a propriedade ou os planos da S&L para desenvolvê-la?

— Não me lembro.

— Por quanto tempo você e o Sr. Stewart namoraram?

— Por quase seis meses.

— E durante todo esse tempo, você não se lembra de ter comentado com o Sr. Stewart sobre o negócio de milhares de dólares que ele ajudou a conduzir?

— Protesto — disse Zach, inclinado para frente. — Argumentativo.

— Dra. DeLuca, por favor, responda à pergunta — disse Angie. — Você conversou sobre seu trabalho com o Sr. Stewart?

— Não me lembro.

— Sério, Dra. DeLuca? Você trabalha quantas horas por semana?

— Varia.

— Em média. Vinte horas? Quarenta? Oitenta?

— Entre quarenta e oitenta.

— Então, é justo dizer que você gasta uma quantidade considerável de seu tempo no trabalho?

— Sim.

— E nunca falaram a respeito de como você gastava essas quarenta a oitenta horas de trabalho por semana? Nem uma única vez durante os seis meses em que esteve namorando o Sr. Stewart?

— Nós não passávamos exatamente muito tempo conversando.

Angie manteve sua atenção focada em Jeannine, ignorando o sorriso de Zach.

— Quando a prefeitura contratou sua empresa para fazer uma avaliação do projeto da S&L, você contou isso ao Sr. Stewart?

— Não.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Porque quando isso aconteceu, não estávamos mais namorando.

— Então você e o Sr. Stewart se separaram. Foi uma separação amigável?

— Protesto. Irrelevante.

Angie notou que ele não estava mais sorrindo.

— Você e o Sr. Stewart continuam amigos?

Jeannine deu de ombros.

— Depende do que você quer dizer com os amigos.

— Você quis manter contato com o Sr. Stewart depois que terminaram?

— Sim.

— Quantas vezes você o encontrou novamente ou falou com ele?

— Não sei. Não fiquei controlando isso.

— Você diria que foram encontros diários? Semanais? Mensais?

— Menos frequentes do que isso. Talvez algumas vezes por ano.

— Quando você falou com ele, houve alguma discussão sobre o projeto da S&L?

— Não.

— Você recebeu dinheiro ou presentes do Sr. Stewart? Qualquer coisa que pudesse, direta ou indiretamente, influenciar na sua capacidade de realizar uma análise ambiental do projeto da S&L?

— Protesto.

— Seis meses de namoro, Dra. DeLuca, e nenhum presente?

Zach disparou.

— É isso. Vou chamar o juiz.

— Dra. DeLuca? Qualquer coisa?

Jeannine balançou a cabeça para Zach e ele hesitou antes de afundar de volta em sua cadeira.

— Ganhei um PhD em Engenharia Civil e Ambiental em Stanford — ela disse suavemente. —

Desde então, tenho projetado e implementado centenas de avaliações ambientais e investigações de sub-superfície para fins de vigilância e passivos devidos. Supervisiono grandes esforços de remediação de impacto ambiental para dezenas de clientes em todo o estado. Acredite em mim, Srta. MacDowell, sou boa no que faço. E me orgulho disso. Tenho certeza que você sente o mesmo sobre o seu trabalho. É por isso que não vou considerar como ofensa a sua insinuação de que eu iria permitir que minha vida pessoal pudesse comprometer a minha objetividade ou ética de trabalho.

Uau. Angie olhou para ela. Jeannine DeLuca tinha classe. Junto com inteligência e beleza. Por que qualquer homem desistiria disso de boa vontade? Será que, talvez, depois de vê-la assim hoje, Zach lamenta sua separação? Será que ele estaria agora mesmo considerando uma forma de levar Jeannine de volta para sua vida e, conseqüentemente, à sua cama?

Angie olhou em sua direção apenas para encontrá-lo olhando para trás. Não para Jeannine, sua ex-namorada perfeita, mas para Angie.

A mulher que ele havia ignorado por anos e, em seguida, teve a audácia de comparar com um Dobermann por sua tenacidade e vontade de lutar.

A mulher que estava deixando-o louco com suas declarações provocatórias e olhares aquecidos.

Ela desviou os olhos e limpou a garganta.

— Obrigada, Dra. DeLuca. Sem mais perguntas.

Capítulo Dez

Zach a seguiu para fora do prédio e até a rua. Era hora do rush e a Wilshire estava lotada. Angie diminuiu o passo na calçada esburacada, amaldiçoando a vaidade que a havia impelido a calçar sapatos de salto alto, naquela manhã.

Zach acompanhou seu passo.

— Por que você usa essas coisas se não pode andar com eles?

— Posso andar com eles.

— Você está mancando — disse ele.

Ela abrandou ainda mais, observando se havia rachaduras no pavimento.

— Não, não estou.

— Posso lhe dar uma carona. — Ele apontou para a estrutura do estacionamento subterrâneo em frente ao hotel. — Meu carro está lá.

— Não, obrigada.

— O céu está azul.

Ela olhou para ele.

— O quê?

— Só para saber se faz parte dos seus princípios me contradizer.

Ela olhou para cima.

— Para sua informação, o céu está cinza. Está vendo aquelas nuvens? Pode até chover.

— No começo da estação? — Ele zombou. — De jeito nenhum.

— Acho que não sou a única que gosta de discutir.

— Touché — disse ele. — Então, o que acha da carona? Caso realmente chova?

— Não precisa. Além disso, neste tráfego, vai levar mais tempo para dirigir do que para andar.

— Você não poderia comprar sapatos mais confortáveis?

Ela olhou de soslaio para ele.

— São Jimmy Choos.

— E?

— Gosto da aparência deles.

Ele bufou.

— Aparência não é tudo, sabia?

— Certo — ela disse. — É por isso que você só namora modelos?

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Jean não é modelo.

— Mas também não é feia.

— Não, não é. — Ele parou ao lado dela no sinal. Pessoas em trajes de negócios saíam dos edifícios próximos e se juntaram a eles na esquina, esperando o sinal mudar de cor. — Mas isso é irrelevante. Ela não merecia ser atacada.

— Não a ataquei.

— Quase me enganou.

— Caso você tenha esquecido, aquilo era um depoimento, não uma festa no jardim.

— Eu sei. — Alguém os acotovelou por trás e Zach firmou-a com uma mão em torno de seu braço. — Mas só porque está com raiva de mim, não lhe dá o direito de descontar em Jean.

Ela sacudiu a mão.

— Por que você acha que estou com raiva de você?

— Você, basicamente, me acusou de impropriedade.

— Você estava dormindo com a pessoa instrumental que conseguiria aprovar o projeto da sua empresa.

Um músculo pulsou em sua mandíbula.

— Jean falou exatamente o que aconteceu. Não havia nada de inadequado no que fizemos.

— Você admitiria se houvesse?

Ele franziu a testa. O sinal ficou verde e a multidão avançou pelas seis faixas de tráfego engarrafado.

Angie balançou a cabeça e saiu do meio-fio.

— Acho que não. De qualquer forma, a percepção de impropriedade pode não ser tão ruim.

— Ah, você deve dizer isso com propriedade.

— O quê?

— Essa coisa que você tem com Fitzpatrick — disse ele. — Quer falar de decoro? Quão apropriado era um associado ter um caso com uma sócia sênior?

Ela olhou ao redor para ver se alguém estava prestando atenção, então, baixou a voz.

— Você não sabe nada sobre isso.

— Sei o suficiente. Como você chama o tempo que passou na cama com ele? Horas trabalhadas?

As palavras a atingiram como um soco no plexo solar. Ela parou, incapaz até mesmo de formular uma resposta coerente.

A buzina do carro explodiu nas proximidades e Zach puxou-a para fora do caminho, até a calçada. Ele não parou até que estavam de pé, sob a fachada de um edifício nas proximidades. Lá, ele enfrentou-a, seu corpo proporcionando um amortecedor contra o fluxo de pedestres que continuava a fluir, passando pela calçada.

— Você deveria saber o que isso pareceria.

Ela olhou para seu peito.

— O que aconteceu não tem qualquer influência sobre este caso.

Ele se inclinou, apoiando a palma da mão contra a parede de tijolos atrás dela.

— Você ainda está dormindo com ele?

— Não é da sua conta.

— E se eu quiser que seja?

Seus olhos voaram para os dele.

— Você não pode estar falando sério.

— Me teste.

A respiração dela falhou sob a escura intensidade de seu olhar.

— Zach...

— Como pode não ver que o cara não é bom para você?

Ela piscou e forçou seus membros congelados a se moverem. Não tinham passado por esse mesmo território, por telefone, há menos de um mês? Por que Zach estava tentando trazer isso à tona novamente?

Seu ombro roçou no peito dele quando ela se abaixou para passar debaixo do seu braço para seguir adiante. Ela tinha dado menos de uma dúzia de passos antes de sentir sua presença atrás de si.

— Pelo amor de Deus — disse ele, recuperando o passo. — O homem enganou você.

— Não, não enganou.

— Por que você ainda o defende?

— Porque ele não é o culpado aqui.

— Então, quem é?

Ela franziu a testa.

— Bem. Você fez seu ponto. Não se comportou de forma inadequada, mesmo que um juiz possa perceber isso dessa maneira.

— Você não está mais planejando usar essa tática, não é?

Ela quase sorriu ante seu tom ofendido.

— Não se preocupe. Tenho muito mais na reserva.

Ele continuou ao seu lado em silêncio enquanto atravessaram uma rua lateral e desviaram em direção ao coração de Westwood Village.

Eventualmente, quando ele não mostrou sinais de se virar, Angie olhou para ele.

— Achei que você tivesse dito que seu carro estava lá para trás.

— Sim, mas a esta hora do dia, levaria uma eternidade para chegar em casa.

— Sério? — Ela percebeu que não tinha ideia de onde ele morava. Estranho quando sabia muito sobre ele de coisas mais pessoais. — Onde fica sua casa?

— Marina Del Rey. Na água.

Isso soou vagamente familiar.

— A S&L não construiu alguns condomínios de luxo um tempo atrás?

— Sim. Nosso primeiro grande desenvolvimento. Fiz um bom investimento em uma das coberturas.

Angie revirou os olhos.

— Não faça essa cara até vê-la — disse ele. — Tem uma enorme parede de vidro com vista para o oceano. Posso deitar na cama e ver o pôr do sol sobre a água.

— Vou ter que acreditar na sua palavra.

Ele atirou-lhe um olhar avaliador.

— Você não tem que acreditar na minha palavra. Venha, veja por si mesma.

Ela não podia dizer se ele estava dando em cima dela de verdade ou apenas tentando desequilibrá-la.

Hora de levar a conversa de volta para um terreno mais seguro. Antes que ela esquecesse que misturar sua vida pessoal com a profissional era má ideia e fizesse algo realmente estúpido, como aceitar sua oferta.

Ela disse que a primeira coisa que veio à cabeça.

— Por que você e Jeannine terminaram?

O leve tropeçar dele foi o único indício de que tinha ouvido a pergunta. Segundos se arrastaram para minutos. Justamente quando ela pensou que ele não responderia, Zach disse:

— Ela queria se casar.

— Com você? Depois de seis meses?

— Você é um chute no saco no ego de um homem, Angel.

— SÉRIO? Seis meses?

— Não estou dizendo que ela queria se casar imediatamente. Mas sim, o casamento era o objetivo final. — Ele estreitou os olhos para a descrença contínua de Angie. — Não sou exatamente pobre, e ainda tenho meu próprio cabelo e dentes.

— Certo. — Ela não estava colocando em cheque o fato de ele ser atraente. Caramba, ela era a última pessoa a poder culpar a mulher por querer pular sobre ele. Mas, casamento? Não implica em, pelo menos, fidelidade a longo prazo?

— Não quero casar — disse ele.

— Então você terminou com ela.

— Não.

— Ela terminou com você?

Zach suspirou.

— Nós discutimos isso como dois adultos civilizados, e, em seguida, tomamos a decisão mútua de nos separar.

Eles caminharam em silêncio por mais um quarteirão antes de Angie voltar a perguntar.

— Você se arrependeu?

Ele deu de ombros.

— Ela é uma boa pessoa.

Isso não respondeu à pergunta.

— Ainda estaria com ela caso ela concordasse com sua posição de não-casamento?

Ele hesitou.

— Provavelmente não.

Angie começou a respirar novamente. Amanhã, à luz do dia, ela poderia se arrepender perguntar. Mas esta noite, seduzida por uma intimidade que ela nunca antes sentira com ele e envolta na escuridão, ela perguntou:

— Por que não?

— Amor não correspondido não é a melhor base para um relacionamento de longo prazo.

Angie franziu a testa. Amor não correspondido? Por que Jeannine queria se casar com ele se não o amava? Não fazia sentido. A menos que...

Oh. A sensação de alívio era completamente fora de proporção com a realidade. Ele não estava apaixonado por Jeannine.

— E quanto a você e Fitzpatrick? — perguntou Zach.

— O quê?

— Você o ama?

Algum tempo atrás, ela achou que sim. Mas, então, a vida ficou agitada e tudo que ela podia ter sentido por Quinn provou-se desigual perante as pressões de trabalho, tempo e distância. No final, ambos aceitaram o rompimento com muita facilidade.

— Terminamos alguns meses depois que saí da empresa.

— Mas você ainda o vê — disse Zach.

Ela diminuiu quando se aproximaram de seu prédio.

— E você ainda vê Jeannine.

Ele não a contradisse.

Ela parou no portão de fora e digitou o código de segurança. Zach a seguiu pelo pátio e até as escadas da entrada do prédio. Ela procurou as chaves na bolsa.

— Obrigada por me acompanhar até em casa.

A luz fraca que vinha de dentro do prédio lançou uma sombra em seu rosto.

— Não vai me convidar para entrar?

Seu pulso disparou.

— Acho que não é uma boa ideia.

— Tem certeza? — A respiração dele roçou em sua testa quando ele se inclinou para baixo.

— Zach...

Seus lábios eram quentes, mais suaves do que ela esperava. Provocando, tentando, como o primeiro sabor do chocolate após meses de dieta. Seus olhos se fecharam. Ela suspirou e ele se aproveitou do momento deslizando sua língua para dentro.

O calor floresceu em seu âmago, espalhando-se pelo peito e membros, até sentir o corpo todo formigando. Ele puxou-a para mais perto. Seu equilíbrio vacilou e ela agarrou a lapela do paletó com a mão livre.

Algo, então, caiu e a dor explodiu em seu pé, tirando-a da neblina sensual.

Seus olhos se abriram e ela o empurrou, batendo contra o batente da porta.

A palma de Zach segurou a parte de trás de sua cabeça e ela se encolheu.

— Angel?

Estúpida, estúpida, estúpida. Ela mordeu o lábio. Ele estava inchado por causa do beijo. Ela ainda podia sentir o gosto dele e o martelar de seu coração sob sua mão.

Ele inclinou a cabeça, tentando captar o olhar dela.

— Tudo bem?

Obrigou-se a recuperar o controle.

— É melhor você ir.

Seus músculos ficaram tensos e, por uma fração de segundos, ela achou que ele iria recusar. Será que ela realmente queria que ele fosse? Cada parte dela gritou em protesto. Não era isso o que ela queria ou o que sonhou desde o primeiro momento em que bateu os olhos nele, quando era uma menina de dezoito anos desajeitada?

Mas, então, ele arruinou tudo ao transar com uma peituda qualquer que não se importava em ser comida em um armário de material de limpeza por um estranho.

— Se é isso que você quer — disse ele, dando um passo para trás.

Não. Seus dedos coçaram para agarrar a gravata e puxá-lo de volta. Oh, Deus. Ela realmente precisava que sua cabeça fosse examinada.

Ele pegou as chaves e a maleta de onde tinham caído e entregou a ela. Entorpecida, ela pegou e viu quando ele se foi.

Capítulo Onze

— Preciso de um favor. — Angie se deixou cair na cadeira em frente a mesa da sua sócia. Naomi olhou por cima de seu computador.

— O quê?

— Sabe o caso que estou trabalhando?

— Aquele com o advogado de defesa que não colabora e você continua reclamando?

— Sim, esse mesmo. — Angie pegou uma cutícula solta. — Você pode assumir o cargo de advogado de registro?

Naomi largou o papel que estava lendo.

— O que aconteceu?

— Nada. Se você não puder tudo bem. Vou pedir a Cheryl.

— Cheryl está prestes a ter bebê. Vai nascer a qualquer momento.

Na verdade, o parto de sua sócia estava marcado para dali algumas semanas. Mas, dada a incerteza de Angie sobre o tempo que poderia durar esse caso, ela tinha que admitir que Cheryl, provavelmente, não era a escolha ideal.

Naomi tirou seus óculos de leitura.

— Além disso, ainda não disse que não. Só quero saber o que está acontecendo. Não posso assumir algo sem saber o que está se passando.

Era isso que Angie mais apreciava em Naomi, que, aos trinta e seis era a mais velha das três sócias. Ela estava sempre bem-humorada, pensava cuidadosamente antes de agir e, geralmente, era a voz da razão.

Isso tornava duplamente difícil para Angie confessar o que estava acontecendo. Tinha passado os últimos dois dias meditando sobre o beijo. Se não fosse por seus Jimmy Choos, que tinham deixado os dedos dos pés expostos e vulneráveis a dor causada pela queda de uma pasta pesada repleta de arquivos e de um chaveiro repleto de chaves afiadas, Angie não tinha certeza de onde aquele beijo poderia tê-los levado.

E aí estava o problema. Apesar de estarem em lados opostos do caso, apesar de ter testemunhado pessoalmente o modus operandi de Zach com as mulheres, apesar de seus próprios lábios dizerem que ele não estava interessado em qualquer coisa a longo prazo, Angie não achava que conseguiria afastá-lo. Não se ele realmente a pressionasse.

— Olá? — Naomi estalou os dedos no ar. — Terra para Angie.

— Perdi minha objetividade. — Angie franziu a testa. — Tenho medo de cometer um erro.

— Porque...?

— O primeiro marido da minha irmã era Roger Landry. Da Stewart & Landry. As coisas ficaram complicadas por lá, especialmente depois que ele morreu. — Ela mordeu o lábio inferior. — Tom Stewart, CEO da empresa, é um bom homem. Mas seu filho, Zach...

— O advogado de defesa?

— Sim. Ele é... — ela interrompeu, perdendo as palavras.

— Um babaca? — Naomi sugeriu.

— Bem, sim.

— A maioria dos homens são. Algum outro problema?

— Talvez. — Ela se mexeu, cruzou as pernas e alisou a lã cinza de sua saia lápis. — Estou tendo problemas para ficar focada. Quando ele está na sala, tudo que quero fazer é...

— Estrangulá-lo?

— Isso também.

Naomi estudou-a.

— Estamos falando de conflito de interesses aqui?

— Talvez.

— Você está saindo com ele?

— Não.

— Mas quer?

— Não. — Com a visão da sobrancelha arqueada de Naomi, Angie consertou. — Não exatamente.

— Ele?

Angie deu um encolher de um ombro.

Naomi pegou os óculos e puxou um lenço de uma caixa sobre a mesa para polir as lentes.

— Você acha que ele está armando? Jogando com você para tentar fazê-la influenciar sua cliente em direção a um acordo mais favorável?

A ideia lhe ocorrera, mas ouvir Naomi falar em voz em voz alta fez com que ela achasse o que era possível mais provável.

Ela respirou fundo.

— Se essa é a estratégia, ele não me conhece.

Naomi olhou para ela.

— Você tem a obrigação ética de revelar qualquer potencial conflito de interesses para sua cliente. E se envolver romanticamente com o advogado do outro lado é uma complicação ainda maior.

— Não estou pensando em chegar neste ponto.

— Tudo bem. — Naomi colocou os óculos de volta. — Mas lembre-se que direito imobiliário e ambiental não são exatamente as minhas áreas de especialização.

— Vou cuidar de toda a parte burocrática — Angie prometeu. — Faço qualquer pesquisa, levantamento, qualquer coisa que precisar, é só me avisar.

— Tenho algumas audiências que não posso deixar de fazer.

— Não se preocupe. Vou agendar os compromissos levando isso em conta.

— Devo saber de algo mais?

— O próximo depoimento é na segunda-feira. Posso marcar para parte da tarde, se você puder.

— Três horas?

— Obrigada, Naomi. Te devo uma.

Capítulo Doze

Zach não podia acreditar. Ele não imaginava que Angie fosse covarde. No entanto, de que outra forma ele poderia interpretar o fato de que ela tinha passado o depoimento do seu pai para uma colega?

Ele ficou olhando para a porta, como se esperando que ela resolvesse mudar de ideia, entrasse correndo e se desculpasse pela confusão. Mas a porta da sala de audiências permaneceu fechada e Naomi Katz continuou fazendo uma, aparentemente, interminável lista de perguntas.

Será que ele se enganou com a situação? Ele poderia jurar que o interesse era mútuo. Uma mulher não se sentiria perturbada por um simples beijo, a menos que estivesse seriamente atraída. Ou fosse virgem. E ela não era virgem de jeito nenhum.

Então, qual era o problema? Eles se conheciam há anos, seus círculos sociais e profissionais se sobrepunham repetidamente através de conexões familiares e do pequeno mundo dos tribunais civis de Los Angeles. Francamente, era incrível que eles não tivessem se aproximado muito antes disso. Ele brincava com a ideia ocasionalmente. Mas quando se conheceram, Angie era muito jovem e, certamente, inexperiente o suficiente para que mesmo no auge da sua devassidão impulsionada pelos hormônios, ele soubesse que deveria manter suas mãos longe.

Depois disso, o momento nunca apareceu. Ou talvez ele tivesse se esquivado porque não se envolver era preferível a lidar com as consequências de um relacionamento fracassado. Lidar com a decepção de seu pai já seria ruim o suficiente. Mas a possibilidade de ter que lidar com olhares magoados ou recriminações, impediu-o de ceder à tentação.

Então o que mudou? Foi sua proximidade imposta como resultado deste caso? Ou o fato de que ela parecia ter prazer desmedido em incitá-lo?

Isso era o que fazia sua libido despertar a ponto de estar pronto para jogar a cautela pela janela?

Ou havia algo mais em jogo? Algo que tinha mais a ver com seu próprio senso de insatisfação do que com a batalha de vontades deles.

Ali estava ele, trinta e cinco anos, com uma carreira de sucesso, uma carteira de investimento saudável, uma casa de luxo em um dos lugares mais belos da Terra e um pequeno livro preto que qualquer homem com sangue nas veias teria inveja.

Ele deveria estar se sentindo no topo do mundo. Em vez disso, se sentia inquieto. Frustrado. Solitário. Querendo saber o que estava faltando.

Ultimamente, os únicos momentos em que não se sentia dessa forma era quando estava na companhia de Angie. Com ela, ele sentia-se revigorado, a antecipação e a energia nervosa correndo em suas veias como se tivesse acabado de tomar uma dose dupla de cafeína.

Que merda era essa?

E agora ela se foi. Deixando uma substituta de rosto severo em seu lugar.

— Sr. Stewart — disse a mulher, a nitidez repentina de seu tom tirando Zach de seus pensamentos. — Quantas vezes você já foi processado por violação de regulamentação ambiental?

— Protesto — disse Zach. — Assédio.

A mulher franziu a testa.

— Você se lembra da ação movida contra a S&L, há seis anos pela Coalizão dos Cidadãos para uma cidade habitável?

— Sim.

— Aqui está uma cópia da queixa, apresentada como Anexo E. Pode resumir, para o registro, os termos do seu acordo de pagamento com o autor?

Zach abriu a boca para protestar, mas seu pai foi mais rápido.

— Desculpe-me, Srta. Katz. Como tenho certeza de que você está ciente, os termos desse acordo são confidenciais.

A mulher continuou a martelar Tom com perguntas até Zach, finalmente, solicitar uma pequena pausa.

Ele não sabia se era sua imaginação ou a iluminação fluorescente da sala, mas seu pai parecia ter envelhecido uma década durante a noite. Havia grandes sulcos em torno de sua boca e olheiras profundas sob os olhos. Zach não se lembrava de estarem lá antes.

No final da tarde, após o depoimento, Zach seguiu seu pai para o café no piso térreo.

— O médico disse que você deveria parar de tomar café — lembrou a Tom.

— Um homem precisa ter alguns vícios, garoto. Desisti de cigarros, sal e álcool. O que sobrou?

Zach trocou seu descafeinado pelo expresso de Tom.

— Mulheres?

O comentário lhe rendeu uma pequena risada.

Eles encontraram uma mesa de canto vazio. Tom tomou um gole de café e fez uma careta.

— Quanto tempo você acha que essa farsa vai durar?

Zach desejava ter uma resposta. Ele estava achando que isso já tinha se arrastado por muito tempo. A ação estava cobrando seu preço sobre a saúde de Tom, dinheiro da S&L e paciência de Zach. E a mulher por trás disso, mesmo quando não estava fisicamente presente, estava mexendo seriamente com sua cabeça. Para não mencionar sua libido.

— Não sei, pai. — Ele terminou seu café e colocou o copo sobre a mesa com um baque decisivo.

— Acho que é hora de fazer outra visita a Angie.

Capítulo Treze

A recepcionista ligou para ela.

— Zachary Stewart está aqui para ver você.

Por que ela não se surpreendeu? Era demais esperar que Zach fosse aceitar tranquilamente sua decisão de se afastar. Especialmente se Naomi estivesse certa, e seu interesse sexual repentino fosse motivado pelo desejo de comprometer seu dever fiduciário para com sua cliente.

Que pena. Porque enterrada sob uma espessa camada de cinismo, ainda havia uma pequena parte dela que acreditava em beijos ao luar e pó de fada.

— Mande-o entrar — disse ela.

A porta se abriu e ele entrou no escritório como se fosse o dono.

— Zach. — Ela levantou-se, mantendo sua mesa como uma barreira entre eles. — A que devo o prazer?

Ele sujeitou-a ao mesmo escrutínio lento e completo que ela lhe tinha dado naquele primeiro dia, quando ele explodiu em seu escritório em uma onda de indignação sobre a ação judicial.

— Você parece bem — disse ele, por fim.

Ele tinha vindo aqui para trocar gentilezas? Certo, ela podia jogar o mesmo jogo.

— Obrigada. Você também.

— Achei que você estaria com algum problema. Um resfriado ou gripe, talvez.

Ah, então esse era o seu jogo: ele estava dando a ela uma saída. Que generoso. E inesperado. Mas ela não podia se esconder atrás de uma falsa gripe para sempre. E ela odiava mentir.

— Mais como um ataque de consciência — disse ela.

— Sério? E sua consciência não a incomodou quando você deixou de ir ao depoimento, mandando uma subordinada em seu lugar?

— Naomi não é uma subordinada. Ela é uma das sócias fundadoras da empresa.

— Isso ainda não explica por que você não estava lá.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Ao contrário de algumas pessoas, sei reconhecer um conflito de interesses.

Seus olhos se estreitaram.

— Então você está desistindo.

— Não. Estou simplesmente me afastando para que minha sócia possa assumir o caso.

— Pelo que aconteceu na semana passada.

Ela rangeu os dentes.

— Pelo que *quase* aconteceu na semana passada.

— Você está com raiva porque te beijei? — Ele andou ao redor da mesa. — Ou porque parei?

Ela queria bater nele.

— Naomi é casada. E muito bem casada.

— E seu ponto é?

— Você não será capaz de seduzi-la e comprometer o caso.

As palavras dela o fizeram parar.

— Você acha que aquilo foi pelo caso?

Ela baixou os braços e deu um passo para trás.

— Não foi?

— Você tem uma opinião muito ruim a meu respeito, não é? — Ele começou a se mover novamente, como um caçador perseguindo sua presa. — E de si mesma, se acha que eu só teria interesse em você para ganhar um caso.

— Nos conhecemos há treze anos, Zach, e esta é a primeira vez que você sequer me deu uma segunda olhada.

— Não é verdade.

Ela recuou, encostando-se no arquivo perpendicular à sua mesa.

— Vai reescrever a história agora?

— Você é uma mulher bonita, Angel, e sabe disso. — Ele prendeu-a contra a superfície de madeira dura que estava atrás dela. — Claro que me sinto atraído por você. E, mesmo que não queira admitir, você está atraída por mim.

A mão de Zach encontrou seu quadril, queimando a pele através da lã da saia. Pânico misturado com desejo acelerou seu pulso. Ela pressionou a palma da mão contra o peito dele e o empurrou.

— Pare. Este não é o momento nem o lugar.

Ele não se moveu.

— Então me diga onde e quando. Diga e estarei lá.

Seus olhos encararam os dela. Ela piscou, quebrando a conexão. Alguém tinha que colocar um freio.

— Zach, me escute. Se há algo que vale a pena investir aqui, vai continuar. Vamos esperar, pelo menos, até depois deste caso ser resolvido.

Ele inclinou-se para baixo, seus lábios tocando levemente o ouvido dela.

— Você sabe que ações judiciais podem se arrastar por anos.

Ela estremeceu.

— Verdade. Mas você realmente quer arrastar esta por muito tempo?

— Não. — Sua respiração tocou a base do seu pescoço, o pulso batendo freneticamente no ponto logo acima da clavícula. — E você?

— Não.

— Então, o que vamos fazer? — A mão em seu quadril apertou-a, puxando-a para mais perto, até que ele estivesse bem ali, pressionado contra ela, duro e inconfundível, mesmo através de várias camadas de roupa.

Os dedos de Angie, presos entre eles, deslizaram pelo peito até o ombro, apertando os músculos que estavam ao alcance do seu toque.

Ele gemeu e enterrou a mão livre no cabelo dela, puxando-os até que ela se arqueasse para trás e lhe desse maior acesso. Os lábios de Zach traçaram um caminho lento até seu pescoço, enviando ondas de calor para seu núcleo.

— Zach — ela respirou.

Os dentes dele mordiscaram a pele sensível logo abaixo da orelha.

— Oh, Deus. — O desejo a tomou. Quanto tempo fazia desde a última vez que se sentiu assim? Meses? Anos? Certamente, o que quer que eles tinham discutido sobre poder esperar...

Ele apertou seu quadril, deslizando a mão sobre sua bunda e seguindo até a parte traseira de sua coxa, levantando a perna até onde a saia lápis permitia. Então, amaldiçoou e se afastou um pouco

para avaliar o material que estava impedindo seu avanço.

Essa pausa momentânea foi o suficiente para despertar Angie. Ou, pelo menos, diminuir a chama suficientemente para permitir que ela afastasse Zach. Ele, claramente, não estava esperando o movimento. Essa foi, provavelmente, a única razão pela qual ele permitiu. Ele tropeçou, dando um passo para trás, e ela saiu do seu alcance, voltando para o outro lado da mesa.

— Nem pensar — ela advertiu quando ele fez um movimento para segui-la.

— Angel....

— Não. — Ela recuou em direção à porta. — Não chegue mais perto.

— Você está me matando.

— Você sabe que podemos ter problemas, Zach. — Ela se atrapalhou ao segurar a maçaneta da porta. Seus dedos encontraram a alça de bronze pesado e ela sentiu uma onda de alívio com uma pitada de decepção.

Ele respirou fundo.

— Seria melhor se colocássemos isso para fora, Angel.

— Agora?

Isso trouxe um sorriso irônico aos seus lábios.

— Acho que poderíamos fazer uma pausa para esfriar a cabeça. Mas você sabe que não vamos conseguir segurar por muito tempo.

— Sim. — Ela hesitou. — Quer que eu elabore uma proposta de acordo?

— Seria bom.

— Ainda vou precisar da aprovação da minha cliente.

— O que for preciso, Angel. — Ele se aproximou dela lentamente. — Apenas faça. Nós podemos acertar os detalhes mais tarde.

— Não há garantias — disse ela. — Mas tentarei.

A cada passo, ela podia sentir seu corpo tenso, como a corda de um violino sendo puxada.

Ela abriu a porta e deu um passo para trás, dando-lhe bastante espaço para passar.

Ele parou de frente para ela.

— Vou pedir uma audiência de liquidação voluntária com o juiz. Daqui há algumas semanas, tudo bem?

Angie assentiu com a cabeça.

Antes que ela pudesse sequer pensar em protestar, ele se inclinou e roçou seus lábios com um beijo suave. E, então, se foi.

Atordoada, ela fechou a porta e caiu contra ela.

Com o que ela havia concordado?

Capítulo Catorze

— Tem certeza de que não quer um? — Angie perguntou. — Última chance.

Naomi balançou a cabeça e a viu devorar um cupcake de chocolate com caramelo.

— Como você pode comer assim e não engordar?

Angie lambeu a cobertura que estava em seu dedo.

— Sorte, acho. Além disso, corro todas as manhãs, faço Pilates duas vezes por semana e caminho nos fins de semana

Naomi suspirou.

— Lembro de quando fazia essas coisas. Antes das crianças.

— Ei, quando você quiser uma folga...

— Sério? Quem é você, e o que fez com a verdadeira Angie MacDowell?

— Do que você está falando? Amo crianças. — Quando as sobranças da amiga arquearam, Angie jogou um guardanapo embolado na direção dela. — Sério. Já fui babá para você e Cheryl. Sou uma ótima tia. Pergunte a qualquer um dos meus sobrinhos, eles vão te dizer.

— Você os suborna. Não negue. Crianças são péssimas para manter segredos. E, só para você saber, pizza e sorvete não são alimentos adequados para o café da manhã.

— Oops. — Angie sorriu. — Ajudaria se lhe dissesse que só aconteceu uma vez?

— Ah, por favor. Você não pode sequer dizer isso com uma expressão séria.

— Você não é divertida.

Naomi se levantou para tirar a bandeja do almoço de cima da mesa.

— Vamos voltar ao trabalho, tá? Podemos voltar a conversar sobre isso quando você tiver filhos.

Embora o tom fosse leve, as palavras ainda doíam. Angie tentou não absorvê-las enquanto despejava as embalagens de comida para viagem no lixo.

Claro, várias vezes havia comentado que ficava feliz por ser tia. Ela passava tempo com as crianças sem ser a responsável final por seu bem-estar nem ter que desistir da sua própria independência. O melhor de dois mundos.

E não havia dúvidas de que ela gostava da liberdade que tinha sendo solteira. Gostava do fato de poder ir e vir à vontade, sem ter de prestar contas a ninguém. Exceto a seus clientes, é claro.

Mas isso não significava que ela queria ser solteira e livre para sempre.

Pelo menos, até que ela conseguisse tirar o advogado mais sexy que o pecado de seu sistema.

Então, ela poderia voltar à vida real: trabalhar, desfrutar de sua família, e, talvez, até mesmo procurar um homem interessado em se estabelecer e fazer bebês.

— Sobre este acordo que você fez...

Angie relaxou quando percebeu que Naomi estava falando sobre a proposta de acordo que elas estavam discutindo antes do almoço.

— O que tem?

— Parece que... não sei... um pouco leve.

— Leve? — Angie repetiu, como se nunca tivesse ouvido falar nesta palavra. — Como assim, leve?

Naomi folheou as páginas, depois parou para ler uma cláusula especial em voz alta.

Quando terminou e olhou para cima esperando por uma resposta, Angie franziu a testa.

— O que há de errado com isso?

— Nada. Achei bastante contido — disse Naomi. — Pensei que você estava determinada a espremer o máximo que pudesse da S&L.

Angie voltou a olhar a lista de condições que ela havia elaborado.

— Você acha que estou facilitando muito para eles?

— Não necessariamente. Você ainda está pedindo algumas concessões pesadas. Mas poderia ter solicitado mais.

— Só quero resolver isso, Naomi. Não quero arrastar esse processo por toda a vida.

— Querida, do jeito que está, vai ser o processo mais curto da história do homem.

— Se você estiver preocupada com o resultado...

Naomi bufou.

— Considerando que estamos há apenas três anos com o escritório, acho que estamos indo muito bem.

— Então, qual é o problema?

— Não há problemas. Desde que isso — Naomi bateu no acordo que estava à sua frente. — não seja sua frustração sexual falando.

— Minha o quê?

— Oh, fui contundente demais?

— Não estou sexualmente frustrada.

— Certo, se você diz isso.

— Acho que este é um acordo razoável para todos, incluindo a Sra. Callahan.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Certo. Então, vamos marcar uma reunião e ver o que a cliente diz.

Capítulo Quinze

Mesmo com o dia quente, com temperaturas chegando a quase trinta graus, houve uma mudança brusca de temperatura à noite, fazendo com que Angie se sentisse grata pelo xale bordado que ela pegou de última hora. Suas pernas poderiam congelar, mas, pelo menos, a parte de cima do corpo estaria protegida.

Ela sorriu e acenou para os rostos familiares que viu enquanto passava pelo bar. Do outro lado do terraço, viu sua cunhada, Grace, passando de um grupo para o outro, trocando beijos no ar e, sem dúvidas, buscando apoio para a organização sem fins lucrativos que era a beneficiária daquela festa. A avó de Grace, que estava oferecendo o evento, presidia um grupo mais velho de pessoas que estavam sentadas próximo a entrada.

O terraço era iluminado por pequenas lâmpadas que seguiam até o campo de golfe atrás da casa. Garçons usando paletós brancos e calças pretas circulavam com bandejas de crostini de queijo de cabra, figos embrulhados em bacon e caranguejos recheados com cogumelo. Ao fundo, alto-falantes escondidos tocavam a música da banda que ela havia visto no salão de baile.

— Ainda se divertindo?

Angie se virou ao ouvir a voz da sua irmã e sorriu.

— Você fez um trabalho maravilhoso organizando a festa.

Eva dispensou o elogio.

— Está bebendo o quê?

Angie olhou para a taça que havia aceitado de um garçom que passou por ela ao chegar e notou que estava vazia.

— Vinho tinto.

— Venha, vamos enchê-la.

Ela seguiu Eva até o bar.

— Onde está Max?

— Cuidando das crianças.

— Sério?

— Ele odeia esses eventos. Costuma dizer que tem coisas melhores a fazer do que ficar respondendo de onde tira suas ideias.

— Pobre Max — disse Angie, aceitando uma taça e acenando ao bartender em agradecimento. — Deve ser duro ser um best-seller mundial.

— Terrivelmente. — Eva riu, dirigindo Angie para um ponto menos cheio.

— Também não vi Logan.

— Está cuidando dos gêmeos lá em casa. E fazendo companhia a Max.

Angie piscou.

— Achei que ele e Grace tinham uma babá.

— E têm. — Eva suspirou. — Edmonton está jogando hoje à noite contra Carolina.

— Ah, agora faz sentido. — O hóquei era um esporte sagrado entre os homens da família. A única desculpa possível para faltar a um jogo era por morte ou uma emergência. E, talvez, em casos de nascimentos.

Um rosto familiar chamou a atenção de Angie e ela quase deixou cair a taça.

— O que Zach Stewart está fazendo aqui?

Eva seguiu o olhar dela.

— Eu o convidei.

— Por quê?

— Ele e Tom contribuem muito para a causa.

— Sêrio? — Angie inclinou a cabeça. — Desde quando?

— Desde que organizei o primeiro evento, quando Grace passou a administrar as clínicas.

— Como é que eu não soube disso antes?

Eva deu de ombros.

— Geralmente você não aparece. Este é o primeiro ano que você vem a um dos nossos bailes.

— Alguns de nós precisam trabalhar na maioria das noites.

— Eu sei — disse Eva. — Também passei por isso.

— Ah, caramba, Eva, me desculpe. — Angie, às vezes, se esquecia de como a situação de Eva tinha ficado terrível depois que o primeiro marido morreu e deixou uma montanha de dívidas para trás. Eva passou de dona de casa para arrimo de família, pegando qualquer trabalho como freelance de design gráfico que aparecesse. Ela conseguiu superar essa fase e agora tinha um negócio bem-sucedido que atendia a um nicho de mercado de escritores independentes. Mas, por um tempo, sua situação financeira foi bastante tênue. Angie apertou a mão de sua irmã. — Apenas me ignore. Ando meio irritadiça ultimamente.

— Está tudo bem. Olha, sei que você e Zach não se dão muito bem, mas ele não é o único convidado aqui. Tem muitas pessoas com quem você pode conversar. Venha, vou apresentá-la a algumas pessoas.

— O quê? Ah, não, você não está tentando me arranjar alguém de novo, não é?

— Do que você está falando?

— Conheço a sua expressão. — Angie apoiou a taça em uma mesa próxima e deu um passo para trás. — Da última vez que você me olhou assim, passei uma hora almoçando com o Sr. Mãos-Nervosas.

Eva estremeceu.

— Desculpe-me por isso. Nunca teria sugerido que você se encontrasse com ele se soubesse que ele iria agir dessa forma.

— Teria sido pior se eu tivesse concordado em jantar com o cara. Pelo menos pude usar a desculpa de que tinha um compromisso com um cliente para dar o fora de lá.

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, não é?

— De jeito nenhum — disse Angie rindo. — Além disso, não preciso que minha irmã mais velha gerencie a minha vida amorosa.

— Não teria que fazer isso se você realmente tivesse uma vida amorosa.

Angie olhou na direção em que tinha visto Zach, e o encontrou olhando diretamente para ela. Ela lambeu os lábios, repentinamente, secos.

— Olá? — Eva cutucou-a. — Estou no meio de algo?

Angie piscou.

— O quê?

— Vocês. Zach.

— Ah, não. — Ela fez uma careta para Eva. — Estamos em lados opostos de uma ação judicial. Eva franziu os lábios.

— Achei que Zach era VP da S&L.

— Ele é.

— E?

Angie arrumou o xale em torno de seus ombros.

— Estou representando uma cliente em um caso contra a empresa.

— Você está processando Tom?

— Tenho certeza de que mencionei isso.

— Não mesmo. — Eva franziu a testa. — Eu teria me lembrado.

— Você anda ocupada.

— Não posso acreditar que você está processando Tom. Ele é praticamente da família.

— Não, ele não é.

— Bem, talvez não tecnicamente — Eva admitiu. — Mas ele e Roger eram como irmãos.

— Roger morreu há seis anos. Não acha que está na hora de seguir em frente?

A expressão de Eva se suavizou.

— Acho. Mas você não tira as pessoas da sua vida só porque a conexão original terminou. Tom é um bom homem.

— Sim.

— Então por que o está processando?

— Não vou processá-lo. Estou processando a empresa.

— Não me faça de boba, Ang. Achei que você não pegava casos em que não acreditava. Não foi por isso que resolveu abrir seu próprio escritório?

— Quem disse que não acredito? Nem tudo é preto e branco, Eva. Você, entre todas as pessoas, deveria saber disso.

Eva respirou fundo e olhou para longe.

Angie mordeu o lábio. Eva não merecia seu sarcasmo. Ela baixou a voz.

— Você sabe que não posso discutir detalhes de um caso ativo com você.

— Dá um tempo, Ang. O que quer que você registre no tribunal já não é mais confidencial.

— Você quer o básico? Certo — Angie disse, irritada o suficiente para colocar da pior forma possível. — A S&L está tentando forçar uma velhinha e seu marido à beira da morte a saírem de um apartamento em que eles moram há trinta e dois anos.

— Sério? Por quê?

— Eles estão desalocando a área inteira para construir um novo empreendimento.

— E você está processando para detê-los?

— O direito ambiental está do nosso lado, Eva. E isso é uma coisa boa, considerando o que está acontecendo com o mercado imobiliário em Santa Monica. Grandes desenvolvedores como a S&L estão transformando toda a Westside em um playground para ricos, e as pessoas que têm uma renda mais baixa, que viveram toda a sua vida aqui, estão sendo colocadas para fora.

— Mas ela não poderia morar em outro lugar?

— Não se não houver outro apartamento a preço acessível. Lembra de quando você foi vender seu imóvel?

Eva suspirou.

— Então você decidiu resolver o problema no tribunal.

— Tem que começar em algum lugar.

— Entendi. — Eva examinou os convidados. Seus lábios se curvaram. — Deixe-me fazer uma pergunta. Se você e Zach estão em lados opostos do caso, por que ele está te olhando como se você fosse o sorvete favorito dele?

— O quê? — Angie espiou furtivamente e engoliu em seco quando viu que Zach vinha em sua direção. — Você está imaginando coisas.

— Sêrio?

Em vez de responder, Angie agarrou o braço de Eva e puxou-a para as escadas próximas que levavam até o gramado. Elas estavam quase no fim quando uma voz profunda disse atrás delas:

— Boa noite, senhoras. Se importam se eu me juntar a vocês?

Angie tropeçou. Uma mão firme segurou seu braço.

— Você deve se livrar do Jimmy Choos antes que quebre o pescoço, Angel.

— Na verdade — disse ela, com toda a dignidade de um chefe de Estado ao fazer o juramento de posse —, estes são Manolo Blahnik e são muito confortáveis.

Eva, a traidora, riu e inclinou-se para cumprimentá-lo.

— Estou feliz por você ter vindo, Zach.

— Eva. Você está deslumbrante como sempre.

— Obrigada. Seu pai está aqui?

— Infelizmente, não. Ele me pediu para transmitir suas desculpas. — Zach apertou os dedos de Angie, impedindo-a de se afastar. — Você se importa se eu roubar sua irmã por um momento?

Angie olhou para Eva, que ergueu as sobrancelhas e lhe deu um pequeno encolher de ombros.

— Tenho mesmo que verificar como estão as coisas. Mande um abraço ao seu pai por mim. Falo com você mais tarde, Ang.

Com isso, ela se foi.

O polegar de Zach acariciou a pele nua sob seu xale. Angie estremeceu. Considerando o resultado da sua mais recente reunião com a Sra. Callahan, a última coisa que Angie queria estar era a sós com Zach sob as luzes cintilantes de fadas.

— Ali no gramado tem algumas cadeiras — disse ele. — Consegue caminhar até lá, ou devo carregá-la?

Zach riu com a velocidade com que Angie arrancou e passou sobre a grama úmida com os pés descalços.

Ela se acomodou em uma das espreguiçadeiras almofadadas alinhadas por toda a propriedade, onde durante o dia, sem dúvida, teria uma impressionante vista para os jardins do clube. Ele se perguntou se a chaise era forte o bastante para os dois, mas quando Angie lhe deu um olhar glacial, decidiu não arriscar.

— Então — ele começou, sentando-se em uma cadeira ao lado. —, teve algum progresso com sua cliente?

Ela cruzou os tornozelos e arrumou o xale, cobrindo da base do seu pescoço até pouco acima dos quadris. Que pena. Ele tinha apreciado a vista proporcionada pelo vestido decotado. Tanto que

perdeu a resposta de Angie e precisou pedir a ela que repetisse.

— Ela precisa discutir as coisas com o marido.

Zach bateu um dedo contra a perna da calça do seu smoking

— Será que isso é um código para “vou jogar duro”?

Seus lábios tremeram.

— Não. É um código para “dê um tempo para que eles pensem em suas opções”.

— Justo.

Ficaram sentados por vários minutos sem falar. Atrás deles, os sons fracos de riso e de conversas eram carregados pela brisa. Uma velha canção de Cole Porter soou dos alto-falantes ao ar livre. Zach se pegou cantarolando. Era uma música romântica e sentimental e ele achou que era perfeita para o momento.

— Muito bom — Angie falou quando ele ficou em silêncio. — Você fez aula de música?

Ele riu.

— Não. Toquei violão por um tempo, mas nada formal.

— Sério? — Ela inclinou a cabeça, como se estivesse observando-o por um novo ângulo, que iria fornecer algum insight escondido. — Quando foi isso?

— Quando eu era garoto. Um dos subcontratados do meu pai tocava em uma banda nos fins de semana. Ele me deixava acompanhá-los quando tinham show por perto.

— Você quer dizer a bares e coisas assim?

— Sim.

— Quantos anos você tinha?

— Quatorze, quinze. — Ele deu de ombros. — Mais ou menos isso.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— E seus pais deixavam você ir?

Ele coçou o queixo.

— Sim. Por que não deixariam?

— Ah, não sei. Um garoto menor de idade em um bar? Sem supervisão parental? Soa um pouco perigoso para mim.

— Eu era alto para minha idade.

— Ah, com certeza faz uma grande diferença. — Ela revirou os olhos. — Quando era adolescente, minha mãe sequer me deixava ir para casa de algum amigo a noite, a menos que ela conhecesse os pais deles. E, mesmo assim, eu tinha que estar de volta às onze em ponto.

— O que acontecia se você chegasse mais tarde?

— Você sabe que meu pai é juiz, não sabe? Ele provavelmente conhece metade da força policial e do departamento do xerife. Acredite em mim, uma vez que você é pego em uma festa por um policial uniformizado e levado para casa em um carro da polícia, você nunca mais perde a noção do tempo. Nunca.

Zach sorriu.

— Eu teria gostado de ver isso.

— Aposto que sim. Então, como você começou a frequentar bares?

Ele se inclinou para frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Naquela época, meu pai e Roger estavam começando a sociedade. Muitas vezes, eles tinham cinco ou seis projetos em andamento ao mesmo tempo. Durante os verões, eu os acompanhava. Mas

durante o ano letivo, eu chegava a ficar dias sem ver meu pai.

— E a sua mãe?

— Ela não é exatamente o que você chamaria de super mãe.

O olhar de Angie parecia afiado, mas ela manteve o silêncio, esperando que ele continuasse. Mas ele não continuaria. No dia em que seus pais, finalmente, assinaram o divórcio, Zach não soube quem tinha ficado mais aliviado: ele ou seu pai.

A brisa aumentou e Angie estremeceu.

— Frio? — Ele desabotoou o paletó. Pensou se deveria oferecê-lo a ela ou aproveitar a oportunidade para testar se as cadeiras do gramado eram resistentes.

Antes que pudesse fazer uma coisa ou outra, ela se mexeu e ergueu os joelhos.

— Estou bem.

Ele teve um breve vislumbre do seu decote quando ela se inclinou para a frente para puxar uma das extremidades do xale por sobre suas pernas expostas, antes de endireitar-se novamente, colocando a outra extremidade mais firmemente em torno da parte superior de seu corpo.

Ele engoliu a decepção e mudou de assunto.

— A eleição é em algumas semanas.

Ela olhou para ele.

— E...?

— O conselho da cidade vai se reunir alguns dias depois. Ouvi rumores de que eles podem votar para tentar rescindir nosso CD.

— O contrato de desenvolvimento? Para este projeto?

— Tudo vai depender de quem ganhar. Se o candidato que está na frente das pesquisas vencer, vai alterar o equilíbrio de poder de uma forma que ameaça todas as construções comerciais pendentes, não apenas a nossa. — Ele fez uma pausa. — Tem certeza de que você não tem um dedo nisso?

Ela revirou os olhos.

— Que bom que você acha que tenho esse tipo de influência, Zach. Mas isso não tem nada a ver comigo. Santa Monica não está exatamente fácil para desenvolvedores nos últimos tempos.

— Nem me fale. — Ele suspirou. — Às vezes, sinto como se o melhor fosse me mudar para o Alasca. Lá, pelo menos, tem muito espaço aberto e terras à espera de desenvolvimento.

— Você acha que não tem ambientalistas no Alasca?

— Tenho certeza que sim. Mas duvido que sejam tão fanáticos como os daqui. E aposto qualquer coisa que não tem fanáticos preservacionistas que acham que colocar uma plaquinha de madeira na casinha de Will Rogers faz com que seja um monumento histórico em vez de um buraco de merda.

— Sério? A casinha dele?

Ele levantou três dedos.

— Pela honra dos escoteiros.

— Agora sei que você está tentando zombar de mim. Você nunca foi escoteiro.

Ele desejou poder capturar este momento, o brilho de brincadeira em seus olhos, a cadência lúdica de sua voz, a intimidade de estarem sentados juntos debaixo de um céu estrelado, para que pudesse reproduzi-lo sempre que se sentisse solitário ou desencorajado.

Ela estremeceu novamente e, desta vez, ele não hesitou.

— O que você está fazendo? — ela perguntou.

Em vez de responder, ele levantou-se e foi até ela, sentando ao seu lado, envolvendo um braço ao redor da sua cintura e alinhando seus corpos de modo que suas costas descansaram contra seu peito.

Através da dupla camada do xale e do vestido de seda, ele podia sentir a tensão rígida em seus músculos. Seus lábios roçaram a nuca exposta, a respiração quente agitando os finos cabelos que tinham escapado de seu penteado.

— Melhor?

— Zach — ela disse em uma voz estrangulada.

— Shh. Está tudo bem. Só quero te abraçar.

Seu traseiro moveu-se contra sua pélvis. Ele abafou um gemido e apoiou a mão sobre a barriga dela, acalmando o movimento. O aroma dela nublou seus sentidos: flor de laranjeira, jasmim e uma pitada de baunilha.

— Zach.

— Dê-me um minuto, Angel.

Ele podia sentir sua respiração.

— O que acontecerá se rescindirem seu CD?

Ele fechou os olhos e esfregou a pele macia onde seu pescoço encontrava o ombro.

— Vamos processar a cidade por quebra de contrato.

Ela virou a cabeça para olhar para ele.

— Eles vão fazer com que você reduza o projeto. Sabe disso, não é?

— Talvez.

— Não há talvez sobre isso, Zach. Foi o que eles fizeram no passado em circunstâncias semelhantes.

— Eles ainda estarão violando o contrato. — Ele se apoiou em um cotovelo. — E se tivermos que alterar nossos planos para conseguir aprovar um novo CD, você basicamente perde seu caso.

— Nós sempre podemos alterar a queixa.

— E o juiz sempre pode decidir não aceitar seu caso.

Ela empurrou o cotovelo em seu estômago e moveu-se até ficar sentada.

— Angel, vamos lá, seja razoável.

Ela rejeitou sua tentativa de atraí-la.

— Aconteça o que acontecer com o conselho da cidade, este caso não vai simplesmente morrer.

Zach suspirou e sentou-se, observando-a passar os pés por baixo da chaise, em busca dos seus sapatos.

— Não se pode impedir o progresso, Angel, não importa quantas leis você tente usar a seu favor.

Ela enviou-lhe um olhar mordaz.

— Talvez não. Mas certamente posso desacelerar as coisas e tornar o processo muito doloroso e caro para você.

— Voltamos a negociar? Certo, vamos lá. Quanto? Mais cinquenta mil para sua cliente? Setenta e cinco?

Ela encontrou seus sapatos e levantou-se, puxando o xale sobre seus ombros.

— O que você não parece entender, Zach, é que não se trata apenas de dinheiro.

— Oh, por favor. — Ele se levantou e ajeitou o paletó. — Sempre tem a ver com dinheiro.

Ela se virou e caminhou em direção à casa, uma mão segurando os sapatos ridículos e a outra mantendo o xale fechado contra a brisa.

Zach falou após ela dar alguns passos.

— Certo, você tem minha atenção. Diga-me do que se trata.

Angie abrandou, depois parou.

— Os Callahans precisam ficar em Santa Monica. Ele tem câncer de pulmão em estágio IV. Acabou de iniciar a quimioterapia e está entrando e saindo do hospital de Santa Monica o tempo todo.

Merda. Não é de se admirar que Phyllis Callahan estivesse inflexível sobre ser realocada. Pena que isso não tivesse chegado ao seu conhecimento antes. Toda esta situação poderia ter sido evitada.

Agora que a LQAC tinha sido invocada, no entanto, não havia como voltar atrás. Se as acusações de violações que estavam recaindo sobre a S&L fossem reais ou inventadas pela ação judicial, a questão tinha que ser resolvida. E o momento não poderia ser pior. Com a reunião do conselho da cidade logo após uma eleição crucial, a ação de Angie tinha garantido que não só este, mas todos os acordos de desenvolvimento da S&L ficassem sujeitos a um intenso e, provavelmente desfavorável, escrutínio. Era como entalhar um oponente com canivete e, em seguida, jogá-lo em águas infestadas de tubarões. Mesmo que eles conseguissem resolver o caso imediatamente, seria difícil de conter o dano. Um *band-aid* sobre a ferida não manteria os tubarões na baía.

Zach passou a mão pelo cabelo.

— Sinto muito, Angie. Gostaria que você tivesse me dito isso antes.

— Teria feito alguma diferença?

Descarregar sua frustração era inútil. Iria apenas antagonizar Angie e, no momento, era a última coisa que ele queria fazer. Ele analisou suas opções.

— E se nós garantíssemos que sua cliente e o marido tenham um imóvel pelos próximos dois anos?

— Eles precisam ficar em Santa Monica.

— Ok.

— Cinco anos.

Ele franziu a testa.

— Entendi você dizer que marido dela estava à beira da morte.

— Sim, mas ela não está.

— O projeto será concluído em três anos.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Não se o conselho da cidade rescindir seu CD.

Ele estava começando a se arrepender do fato de ter compartilhado isso com ela.

— Vamos renegociar com eles. Vai ser um pé no saco, mas vamos conseguir alguma coisa.

— Certo. Quero a garantia de que os Callahans terão acesso a uma das unidades, a preço acessível, quando o projeto estiver concluído e um local para morar neste íterim.

— Amplo demais. E se a construção levar mais tempo?

— O que você quer?

— Três anos — disse ele. — E as despesas de realocação. Essa é a minha oferta final.

Ela assentiu com a cabeça e, em seguida, minou a sensação de triunfo dele ao acrescentar:

— E quanto ao resto? O número total de unidades de habitação a preços acessíveis? O congestionamento do tráfego?

Ele apertou a mandíbula.

— SÉrio, Angel? Você vai realmente debater o uso da terra e impactos ambientais comigo?

— É uma questão de LQAC, caso você tenha esquecido.

— Não — disse ele. — Não é.

Uma rajada de vento fez com que os cachos de Angie se soltassem, balançando em seu rosto. Ela encolheu os ombros sob o xale.

— Chega — Zach disse, passando um braço ao redor dela. — Está frio aqui fora. Vamos para dentro.

Ela endureceu, mas depois de uma ligeira hesitação permitiu que ele a conduzisse de volta para a casa. Quando alcançaram as escadas, ela parou e se recusou a ir mais longe.

— Angel?

— Não posso entrar assim?

— Por que não?

— Meus pés estão sujos. Preciso de uma toalha ou algo para limpá-los antes de me calçar.

Zach olhou para seus pés descalços. Tinha o peito do pé estreito graciosamente arqueado e as unhas dos pés pintadas em um pêssego pérola que brilhava sob a luz fraca. Ele nunca tinha tido fetiche por pés, mas no momento poderia, definitivamente, entender o apelo.

Não havia quase mais ninguém no terraço. Provavelmente estavam começando a servir o jantar dentro da casa. Ele limpou a garganta.

— Fique aqui. Volto já.

Então, sem esperar para ver se ela seguiu suas instruções, ele correu até as escadas.

Sentia-se como uma idiota, ali, tremendo no vento forte. Zach provavelmente estava certo. Pelo menos, sobre os sapatos. Ela deveria relegar todos os seus sapatos de salto alto para o fundo do armário. Ou, melhor ainda, vendê-los on-line e doar o dinheiro para a caridade.

Ela olhou ao redor, perguntando se havia uma porta de entrada de serviço na qual pudesse se esgueirar, em vez de esperar Zach retornar.

Mesmo que a casa pertencesse a sua cunhada, esta era a segunda vez que Angie entrava ali. A primeira tinha sido há quase quatro anos, no casamento de Grace e Logan. Pena que ela não pensou em pedir para fazer um tour na casa naquela época.

Ela seguiu pela lateral, por um longo caminho de pedra pavimentada que desaparecia ao redor da casa.

— Eu deveria ter imaginado que você não seguiria instruções — disse Zach.

Ela se virou e quase tropeçou quando percebeu que ele estava bem atrás dela.

Ele a agarrou pelo braço.

— Você não deve aparecer atrás de uma pessoa assim.

— Aqui, encontrei alguns guardanapos de linho. — Ele avaliou o vestido justo. — Vem, segure em meus ombros.

Ele se ajoelhou e estendeu a mão para seu tornozelo. Sua pele queimou no ponto de contato. Angie apertou o ombro de Zach em busca de apoio, olhando para o topo da cabeça dele enquanto se inclinava para cumprir a tarefa.

— Fique quieta — ele rosnou quando ela se contorceu em seu aperto.

— Está fazendo cócegas.

Ele apertou seu tornozelo e usou um grande guardanapo de linho para limpar a sujeira e umidade de seu pé, esfregando cuidadosamente cada dedo antes de espalhar um guardanapo limpo no chão para ela pisar, repetindo o processo com o outro pé.

Ela engoliu em seco quando ele olhou para cima, seus olhos brilhando com alguma emoção reprimida. Ainda podia sentir o calor de sua mão, o formigamento onde seu polegar acariciou a pele sensível.

— Solte.

Ela piscou.

— O quê?

— Deixe de lado os sapatos — repetiu ele.

Ela soltou as tiras. Quando ele a ajudou a calçá-los novamente, seus dedos tateando as tiras delicadas, Angie se perguntou se havia bebido muito vinho. Como explicar Zach ajoelhado diante dela como uma espécie de príncipe encantado? Tinha que ser uma alucinação induzida pelo álcool. A qualquer momento, esse quadro se dissiparia, e ela acordaria com a mãe de todas as ressacas.

— Pronto. — Zach pigarreou, enrolou os guardanapos em uma mão e levantou-se. — Prontinho.

Ela sacudiu sua estupefação.

— Obrigada.

— Pronta para entrar?

Será que ela realmente queria passar as próximas horas em um salão lotado, fingindo desfrutar de uma noite repleta de celebridades querendo se exhibir, mesmo que fosse por uma boa causa?

— Acho que vou pular o jantar — disse ela.

— Não está com fome?

— Não. — Pelo menos não de comida. Oh, Deus. O que havia de errado? Ela precisava se afastar dele antes que seus desejos tomassem o controle e tentasse transformar seu conto de fadas em realidade.

Sua mão tocou a parte inferior das costas.

— Vou acompanhá-la até seu carro.

— Você não precisa... — Sua voz foi sumindo ao notar o calor em seu olhar.

Eles seguiram até as escadas, onde ele fez uma breve pausa para entregar os guardanapos sujos para um dos funcionários da equipe de limpeza. Ao passarem pelo salão de baile, o som de riso seguidos de aplausos fluía pelas portas abertas.

Zach inclinou a cabeça para ela.

— Última chance de mudar de ideia.

— Não, obrigada.

Eles saíram pelo saguão de mármore, onde outro membro da equipe, uniformizado e com um discreto fone de ouvido, abriu a porta da frente e desejou-lhes boa noite. Um funcionário do estacionamento se aproximou da calçada.

Angie se atrapalhou ao pegar o bilhete na bolsa preta de cetim pendurada em seu pulso.

Enquanto esperavam o manobrista voltar com seu carro, uma rápida sequência de flashes explodiu nas proximidades. Zach puxou-a para o abrigo de seu abraço, seus lábios tocando suavemente sua orelha.

Ela pressionou-se contra ele, absorvendo o calor de seu corpo.

— Eles vão se decepcionar quando perceberem que não somos celebridades.

O riso baixo provocou um frio no estômago dela.

— Quer dar-lhes algo que vale a pena fotografar?

Antes que ela pudesse entender o sentido de suas palavras, ele enterrou os dedos em seus cabelos e cobriu sua boca com a dele. Seus lábios se abriram sob a língua insistente de Zach, e então ele entrou, roubando sua respiração e todo seu pensamento. Ela se esqueceu de que estavam em pé no meio da calçada, à vista de sabe-se lá quantos paparazzi acampados do lado de fora de um dos endereços mais chiques de Santa Monica. Esqueceu todos os motivos pelos quais esse beijo era errado enquanto o prazer vibrava em seu corpo, martelando seu coração e incendiando cada ponto que as mãos dele tocavam.

Ele afastou-se, estabilizando-a com um aperto firme em seus quadris até que o ar fresco e o som de um carro aproximando-se do meio-fio soou.

— Quer que eu dirija?

Ela piscou para ele. Por um breve momento, ela quis dizer que sim. Desejando que sua oferta significasse que ela não passaria a noite sozinha. Então, a realidade intrometeu-se e ela soltou-o levemente.

— Você só quer colocar as mãos sobre meu Tesla — ela disse baixinho, referindo-se ao carro.

— Tem razão. — O sorriso lento quase derreteu a determinação dela. — Eu adoraria colocar minhas mãos no seu Tesla.

Ah, cara. Ela estava, definitivamente, em apuros. Precisava colocar as coisas de volta nos trilhos e lembra-lo, bem como a si mesma, que antes de acontecer qualquer coisa, eles ainda tinham negócios inacabados para resolver.

— Vou falar com a Sra. Callahan novamente. — Ela deu um passo para trás. — Nos vemos na audiência.

Seu sorriso desapareceu.

— Será só daqui doze dias.

— Eu sei. — E então, como ela não podia resistir e Zach não era o único que sabia jogar sujo, ficou na ponta dos pés e deu um beijo rápido em seus lábios. O gemido baixo dele e a pressão dos dedos em seus quadris a fizeram questionar sua sanidade. Doze dias parecia um tempo longo demais para ficarem afastados.

Bom, ela já tinha esperado treze anos. Adiar por mais duas semanas, mais ou menos, não iria matá-la.

Assumindo que Zach ainda queira sair com ela depois que tivessem resolvido o caso.

Capítulo Dezesseis

— Ela quer *o quê*?

Zach repetiu calmamente os termos de Angie.

Tom bateu os dedos no braço de sua cadeira enquanto Zach falava.

— Mas isso é um absurdo — Bob Geller falou. — Subsidiar aluguel daquela mulher durante três anos, com as taxas de mercado de Santa Monica? Ainda assumir as despesas de deslocação e honorários advocatícios? Tem certeza de que não pode negociar um acordo melhor que esse?

Zach reprimiu um surto de irritação. Ele sabia que Bob tinha boas intenções. O homem tinha sido importante para o crescimento da S&L durante a última década, supervisionando vários dos maiores projetos da empresa. Mas dados os problemas que Zach encontrou desde que o processo começou, ele se ressentia de ter de justificar-se mais uma vez.

Manteve seu tom de voz ao reiterar:

— Sei que é muito dinheiro. Mas se considerar o que vamos perder a cada dia com o atraso, bem como o fato de que esse tipo de litígio pode se arrastar por anos, acho que estamos, na verdade, lucrando. Lembrem-se que até que entremos em acordo ou formos a julgamento, uma liminar nos impede de fazer qualquer coisa.

Isso amorteceu a discussão até que, finalmente, Tom quebrou o silêncio.

— Se concordarmos com isso ela vai abrir mão das outras coisas?

— Provavelmente, sim — Zach respondeu. — Mas podemos ser forçados a reduzir o projeto.

— O que quer dizer com “forçados”? — Bob perguntou. — Se ela aceitar o acordo, deve ser o fim.

— Não exatamente. — Zach relatou os rumores que tinha ouvido falar sobre o conselho da cidade.

— Burocratas filhos da mãe — Tom murmurou. — Você acha que vai acontecer?

Zach deu de ombros.

— É claro que vou processar se eles tentarem quebrar o contrato.

— Vai significar mais atrasos — disse Bob. — Mais despesas. Não podemos sustentar isso a menos que tenhamos um parceiro de peso. Tudo que precisamos é de uma grande rede varejista disposta a ser a loja âncora do empreendimento. Ou uma empresa que pretenda expandir substancialmente seu escritório.

— Por falar nisso — disse Tom. —, como estão as negociações com o pessoal da Megadata Analytics?

Bob balançou a mão.

— Eles estão interessados em estabelecer uma filial costa oeste, mas não tenho certeza de que será em Santa Monica. O CEO enviou seu sobrinho aqui para fazer o reconhecimento, e o garoto ainda parece estar em choque com o custo dos imóveis na região.

— Eles não têm sede em Nova York? — Tom perguntou. — Os preços não são muito diferentes.

— É verdade, mas seu escritório de Nova York é muito pequeno — disse Bob. — A sede da empresa fica em uma cidade interiorana no centro da Pensilvânia. Dá para comprar cem acres de

terra com o equivalente a um único mês de aluguel de um apartamento de três quartos em Santa Monica.

Tom inclinou-se para frente.

— O que você acha que pode garantir seu interesse?

— Não sei — disse Bob. — O garoto acabou de sair da faculdade. Talvez Zach possa levá-lo por aí para que ele se divirta. O que acha, Zach?

Zach balançou a cabeça.

— Estou um pouco velho para boates.

— Estava pensando em algo que deixasse o garoto bêbado e descontraído.

— Sério? — O que era isso, Mad Men? De alguma forma, Zach duvidava que embriagar-se com um cliente potencial era a melhor maneira de conquistar um contrato.

— Seu nome é Matthew Kane. — Bob pegou seu telefone celular. — Pronto, mandei seu contato.

— Vou falar com ele — disse Zach. — Mas isso é tudo. Agora, podemos voltar ao assunto?

Uma hora depois, após estabelecerem estratégias, Zach estava pronto para encerrar o dia.

— Quer jantar? — ele perguntou ao pai assim que deixaram o escritório.

— Não tem um encontro quente ou algo assim?

— Não esta noite.

— Parece ser assim a maioria das noites. Pelo menos, ultimamente — disse Tom. — Quer me dizer o que está te incomodando?

Zach desacelerou enquanto se aproximavam da esquina.

— Por que acha que algo está me incomodando? — Ele apertou o botão do sinal de pedestres.

— É segunda.

— Sim, e daí?

— Nós normalmente jantamos juntos na quarta-feira.

Zach apertou o botão do sinal novamente.

— O que foi? Não posso convidar você para jantar na segunda-feira sem que você ache que tem algo de errado?

Tom sorriu.

— Se você apertar o botão novamente, quem sabe desta vez ele fique verde.

Zach abaixou a mão.

— Quer ir ao Chaya? Devem estar abrindo agora mesmo.

— Claro, por que não? — Tom esperou até estarem sentados no interior do restaurante antes de levantar o tema novamente. — Você parece um pouco tenso nas últimas semanas, filho.

Zach leu o menu.

— O bacalhau preto parece ser bom. O que você vai pedir?

— Filé mignon. — Ante o olhar aguçado de Zach, Tom suspirou. — Ah, droga. Acho que vou de salmão grelhado.

— Boa escolha. — Zach chamou a garçonete. Dentro de minutos, ela entregou as bebidas, anotou seus pedidos e recolheu os cardápios.

Quando ela desapareceu em direção à cozinha, Tom cutucou.

— Você viu aquilo?

— O quê?

— A garçonete. Estava te olhando.

— Do que você está falando?

Tom ergueu as sobrancelhas.

— Agora sei que algo não está certo. Sabe que pode me dizer qualquer coisa, Zach.

— Jesus, pai, me dê um tempo. Estou bem. Só estou preocupado com esse projeto, ok?

— Isso é tudo?

— Sim.

— Achei que talvez você estivesse preocupado com a ação judicial.

Zach encolheu os ombros.

— Talvez. Um pouco.

— Você quer que eu fale com Eva e veja se ela pode conversar com Angie?

Zach bufou.

— Boa sorte com isso.

— Você não acha que isso vai ajudar?

— Acho que Angie tem opinião própria.

— Sim — Tom concordou. — Mas ela e Eva são muito próximas. E sempre tivemos um bom relacionamento.

Era estranho ouvir isso da boca do seu pai. Mais estranho ainda era que ele concordava com a avaliação de Tom. Ele tinha sido a rocha de Eva durante a turbulência da doença de seu primeiro marido e seu vínculo transcendeu qualquer disputa após a morte de Roger. Mesmo agora, anos depois, Tom e Eva permaneceram bons amigos.

Isso apesar do fato de que Zach e Angie tinham antagonizado praticamente desde o momento em que se conheceram, como lutadores avaliando a oposição. E antes de Angie processar a empresa.

O problema era que Zach não se sentia como se estivesse lutando contra ela. E estava com medo de que o que o seu pai estava propondo prejudicasse qualquer passo que Zach e Angie tinham conseguido dar.

— Não sei, pai. — Ele mexeu o gelo no copo de água. — Acho que você está pedindo para ter problemas agindo pelas costas de Angie e tentando envolver Eva.

Para Zach, Angie entenderia isso como um movimento manipulador, dissimulado, ou pior, uma traição ao acordo informal que tinham feito. E claro, o culparia.

Ele se recusava a jogar sujo com ela. Se eles tivessem alguma chance de fazer as coisas darem certo, seja lá o que havia entre eles, tinha de ser totalmente honesto com ela. Mesmo que isso significasse lhe dar uma potencial vantagem.

Tom olhou para ele especulativamente.

— Você acha?

— Confie em mim, pai.

— Tudo bem. — Tom olhou para cima quando a garçonete se aproximou com uma cesta de pão fresco e patê de azeitona.

— Posso fazer algo mais por vocês?

Tom sorriu.

— Na verdade, meu filho e eu estamos discordando sobre algo. Espero que você possa nos ajudar.

A mulher olhou para Zach, que franziu a testa. Infelizmente, a expressão não teve nenhum efeito sobre seu pai ou a garçonete. Ela colocou o bloco de pedidos em um bolso frontal de seu avental e

endireitou os laços em torno da sua cintura estreita.

— Posso tentar.

— Seu sotaque — Tom continuou. — Zach acha que é da Geórgia. Eu voto na Carolina do Sul. A mulher colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e sorriu.

— Desculpe-me, Zach, mas seu pai está certo.

Zach deu um olhar irritado para o pai.

— Obrigado por esclarecer isso.

Tom chutou-o por debaixo da mesa e disse:

— Você vai ter que desculpar meu filho. Ele é um pouco tímido com mulheres bonitas.

— Ah, que fofo. — Ela sorriu novamente para Zach. — O jantar deve ser servido em breve.

Precisam de algo mais nesse meio tempo?

No momento em que ela se foi, Zach fez uma careta para seu pai.

— Que diabos foi isso?

— A mulher estava praticamente babando em cima de você. Você não podia, pelo menos, abrir um sorriso?

Zach mordeu um pedaço de pão com patê.

— Não preciso que meu pai paquere mulheres por mim.

— Nada de encontros quentes. Nem ida a boates. Sem interesse em alguém específico. — Tom marcou os pontos em seus dedos. — Você não está doente, não é?

— Não que eu saiba.

Tom sentou-se.

— Merda. Não me diga que você é gay...

Zach fez uma pausa no processo de dar uma mordida. Pela primeira vez naquela noite, sentiu uma verdadeira faísca de humor.

— Sim, papai. Demorei trinta e cinco anos para descobrir isso.

— Puta merda. Sério?

Zach voltou a comer.

— Não é grande coisa.

— Preciso de uma bebida — Tom murmurou, levantando o braço.

— Não, você não precisa — disse Zach. — Você não pode beber, lembra?

— Isso foi antes de eu descobrir que não teria netos.

— Netos? — Zach empalideceu. — Jesus, quem falou alguma coisa sobre netos?

Ele e Angie não tinha sequer dormido juntos e seu pai estava falando filhos? Isso era pior do que abrir um livro e encontrar nada além de "Fim" impresso dentro.

Claro, ele e Angie pareciam soltar faíscas sempre que estavam na mesma sala. Mas isso não era garantia de compatibilidade de longo prazo, e muito menos de um futuro em comum.

Ele não tinha ideia se Angie queria ter filhos. Talvez, ela estivesse tão focada em sua carreira a ponto de não se interessar por nada que pudesse competir por seu tempo e atenção. Algumas mulheres eram assim. Ele saiu com algumas que eram. Inferno, sua própria mãe tinha sido um excelente exemplo de alguém que nunca deveria ter tido filhos. Quando ele disse a Angie que sua mãe não tinha um único osso maternal em seu corpo, ele não estava brincando. E ele não tinha como saber se Angie era como ela. Pelo menos, não sem conhecê-la melhor.

— Você está me sacaneando — disse Tom — com essa coisa de gay, não é?

Zach suspirou.

— Se eu te disser a verdade, vai parar de tentar me arranjar um encontro?

— Pode apostar.

— E não vai mais falar sobre netos.

— Agora, espere um minuto...

— Estou falando sério, pai.

Tom abriu a boca, em seguida, olhou por cima do ombro de Zach.

— Parece que a nossa comida chegou.

Comeram em silêncio durante vários minutos antes de Tom largar o garfo.

— É prerrogativa dos pais se preocuparem.

— Você pode ficar tranquilo, pai. Eu estava brincando.

— Ótimo. — Tom assentiu. — Que bom.

Zach o viu mexer com os talheres.

— Algo de errado com a comida?

— Não. — Ele deu uma mordida, mastigou e, em seguida, colocou o garfo de lado novamente. —

Sabe, Zach, tinha que ter dito isso há muito tempo. Sua mãe e eu fizemos um desserviço a você, mostrando-lhe todas as maneiras que um casamento pode dar errado. Me desculpe por isso. Mas só porque nós fizemos besteira, não significa que você não pode encontrar a felicidade com a mulher certa.

— Achei que tínhamos concordado que você iria parar de tentar me arrumar alguém, pai.

— Tudo o que estou dizendo é que você tem que, pelo menos, tentar. Quero que você seja feliz, filho. Isso é tudo. Não é pedir muito, não é?

Zach engoliu. Pela primeira vez, ele não tinha uma resposta pronta.

Capítulo Dezessete

A audiência de conciliação ocorreu no tribunal Stanley Mosk, no centro da cidade. O juiz conversou com cada uma das partes separadamente antes de juntá-los no final do dia para elaborar os detalhes.

As coisas evoluíram bem, com exceção de um breve momento no início do processo quando pareceu que Phyllis Callahan estava tendo dúvidas. Angie olhou para Naomi, que ergueu as sobrancelhas e deu um leve aceno com a cabeça.

— Sra. MacDowell — chamou o juiz Rosenberg, tirando os óculos de leitura e franzindo a testa para Angie. — Por favor, explique para sua cliente que ela não receberá uma oferta melhor mais para frente. E francamente, tenho que dizer que, neste caso, deixar ir a julgamento seria um erro. Mas se sua cliente quiser seguir em frente e tentar algo no julgamento, não há porque desperdiçar ainda mais nosso tempo por hoje discutindo sobre os termos.

Angie pediu um recesso de quinze minutos para discutir as coisas em particular com a Sra. Callahan. Ela explicou que as chances de conseguir algo melhor e ter um veredito favorável na corte eram mínimas e que, provavelmente, perderiam o acordo.

A repórter da corte foi, finalmente, chamada para documentar o acordo, incluindo o aviso legal de que aquilo não era uma admissão de irregularidade por parte da S&L, e que os termos deveriam ser confidenciais.

— Sra. Callahan — chamou o juiz. — A Sra. entende e concorda com os termos como indicado? Ela olhou para Angie, que lhe deu um aceno encorajador.

— Sim, meritíssimo.

— A Sra. entende que esta solução põe fim às suas reivindicações e que a senhora não pode reabrir o caso em uma data posterior ou arquivar outra ação decorrente desta mesma disputa?

— Sim, senhor.

— E quanto a você, Sr. Stewart? — O juiz fez as mesmas perguntas a Tom.

— Entendo e concordo, Meritíssimo.

Angie deu um suspiro de alívio. Claro, ainda havia a papelada adicional para completar e arquivar, incluindo a documentação para a transferência formal de pagamentos de liquidação e o financiamento de uma conta caução para cobrir o aluguel dos Callahan pelo período acordado. Mas o processo em si estava oficialmente terminado.

Em meio ao arrastar de cadeiras, ela olhou dissimuladamente para Zach. Ele se levantou e apertou o ombro do pai, acenando com a cabeça em resposta a algo que Tom lhe disse em voz baixa.

Ela havia conseguido evitar olhar para ele durante a maior parte do processo, concentrando-se nas anotações na sua frente ou no que o juiz estava dizendo. Mas agora, enquanto agradecia ao Juiz Rosenberg e concordava em transmitir seus cumprimentos a seu pai, seus olhos voltaram-se para Zach.

Será que o fim do caso também sinalizaria um fim ao seu interesse por ela? Ele afirmou, em várias ocasiões, que não tinham nada a ver com o outro. Mas como ele não tinha olhado uma vez sequer em sua direção, ela se perguntou.

— Vamos? — perguntou Naomi.

Angie colocou a bolsa no ombro e seguiu Naomi e a Sra. Callahan até a saída. Ela estava no meio do corredor quando sentiu um formigamento familiar na parte de trás de seu pescoço.

Uma mão quente tocou sua espinha.

— Parabéns.

Ela olhou de soslaio para ele, quase tropeçando quando viu o calor em seus olhos.

— Obrigada.

— Te ligo mais tarde, ok?

Seu senso de euforia estava completamente fora de proporção com relação às suas palavras. Ela se sentia como uma adolescente, suspirando por sua primeira paixão. Ridículo. Ela nunca cedeu tanto controle a qualquer homem. Especialmente quando o homem em questão só se relacionava a curto prazo.

Ela forçou um tom neutro.

— Tudo bem. Ainda temos alguns detalhes para acertar.

Seu sorriso diminuiu um pouco e ele olhou na direção onde Naomi estava, observando-os com as sobrancelhas levantadas.

— Claro. — Ele balançou a cabeça e virou-se para se juntar a seu pai, que estava acabando de sair sala do juiz.

Capítulo Dezoito

Eram quase dez horas quando o celular dela tocou com uma mensagem de texto de Zach.

Ainda acordada?

Ela pensou por dois segundos antes de responder:

Prestes a ir para a cama.

O telefone tocou.

— O que você está vestindo?

Ela olhou para a camiseta desbotada da UCLA e o short.

— Meu Jimmy Choos e uma camisola de seda preta.

— Jesus. Sério?

Ela sorriu e caminhou até o banheiro.

— Hum-hum. — Colocando o aparelho no viva-voz, ela estendeu a mão e pegou a pasta de dentes.

— E quanto a você?

O zumbido baixo de sua escova de dentes elétrica vibrou no ar.

Ele limpou a garganta.

— O que você está fazendo?

Ela passou a escova sobre os molares inferiores, com a cabeça girando antes de responder.

— Use sua imaginação.

Ele amaldiçoou.

— Mande uma foto.

— Como assim? Estamos de volta à faculdade?

— Você está me matando, Angel.

— Você vai viver. E eu vou terminar de escovar os dentes e vou para a cama.

Houve um momento de silêncio e depois, uma risada profunda que fez seus braços arrepiarem.

— Menina malvada. Você me enganou por um minuto.

Ela abriu a torneira, bochechou e cuspiu.

— Então... Você vai me dizer por que ligou ou devo adivinhar?

— Quero ver você.

— Ok. — Ela olhou para o espelho. Tinha sido um longo dia de uma longa semana. E se ela fosse honesta, os últimos meses não tinham sido mais fáceis. Sem a maquiagem de costume, o rosto mostrava as devastações das muitas noites sem dormir. Ela apagou as luzes e levou o telefone para a cama. — Quando?

— Posso chegar aí em vinte minutos.

Ela fez uma pausa no processo de ajustar seus travesseiros e examinou o quarto.

Gavetas semiabertas, lotadas de lingerie, lenços e meias que ela nunca tinha tempo suficiente para organizar. Acessórios descartados, juntamente com os resíduos dos bolsos do casaco rapidamente esvaziados e bolsas cobriam o topo de sua escrivaninha. Canecas de café que ela precisava recolher e colocar na máquina de lavar estavam sobre cada superfície plana. Edições

anteriores dos Jornais de Santa Monica, da Ordem dos advogados, entre outros estava sobre a cabeceira e no chão.

Ela fechou os olhos e mentalmente imaginou o resto do seu apartamento. Não estava bonito. Exceto a cozinha que provavelmente ainda estava intocada desde a última vez que a senhora que faz a limpeza esteve lá. Isso se não contasse o lixo lotado de embalagens descartáveis e vazias de comida para viagem.

Levaria mais de vinte minutos para arrumar, raspar as pernas, e passar um pouco de maquiagem.

Mesmo que por algum milagre conseguiu isso, ela estava realmente pronta para uma rapidinha?

Seu olhar caiu sobre a gaveta do criado mudo parcialmente fechada. Debaixo de uma caixa de lenços e saco de pastilhas para a garganta, meio obscurecido por uma mistura de produtos de beleza, estava lá: uma caixa ainda fechada de preservativos. Ela puxou-o para fora. Droga. Vencido.

Seu silêncio deve ter se arrastado por muito tempo.

— Deixa — disse Zach. — Que tal um jantar amanhã à noite? Digamos, por volta das sete? Você escolhe o lugar. Algo silencioso.

— Você quer dizer como um encontro?

— Sim. Sabe como é. Comida, vinho, música suave. Quem sabe até conversarmos sobre algo que não seja direito imobiliário.

— Preciso comprar preservativos. — Maldição. Ela realmente acabou de dizer isso em voz alta? Zach gemeu.

— Angel, estou tentando ser um cavalheiro. Você está tornando isso muito, muito difícil.

Ela corou, lembrando da sensação dele pressionado contra ela, deixando-a saber, sem palavras, o quão duro ele poderia ficar. Sua respiração falhou.

— Certo.

— Vou desligar — disse ele. — Antes que você destrua todas as minhas boas intenções. Vou buscá-la em casa amanhã. Sete horas.

Zach ergueu a taça.

— A nós.

Angie retribuiu o brinde e tomou um gole de vinho.

Até agora, a noite não tinha sido nada como ela imaginou. Por um lado, Zach ainda não a tinha tocado, exceto para ajudá-la a entrar em seu carro esportivo rebaixado e para tirar o xale de seus ombros no momento em que entraram no restaurante. Por outro lado, ele estava sendo educadíssimo. Não havia um pinga da paquera usual, que ela estava esperando, nem mesmo menção ao passado. Na verdade, ele parecia estar evitando temas controversos.

Claro, ele era charmoso. E lindo de se olhar, especialmente quando ele despiu o casaco esporte, revelando um suéter polo sobre o jeans escuro que mostrava os músculos que tinha, sem dúvida, trabalhado muito para conquistar. Mas ela perdeu o velho Zach, aquele cuja inteligência e forma contundente mordaz parecia desafiá-la o tempo todo.

— Sabe — disse ela, incapaz de resistir a cutuca-lo um pouco. — Estou surpresa por você estar tão bem-humorado.

— Por quê?

— Bem, você acabou de perder um caso.

Seus lábios se curvaram, como se ela tivesse acabado de fazer uma piada.

— Você quer dizer que acabamos de resolver um caso.

Ela descartou, com um bater de dedos.

— Minha cliente conseguiu o que queria, no que ela lhe é agradecida, por sinal.

— Fico feliz por ter ajudado.

— Mas, falando sério, por que você não está chateado?

— Você está me dizendo que eu deveria estar chateado?

Ela encolheu os ombros.

— Eu provavelmente estaria, em seu lugar.

— Essa é uma das coisas que gosto em você, Angel. Você diz o que quer dizer. Sem timidez ou rodeios. — Ele girou o vinho no copo. — Tenho que admitir, estava bem irritado no início. Mas meu pai lembrou-me que às vezes temos de dar um passo atrás para dar dois à frente.

— Essa é uma atitude bastante madura.

— Também acho. Pelo menos você não usou isso como arma contra mim. Algumas mulheres teriam feito isso só para fazer o seu oponente se contorcer. Só porque elas poderiam.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Parece que você está saindo com as mulheres erradas.

— Sim — disse ele. — Estou começando a perceber isso.

Ela não conseguia pensar em uma resposta adequada. Sua sorte foi que o garçom chegou e parecia ter a intenção de descrever em detalhes os especiais da noite.

— Então, o que vem depois? — Ela perguntou quando acabaram de fazer os pedidos. — Você ainda tem que lidar com o conselho da cidade agora que as eleições terminaram?

— Sim, mas não é tão ruim quanto poderia ter sido.

— O que você quer dizer?

— Sabe que eles estão fazendo um estardalhaço sobre a possibilidade de rescindir nosso CD, certo?

Ela assentiu com a cabeça.

— Não temos nada por escrito, mas alguns membros indicaram que estão dispostos a renegociar o acordo para que possamos seguir em frente com o projeto. Desde que façamos algumas modificações.

— Como o quê?

— Novamente, isso é tudo conversa preliminar. Mas, possivelmente teremos que acabar convertendo uma parte do espaço comercial para uso residencial, para criar algumas unidades adicionais de habitação de baixa renda. Não tantos quanto você estava pedindo — disse ele, antecipando a sua próxima pergunta —, mas o suficiente para satisfazer o novo conselho da cidade. E, provavelmente, vamos adicionar outras duzentos e cinquenta e vagas de estacionamento subterrâneo. Isso deve ajudar a aliviar o congestionamento que você tanto reclamou.

Ela olhou para ele. A S&L iria voluntariamente fazer as alterações que Angie e sua cliente tinham solicitado na ação judicial? Certo, talvez em uma escala menor, mas ainda assim! Inacreditável. Ela não se importou com comentário sarcástico de Zach. Na verdade, a volta de seu sarcasmo foi um alívio bem-vindo. Pelo menos, era algo familiar no meio de uma mudança que estava ocorrendo tão inesperadamente.

— Uau — ela finalmente disse. — Como tudo isso aconteceu?

Ele terminou seu vinho e serviu-se de um pouco mais.

— Aparentemente, enquanto você e eu estávamos trancados com o juiz, o nosso vice-presidente de Desenvolvimento estava negociando com uma empresa em expansão da área de alta tecnologia que quer expandir suas operações para a Costa Oeste. Conversei com o CEO mais cedo, hoje, e estamos muito perto de assinar um contrato de arrendamento de longo prazo. Se isso acontecer, conseguiremos recuperar todas as perdas decorrentes da conversão.

Não admira que Zach não parecia particularmente perturbado pelas concessões que a S&L estava sendo forçada a fazer.

— Soa como um ganha-ganha — disse ela.

— Estamos esperançosos.

Quando ele sorriu, Angie notou que seu canino superior esquerdo tinha uma leve imperfeição. Era tão pequeno que ela não teria visto se não estivesse prestando tanta atenção. Mas isso não estragava sua aparência, muito pelo contrário. Na verdade, isso aumentava seu apelo, fazendo-o parecer um pouco mais humano.

Ela se perguntava como tinha acontecido. Esperou até que o garçom servisse a comida e, em seguida, perguntou.

— Você joga hóquei?

Ele arqueou a sobrancelha para a estranha pergunta.

— Não mais. Por quê?

— Você tem uma pequena falha aqui. — Ela apontou para seu próprio dente correspondente.

— Ah. — Ele cortou um pedaço do *scaloppine al limone*. — Nada a ver com hóquei.

— Certo, agora você me deixou curiosa.

— Eu caí. — Ele apontou para o prato dela. — Como está o nhoque?

— Ótimo. Quer provar? — Ela ofereceu-lhe um pouco em seu garfo.

Ele passou uma mão ao redor da dela e inclinou-se. Ela prendeu a respiração quando os lábios fecharam.

— Bom? — ela perguntou quando ele finalmente soltou sua mão.

Ele terminou de mastigar.

— Muito bem.

— Estava falando sobre a sua história. Você não pode simplesmente parar no meio.

Ele voltou a comer sua própria entrada.

— Eu costumava trabalhar em construções durante os verões. Seja qual fosse o projeto que a S&L estivesse trabalhando, eu estava lá. Conhecendo o negócio do zero.

— Quando você não estava por aí, curtindo as noites.

— Certo. — Ele abriu o sorriso novamente.

Ela podia imaginá-lo perfeitamente: quente, suado, músculos ondulando a cada movimento. Vestindo apenas calça jeans baixa, botas de trabalho pesadas e um cinto de ferramentas. Oh, Deus.

— Então, um dia — continuou ele — estávamos colocando telhas em uma casa. Eu escorreguei.

— Você o quê? — A imagem da sua fantasia desbotou. — Meu Deus. Quantos anos você tinha?

— Dezessete ou dezoito. Não foi grande coisa.

Ela olhou para ele, chocada com sua atitude casual.

— Como pode dizer que não foi grande coisa? Você caiu de um telhado.

— Não caí — disse ele. — Papai é um defensor ferrenho de segurança. Eu estava usando um cinto de segurança ligado a uma âncora segura. Além de alguns pequenos arranhões e contusões, fiquei bem.

Ela soltou um suspiro. É claro que ele ficou bem. Ele estava sentado em frente a ela na mesa, desfrutando da sua vitela e bebendo um adorável Cabernet Sauvignon de Napa Valley, calmamente negando provimento a um acidente que poderia, facilmente, tê-lo matado.

— Ei. — Ele estendeu a mão sobre a mesa para segurar a dela. — O que está acontecendo? Você parece um pouco pálida.

— Me desculpe. É apenas...

— O quê?

Ela balançou a cabeça, sentindo o conforto da sua mão sobre a dela, o calor de sua pele, a sensação do polegar dele roçando seus dedos.

— Estou contente que você esteja bem.

Ele a olhou com o cenho franzido, como se nunca tivesse ocorrido a ele que qualquer outro resultado fosse possível.

— Bem — disse ele. —, agora você sabe a história completa.

Ela se perguntou que outras histórias estavam enterradas por trás da fachada urbana que ele apresentava ao mundo. Quanto tempo levaria para descascar as camadas e conhecer o homem por baixo de tudo? E por que ela estava pensando em fazer isso?

Ela se afastou e pegou a água gelada. Isso era para ser uma aventura, não é? Uma oportunidade para, finalmente, entrar nas fantasias sexuais que ela tinha alimentado sobre ele por todos aqueles anos.

Seria rude pedir a conta e arrastar Zach até o espaço privado mais próximo que pudessem encontrar? Ela olhou para seu prato. Ainda meio cheio. Talvez eles pudessem fazer uma pausa rápida. O banheiro feminino era privado e tinha uma fechadura...

Isso era insano. Não era o tipo de comportamento que ela havia condenado nele há anos? Além disso, ela não tinha o costume de fazer sexo em locais públicos. Era tão... baixo nível. E ainda havia o fator limpeza. Sério, quem poderia saber que tipos de germes teriam na porta de um banheiro público? Mesmo em um restaurante sofisticado como este? Seu apartamento podia não ser arrumado, mas ela sabia que era limpo. E ela tinha trocado os lençóis hoje pela manhã.

— No que você está pensando?

Ela olhou para ele. Como ele reagiria se ela dissesse em voz alta: *Quero tirar as roupas do seu corpo e lambe cada centímetro de sua pele?*

Ela tomou um gole de água antes que deixasse escapar algo que não pudesse retirar depois. Resolveu, então, falar de um assunto seguro, perguntando sobre sua carreira.

— Como você acabou indo fazer direito?

Em vez de oferecer uma resposta simplista, Zach estudou-a por um longo momento.

— Meus pais se divorciaram quando eu estava na faculdade — ele finalmente disse.

Quando ele voltou a ficar em silêncio, Angie estimulou-o a continuar.

— E...?

— Você não conheceu minha mãe, não é?

— Não.

— Considere-se com sorte — disse ele. — Ela teve um problema real de gerenciamento de raiva. E controle dos impulsos. Era uma das razões para que meu pai me deixasse acompanhá-lo, mesmo quando eu era um garotinho. Era muito mais seguro estar em um canteiro de obras do que em casa com ela.

Angie não poderia imaginar como seria crescer em um ambiente como esse.

— Sinto muito.

Seus lábios se curvaram em um sorriso desprovido de humor.

— Eu costumava rezar para eles se divorciarem. Os pais de vários amigos eram divorciados e não parecia tão ruim. Então, quando fiz dez anos, encontrei-a com meu treinador de rugby e pensei: é agora que eles terminam.

— Mas não foi...?

Ele deu de ombros.

— A S&L estava apenas começando a dar lucro. Acho que ela não estava disposta a abrir mão disso. E meu pai estava trabalhando demais para prestar muita atenção.

— Dizem que o amor é cego.

— Deve ser surdo e mudo também, porque eles ficaram juntos mais uma década depois disso. Ela tinha uma coisa com esporte ou, pelo menos, com os treinadores. Depois do rugby, foi o futebol e depois, o beisebol. O único esporte de equipe que ela não conseguiu arruinar para mim foi o hockey. Suponho que seja porque o treinador era gay.

O contraste entre o que Zach estava descrevendo e própria infância feliz de Angie era tão gritante que ela se encontrou sem palavras. Assim como ela sabia que deve ter sido difícil para ele enquanto crescia, percebeu que ele não veria com bons olhos qualquer expressão de pena da parte dela. Seu orgulho, força de vontade e até mesmo sua atitude para com as mulheres eram, provavelmente, uma consequência direta dessas primeiras experiências, e tudo o que ela dissesse a esta altura não faria um pingão de diferença.

Mas o fato de que ele estava disposto a confiar nela o suficiente para se abrir assim, era a prova de que eles tinham dado um longo passo. Mas era o suficiente para que ela confiasse nele? Deveria anular tudo o que ela supunha sobre ele e baixar as defesas que tinha construindo ao longo dos últimos anos?

— De qualquer forma — Zach continuou —, ela continuou casada com meu pai. Quando finalmente se divorciaram, ela quase o faliu. Ele teve que lutar durante anos para se recuperar.

— Nunca soube disso. — Ela hesitou. Oh, para o inferno com a autocontenção. Se ele não quisesse que ela expressasse simpatia, ele poderia lhe dizer diretamente. Ela tocou a palma de sua mão, aliviada quando ele entrelaçou os dedos aos dela. — Sinto muito. Parece que você e seu pai tiveram momentos difíceis.

— Teria sido muito mais fácil se ele tivesse algum aconselhamento legal.

Seu joelho bateu no dela debaixo da mesa, e ela teve de lembrar-se de respirar.

— Então, você decidiu que queria ter mais conhecimento legal do que seu pai teve?

— Algo assim.

— Mas por que direito imobiliário? Por que não direito de família?

Ele olhou para ela.

— Poderia te perguntar a mesma coisa.

Ela baixou os olhos para suas mãos unidas. Parece que o momento de ele fazer confissões tinha acabado. Não que ela se importasse. Ele já tinha falado muito mais do que ela esperava.

Um tremor a percorreu enquanto ele acariciava a pele sensível de seu pulso. Ela limpou a garganta.

— Eu meio que caí nesta área quando estava na Baker & Roth. Então, percebi que gostava. É bom quando você pode fazer o que gosta.

— Claro — ele concordou.

— Então, você gosta de trabalhar na S&L?

Ela viu seu rosto iluminar-se enquanto falava sobre a corrida para negociar uma aquisição, a participação em todas as fases de planejamento, design, construção e, finalmente, ver um pedaço de terra ser transformado em algo bonito.

Quando o garçom veio limpar a mesa e oferecer-lhes o menu de sobremesa, ela suspirou e relutantemente recusou.

— Você não pode deixar de experimentar o *Tiramisu* — disse o homem enquanto limpava a toalha da mesa. — E se gosta de chocolate, deve tentar o *Tartufo* di Cioccolato. É gelato de chocolate mergulhado em chocolate ao leite, coberto com chocolate granulado e servido com calda de chocolate.

Angie mal registrou sua descrição. Pela primeira vez, comida, até mesmo uma sobremesa de chocolate, despertou pouco interesse nela. Como podia, quando toda a sua atenção estava concentrada no homem sentado à mesa com ela?

O homem que estava, neste exato momento, inclinado para a frente, perguntando:

— O que você gostaria?

O que ela gostaria era de encerrar este jantar e ter Zach nu em sua casa. Ela recuperou o fôlego, dizendo que poderiam pedir a conta e fez uma oração silenciosa para que não ficassem presos no trânsito.

Capítulo Dezenove

Zach seguiu Angie pelas escadas. Durante o jantar, ele se manteve distraído pela forma como o vestido abraçava seu corpo. Agora, com sua bunda deliciosa balançando na frente dele, esticando o tecido contra suas coxas, ele mal conseguia suprimir o impulso de alcançá-la e agarrá-la.

Ele queria passar as mãos sobre cada maldita curva que tinha banqueteadado seus olhos, afundar os dedos na massa espessa de cabelos, cobrir seus lábios com os dele e devastar sua boca.

Seus dedos flexionaram, imaginando a sensação de tocá-la. A maciez de seda de seu cabelo contra sua mão, a suavidade de sua pele macia sob o xale onde o vestido mergulhava em suas costas, a tensão nervosa de seus músculos quando ele deslizasse os dedos por sua cintura e segurasse seus quadris, o ligeiro tremor de suas coxas enquanto ele acariciava entre elas.

Ele respirou fundo e fechou os olhos, ouvindo-a remexer na bolsa para pegar as chaves. Uma distração, é o que ele precisava. Caso contrário, a noite terminaria antes mesmo de começar. Ele tentou pensar em algo, qualquer coisa que abrandasse o fogo ardente em suas veias. Começou a pensar na lista dos juízes da Suprema Corte, em ordem inversa, começando com a nomeação mais recente. Ele foi até William Brennan quando a ouviu xingar baixinho. Seus olhos se abriram.

Ela conseguiu abrir a porta, mas no processo, tinha deixado cair sua bolsa. O conteúdo se espalhou sob seus pés.

Zach ajoelhou-se para ajudá-la a recolher suas coisas, mal percebendo o que estava pegando. Sua atenção estava focada em suas longas e elegantes pernas, que estavam calçadas em um daqueles impossíveis saltos altos. Ele imaginou aquelas pernas ao redor dos seus quadris enquanto afundava em seu calor escorregadio, a batidas daqueles saltos contra suas costas enquanto ela apertava com mais força e ordenhava até que ele se derramasse dentro dela.

Porra. Se ele já não estivesse duro como aço, a imagem teria completado o trabalho. Ele a queria. Agora. Em todos os sentidos. Contra a parede. Debruçada sobre uma mesa. Caída sobre ele na cama. Rápido, lento, isso era o de menos. Tudo o que importava era enterrar-se dentro dela uma e outra vez até que ela estivesse ofegando seu nome e levando-o para o clímax com ela.

Seus dedos se tocaram, pois ambos estenderam a mão para o último item: um pacote de alumínio quadrado que comunicava, melhor do que quaisquer palavras, que ele não estava sozinho em seu desejo. Ela lambeu os lábios e isso quase foi a sua ruína.

— Angel. — Sua respiração falhou

Ela inclinou-se para ele, mantendo contato visual o tempo todo e enfiou o preservativo no bolso do seu casaco esporte.

Era um convite inconfundível.

Ele ficou de pé, levando-a com ele. Sua boca tinha gosto de cerejas e ameixas, doces e inebriantes como o vinho que tinham bebido mais cedo. Suas mãos apertaram a cintura dela, puxando-a para mais perto, alinhando seus corpos até que ela estava grudada contra ele, apertando os ombros em busca de apoio.

Cegamente, eles entraram juntos, fechando a porta e mergulhando-os na escuridão. Sem conhecer o layout do apartamento, ele fez a única coisa que podia para evitar soltá-la. Mantendo-a firmemente ancorada contra ele com uma mão, girou, invertendo assim suas posições. Com mais um passo, ele

apoiou Angie contra a porta, sua mão segurando seus cabelos junto ao couro cabeludo, como um amortecedor contra a madeira dura.

Sua língua se enroscou com a dela. Vagamente, ouviu um baque suave — a bolsa dela caiu no chão? — E, em seguida, ouvia apenas o som da sua respiração e seu coração batendo como uma britadeira no peito.

O tempo parou. O mundo exterior desapareceu. Havia apenas esta sala, esta mulher, neste momento.

Ele inalou seu perfume. Sutil, sofisticado, erótico. Como a própria Angie.

Com os lábios, ele traçou os contornos familiares de seu rosto, apesar do fato de que, até poucas semanas atrás, ele nunca a tinha tocado. Mas a imagem dela ficou gravada em seu cérebro de maneira tão indelével como o esmalte cerâmico em um vaso Ming premiado. Assim como a suavidade de sua pele, a inclinação de sua bochecha e o ângulo teimoso de sua mandíbula.

Ela tremeu quando os dedos dele roçaram o vão da sua garganta, seguindo para a linha da sua clavícula, onde o xale repousava. Ele empurrou-o pelos ombros, o material lentamente deslizando para o chão.

Em seguida, as mãos dela deslizaram, uma palma descansando brevemente sobre o seu coração, a outra, deslizando para baixo do seu peito e abdome para puxar a camisa de dentro de seu jeans. Isso foi o máximo que ela conseguiu fazer antes que ele pegasse sua mão e a colocasse de volta em seu ombro.

— Não se mova — ele sussurrou contra sua pele.

— Por quê?

Em vez de responder, ele passou um dedo ao longo do decote V entre os seios, mergulhando pela borda do tecido, refazendo lentamente o caminho, avançando cada vez mais perto do mamilo antes de, finalmente, fechar a mão sobre seu peito completamente, apertando-o, acariciando-o e provocando.

Ele seguiu com seus lábios e língua, puxando o decote de seu vestido e sutiã para baixo, tirando-os do caminho, sugando o mamilo e girando a língua em torno dele antes de liberá-lo, e soprando sobre a pele molhada. Ele repetiu o processo com o outro seio, até que ela estava ofegante e movendo-se sem descanso contra ele.

Só então ele continuou explorando o corpo dela, seus dedos traçando cada costela, envolvendo sua cintura, o contorno de seu quadril e coxa, seguindo por todo caminho até onde a saia terminava, levantando-a.

Colocando o joelho entre suas pernas, ele agarrou a parte de trás de sua coxa por baixo da saia e levantou, até que ela estava estendida sobre seu quadril, completamente aberta para ele. A pele quente deu lugar a um triângulo úmido de seda, e ele gemeu.

Sua carne, já dura, estava flexionada contra ela, que respondeu balançando sua pélvis, deixando sair um som estrangulado de sua garganta. Ele apertou o cerco contra seu quadril, acalmando o movimento. Em seguida, voltou para o que estava fazendo, acariciando-a sob o material que cobria seu sexo. Para cima e para baixo ao longo da costura, mergulhando apenas a ponta do seu dedo para dentro e, em seguida, espalhando a umidade ao longo das dobras delicadas em direção ao clitóris excitado.

Ela suspirou, inclinando a cabeça para trás.

— Por favor...

— Por favor, o quê?

— Eu preciso...

Ele afundou seu dedo ainda mais profundamente, usando o polegar para fazer círculos ao redor do seu clitóris.

— Isso? É isso que você precisa?

Ela não respondeu, mas ele pôde sentir seus músculos internos começando a tremer. Ele acrescentou um segundo dedo, que também logo foi revestido com seus sucos.

Sua respiração acelerou quando ele aumentou a velocidade e a pressão do polegar. Zach cerrou os dentes e retomou sua citação silenciosa de juízes.

— Zach. Por favor...

Ele perdeu o controle e teve que começar de novo. *Elena Kagan. Sonia Sotomayor. Samuel Alito.*

Sua respiração estava ainda mais acelerada, intercalada com sons minúsculos que o fizeram lutar para manter o controle. Ele mudou o ângulo e a profundidade da penetração.

John Roberts. Stephen Breyer.

Ela o apertou com mais força e estremeceu.

— Oh, Deus...

Ruth Bader Ginsburg.

Seus tremores atingiram o pico e, em seguida, diminuíram lentamente. Zach tirou sua mão e gentilmente abaixou a perna de volta para o chão. Sua palma acomodou-se na parte inferior das costas, acariciando suavemente enquanto o corpo dela relaxava.

Finalmente ela se mexeu em seus braços.

— Você não...

Seus lábios roçaram sua têmpora.

— Não.

— Eu poderia... hum...

Ele sorriu no escuro. Agora ela estava se sentindo autoconsciente? Seu pênis se contraiu, lembrando-lhe que eles estavam longe de terminar. Ela deve ter sentido isso, porque depois de uma breve hesitação, inclinou sua pélvis para frente e esfregou contra ele.

Ele acalmou seu movimento.

— Dê-me um minuto, ok?

— Ok. — Seus dedos encontraram sua mandíbula. Um segundo depois, seus lábios seguiram o mesmo caminho. — A propósito...

— Sim?

Seus lábios se curvaram contra os dele.

— Sabe o preservativo no seu bolso? Tirei de uma caixa nova esta manhã. O resto está no quarto, caso você esteja se perguntando.

O luar estava se esgueirando pela janela aberta. Ela provavelmente deveria levantar-se para puxar as cortinas, ou correria o risco de ser acordada pelo sol. Olhando para o despertador em sua cabeceira, viu que passava das três horas.

Mas, no momento, Angie sentia-se como uma marionete cujas cordas haviam sido cortadas, com os membros espalhados em todas as direções, incapaz de se mover, mesmo que ela quisesse.

Zach esfregou seu pescoço.

— Quais são os seus planos para este fim de semana?

— Não sei. — Ela cobriu um bocejo com as costas da mão. Aparentemente, ela era capaz de se mover, depois de tudo. — O de sempre, acho.

— Que é...?

— Arrumar as coisas. Lavar as roupas. Rever alguns relatórios. Jantar com os meus pais.

Os dedos dele flutuavam levemente sobre a pele nua, deixando arrepios em seu rastro.

— Quer companhia?

Ela virou a cabeça para olhá-lo, mas a luz era muito fraca para ver sua expressão.

— Você quer me ajudar a lavar roupa?

Seus dedos fizeram uma pausa. Será que ela tinha entendido mal? Certamente ele não estava querendo conhecer seus pais, não é? Ela prendeu a respiração até que ele voltou a traçar padrões preguiçosos através de seu abdômen, mergulhando em seu umbigo, então inverteu o curso para cima e em torno de seu peito. Ele apertou seu mamilo, que ficou duro.

— Talvez — disse ele. — Posso ser muito útil quando se trata de fazer as coisas em casa.

— Aposto que sim.

— Você não acredita em mim? — Sua ereção cutucou o quadril dela. — Parece que preciso fazer um trabalho melhor para convencê-la.

— Não sei. — Ela empurrou contra seu peito, e ele, gentilmente, rolou de costas. Enquanto observava o corpo dele, sua memória preenchendo o que a falta de luz obscurecia, ela ficou maravilhada com o fato de que podia desfrutar de toda essa força robusta e perfeição física. Pelo menos por esta noite. E, talvez, até mesmo neste fim de semana. Ela passou a mão sobre seu peitoral e abdome, seguindo a trilha do tesouro. — Não há nada como trabalhar duro para fazer alguma coisa.

Ele gemeu, seja por seu trocadilho ou por ela ter envolvido a mão em torno de seu comprimento rígido, ela não poderia dizer. Ela acariciou-o algumas vezes antes de sua mão fechar em torno do pulso dela.

— Angel...

Seu pulso acelerou.

— Sim?

— Você fala demais.

— Sou uma advogada. — Ela inclinou-se sobre ele e abriu a gaveta de cabeceira. Eles já tinham feito um bom uso da caixa de preservativos. A este ritmo, ela teria que passar na farmácia novamente antes do fim de semana acabar. — Faz parte.

Ele golpeou seu traseiro.

Ela gritou, erguendo-se.

— Por que isso?

— Por só falar e não agir. — Ele puxou-a para que ela ficasse sentada sobre ele.

— Você não gosta dessas coisas de dor, né?

Seus dentes brilharam.

— Coisas de dor?

— É. Chicotes, correntes, remos e essas coisas de Cinquenta Tons de Servidão Humana.

— Acho que você está misturando os gêneros, Angel. Somerset Maugham é literatura séria. E.L. James, nem tanto.

Ela não entendia. Era evidente que ele tinha lido clássicos, mas também sabia a respeito do livro que tinha introduzido o estilo erótico para as massas. Será que ele tinha experiência com o estilo de vida BDSM ou interesse em explorar isso? Ou era um simples reflexo de como ele estava por dentro da cultura popular?

Ela rasgou o invólucro com os dentes e rolou o preservativo.

— Então, você gosta?

— O que eu gosto e estou — ele agarrou seus quadris, posicionando sua entrada na ponta da sua ereção. —, é pronto para ação com você.

E com isso, ele efetivamente encerrou a conversa antes que ela pudesse perguntar algo mais. Típico, pensou. E, então, ela parou de pensar, muito envolvida pelo prazer do momento para ser capaz de encadear uma frase coerente.

Capítulo Vinte

Eles acabaram de cozinhar, ou melhor, de queimar o café da manhã juntos. Aparentemente, ele não era o único que tinha dificuldades na cozinha.

Pelo menos o café estava bom. Parece que não havia muitas formas de arruinar um café feito na máquina automática, onde bastava colocar o sachê com os grãos já moídos e apertar um botão.

— Sou péssima na cozinha — disse Angie, enquanto polvilhava cereais de chocolate sobre o iogurte. Eles tinham usado a última caixa de leite em sua tentativa fracassada de fazer panquecas. — Eva sempre foi uma espécie de Betty Crocker. E agora, Logan também está levando jeito na cozinha. Às vezes, fico pensando se ele não tem nada melhor a fazer do que ficar colocando receitas do que fazer com quinoa orgânica em sua página do Facebook.

Zach riu e aceitou um copo de iogurte.

— Você não sente necessidade de se tornar domesticada?

Ela revirou os olhos e se sentou em um dos bancos do balcão que separava a cozinha da sala de jantar.

— Claramente eu não sou talhada para isso.

— Nesse caso, por que fizemos este exercício de como não fazer panquecas?

— Não sei. Acho que eu estava esperando impressioná-lo. — Ela se mexeu e o movimento fez com que seu roupão se abrisse, revelando um pouco do seio, antes que ela apertasse o cinto novamente. Ele sentiu uma agitação abaixo da cintura. Era incrível como ela despertava rapidamente a sua libido. Angie continuou falando, aparentemente, inconsciente de sua resposta a ela. — Nunca senti vontade de fazer algo de diferente?

— Sim. — Agora que ela mencionou isso, essa coisa toda com Angie era completamente diferente do que ele estava acostumado. Ele nunca ficou a noite inteira na casa de uma mulher. Nunca vagou pela sala de estar de uma mulher, esperando encontrar pistas de sua personalidade, nem nunca perguntou sobre sua família ou sobre os retratos em suas paredes. Nunca se sentou em sua cozinha enquanto comia cereal infantil com iogurte, tramando maneiras de prolongar o seu tempo juntos.

Ela lambeu sua colher.

— Francamente, não acho que vale a pena o aborrecimento.

— O quê?

Ela deu a ele um olhar semelhante ao que seu professor do terceiro ano costumava lhe dar quando não estava prestando atenção.

— Aprender a cozinhar. Sempre posso passar na casa de Eva ou Logan para o jantar. E há três mercearias e pelo menos uma dúzia de lugares que entregam refeições rápidas e fáceis de esquentar. Sério, o que mais uma pessoa que trabalha fora e é ocupada precisa?

— Um alarme de incêndio e uma boa ventilação não faria mal.

— Ah. Certo. Tenho baterias de nove volts em algum lugar, só preciso encontrá-las.

— Tenho certeza de que vendem pilhas no supermercado — disse ele. — Podemos ir lá depois do almoço e escolher algumas. Quando foi a última vez que você testou seus detectores de fumaça?

— Hum... nunca?

Ela era de verdade? Merda. Que bom que ele perguntou.

— Você deveria fazer isso todos os meses e substituir as baterias uma vez por ano. Vou dar um jeito nisso hoje.

Seus olhos se arregalaram.

— Oh, não quis dizer para você que...

— Eu sei, Angel, mas é uma questão de segurança. E a saída de emergência...

— Não sabia que estava quebrada — ela cortou. — Prometo que vou chamar alguém para consertar.

Zach tentou avaliar sua sinceridade.

— Posso arrumar alguém neste fim de semana para fazer isso por você.

— Sério?

— Uma das vantagens de se trabalhar neste negócio é que você começa a conhecer um monte de gente.

Ela hesitou.

— Não gostaria de me impor.

— Sem imposição. — Ele pegou seu telefone celular, ansioso para fazer os arranjos antes que ela encontrasse alguma desculpa. — Deixe-me fazer algumas chamadas. Pode ser à tarde?

— Uh ... certo. Contanto que eu possa sair daqui por volta das cinco.

Ele procurou seus contatos, afastando sua curiosidade. Se ela quisesse compartilhar seus planos, ou, melhor ainda, convidá-lo para participar, então ela o faria. Ele não iria pressionar. E ele não iria levar a mal o fato de que ela parecia menos entusiasmada do que ele em prolongar o tempo juntos.

— Oi, Raoul. Zachary Stewart. Desculpe incomodá-lo no fim de semana...

Ele explicou a situação e levantou-se para dar uma olhada mais de perto na configuração dos alarmes para que pudesse responder às perguntas do trabalhador. Quando ele agradeceu ao homem e desligou, Angie estava na pia lavando pratos.

— Tudo certo — disse ele. — Ele chegará aqui meio-dia e meia. Tempo de sobra para você chegar na casa dos seus pais.

Não era a forma mais sutil de tentar descobrir o que ela faria, mas não encontrou jeito melhor. Além disso, ela havia mencionado um jantar com seus pais.

Ele encontrou a família dela inteira no casamento de Eva. Desde então, viu o pai de Angie algumas vezes em alguns eventos jurídicos, e uma vez ele chegou a argumentar um caso no tribunal do juiz MacDowell. O homem era intimidador o suficiente vestindo ternos. Quanto mais intimidante ele seria se Zach aparecesse ao lado de Angie? Não que Zach achasse que ela o convidaria.

Angie terminou de carregar a máquina de lavar louça.

— Muito obrigada, Zach. Isso foi maravilhoso da sua parte. Você deve ter um monte de coisas para fazer, então, se precisar ir, não quero te prender.

Ele se inclinou e beijou-a. Depois de alguns segundos, ele sentiu a tensão liberar seus músculos. Ela suspirou em sua boca.

Quando eles finalmente se separaram, ele descansou sua testa contra a dela.

— Você está tentando se livrar de mim?

— O quê? — Ela franziu as sobrancelhas. — Não, claro que não.

— Ótimo. Nesse caso, vá se vestir, e nós vamos comprar as baterias. Talvez até mesmo pegar um pouco de comida. Para mais tarde.

Ela piscou. Por um momento, ele pensou que ela poderia recusar. Mas então seus lábios se curvaram em um sorriso bonito.

— Ok.

Ele a viu desaparecer no corredor. No caminho de volta da loja, ele teria que fazer um pequeno desvio. Se ele iria passar o resto do dia com Angie, pelo menos até que ela o expulsasse, então precisaria de alguns produtos de higiene pessoal e uma muda de roupa que estava na bolsa da academia que ele mantinha em seu carro.

Isso *realmente* era completamente diferente do que ele estava acostumado.

Ele pegou suas chaves e a carteira e, em seguida, esperou.

Dizer que Angie estava um pouco distraída durante o jantar era como chamar o Monte Kilimanjaro de uma pequena subida.

Felizmente, toda a família foi para a casa de seus pais naquela noite. Eva e Max estavam com Ben, de doze anos, e Andrew, seu filho de três. Logan e Grace trouxeram as gêmeas de seis meses. A avó de Grace chegou com o pai dela e seu parceiro, que estavam visitando-os.

Em meio a todo o barulho e caos, Angie foi capaz de livrar-se da preocupação de sua mãe com uma vaga referência a uma carga mais pesada que o habitual no trabalho.

Na manhã seguinte, às sete horas, o toque do telefone celular acordou Angie.

— Minha bolsa arrebentou.

— Cheryl? — Ela levou um momento para compreender suas palavras. — Mas você só deveria ter o bebê daqui quatro semanas!

— Eu sei. — Sua respiração rápida fez com que Angie colocasse o aparelho no viva-voz e pulasse da cama. — Meus pais só estarão na cidade em algumas semanas e Gil só volta amanhã de Sacramento.

— Certo, não entre em pânico. Estarei aí em dez minutos. — Angie puxou as primeiras roupas que pôde encontrar. — Você chamou Naomi?

— Ela está a caminho. Disse que vai pegar Itai e ficará com ele durante a noite.

Calçando um par de tênis, Angie agarrou seu telefone, chaves e bolsa de ombro.

— Posso cuidar das crianças.

— Preciso de alguém comigo no hospital.

Angie trancou a porta da frente e desceu correndo as escadas para a garagem subterrânea.

— Sem ofensa — disse ela, jogando a bolsa no banco do carona e seguindo com o carro para a rua. — Mas, talvez, Naomi devesse levá-la ao hospital enquanto eu fico com Itai.

O gemido baixo de Cheryl fez Angie estremecer e pressionar o acelerador. Apesar de ter um cunhado que trabalhava na emergência e uma cunhada que era psiquiatra, tanto no cenário hospitalar e ambulatorial, Angie ficava reticente quando se tratava de qualquer coisa que cheirava remotamente a sangue ou hospital.

— Mantenha a respiração — disse Angie. — Vamos resolver isso quando eu chegar aí.

No final, Angie acompanhou sua amiga para o hospital enquanto Naomi levava Itai para sua casa, onde ela poderia cuidar do filho de Cheryl e de seus próprios filhos.

A seguir, um borrão de atividades provocado pela ansiedade fez com que uma enfermeira levasse Cheryl para ser ligada a um monitor enquanto Angie tratava da papelada e atendia ligações frenéticas do marido de Cheryl que, aparentemente, ainda estava preso em Sacramento e tentando reservar um voo de volta para mais cedo. Um médico que mal parecia ter idade para votar estava fazendo uma ultrassonografia e um exame com espéculo. Outra enfermeira aplicou antibióticos na veia.

Quando o anestesista chegou e começou a preparar Cheryl para uma peridural, Angie desviou os olhos do que parecia ser uma agulha muito longa. A enfermeira mantinha um monólogo enquanto Angie lutava para engolir a náusea e agarrar as mãos de Cheryl, mesmo quando sentiu as unhas de sua amiga cavando em sua pele.

Foi quase o suficiente para tirar de Angie a ideia de ter filhos.

Nas horas que se seguiram, entre as contrações e os controles periódicos dos enfermeiros e obstetra de plantão, Angie e Cheryl discutiram a transferência de casos ativos de Cheryl.

Quando o bebê Nadav chegou ao mundo, com o rosto vermelho e berrando alto o suficiente para trazer um sorriso ao rosto cansado de sua mãe, Angie percebeu que Cheryl não era a única que se manteria ocupada pelas próximas semanas.

Capítulo Vinte e Um

Depois de ter passado o dia inteiro com suas chamadas sendo encaminhadas para a caixa postal e sem receber qualquer resposta para suas mensagens de texto, Zach sentiu-se aliviado por, finalmente, ouvir a voz de Angie. Ainda que fosse um monossilábico “Oi”.

— Está tudo bem? — ele perguntou, lutando contra o impulso de correr para seu apartamento e ver por si mesmo.

— Sim. — Ela suspirou. — Ouça, Zach, me desculpe, mas tenho que ir.

— Espere... — Ele parou ao ouvir o som de uma voz baixa no fundo. Uma voz masculina. E então, o clique suave da chamada sendo desligada

Não era possível. Ele se recusou a acreditar que ela faria isso com ele.

Ainda ontem, eles mal conseguiam manter suas mãos longe um do outro. Não foi só sexo, também. Eles riram, compraram mantimentos juntos e testaram o alarme de incêndio. Macarrão com molho de tomate não era o suprasumo da culinária, mas para dois novatos, eles se saíram bem. Ele trocou as baterias dos detectores de fumaça. Contou a ela sobre sua mãe. Esse era um tema que nunca tinha discutido com qualquer mulher antes.

Ele não tinha certeza de quanto tempo passou sentado em sua sala escura, olhando para o céu noturno. Um denso nevoeiro estava vindo do oceano e ele estremeceu. Ele devia ter deixado uma das janelas abertas, mas não parecia valer o esforço de se levantar e fechar.

O telefone tocou.

— Zach? É Angie.

Ele piscou, como se despertasse de um estupor. Será que ela achou que ele não reconheceria sua voz?

— Desculpe-me por não poder falar mais cedo — disse ela, quando ele permaneceu em silêncio. — É um bom momento?

Ele agarrou o telefone.

— Quem era? O homem que estava falando com você?

— O homem que estava... — A voz dela sumiu. — Oh, você quer dizer o médico?

Médico? O que ela estava fazendo com um médico às nove e pouco da noite em um domingo? A sensação de mal-estar atingiu a boca do seu estômago.

— Onde você está?

— No hospital.

— No ho... — ele interrompeu. — Jesus, você está bem?

Nos poucos segundos que levou para ela responder, uma dúzia de cenários ruins atravessaram seu cérebro. Por favor, Deus, permita que ela esteja bem. Ele agarrou-se à ideia de que ela não estaria ligando para ele se estivesse gravemente doente ou ferida. O fato de que ela estava ao telefone tinha que ser uma coisa boa.

— Minha amiga Cheryl teve seu bebê — disse ela. — Um pouco mais cedo que o esperado, mas o médico disse que eles estão bem. E o garoto tem, com certeza, um bom conjunto de pulmões para provar.

Zach sentiu algo em seu peito afrouxar.

— Você está bem. Não está doente ou algo assim.

— Não, claro que não. Oh, você achou... — ela interrompeu-se. — Sinto muito, Zach. Assustei você?

Oh, sim.

— Talvez um pouco.

— Não foi minha intenção. Está tudo bem. — Ela bocejou. — Desculpe. Estamos aqui desde muito cedo.

— Posso fazer algo para ajudar?

— Obrigada, mas está tudo sob controle. — Ela fez uma pausa, depois continuou com uma voz mais suave. — Sobre a outra noite. Só queria te dizer o quanto gostei.

As palavras o aqueceram de forma mais eficaz do que uma dúzia de lâmpadas de calor.

— O suficiente para repetirmos?

Desta vez, a pausa durou mais tempo.

— Cheryl vai ficar em casa com o bebê por um tempo. O que significa que o trabalho vai aumentar muito.

Essa era sua maneira educada de dizer: "*Obrigada, mas não*"? Ele tinha dado o fora em várias mulheres, mas era a primeira vez que se via numa situação assim. Se é que isso era um fora.

Não. Ele se recusava a aceitar isso. No negócio de direito imobiliário, Zach sabia que a diferença entre o sucesso e o fracasso não dependia apenas de inteligência e criatividade, mas também de audácia. E isso ele tinha muito. Hora de ir para a ofensiva.

— Vou passar no seu escritório com o almoço — disse ele. — Então, que horas amanhã?

— Não posso. Vou me encontrar com um cliente.

— Terça-feira, então.

— Zach...

— Nós dois temos que comer, Angel.

— Apenas o almoço?

— Se é o que você quer.

— Vou manter a porta aberta — alertou.

Ele sorriu.

— Prometo que vou me comportar bem. Palavra de escoteiro.

— Zach, estou falando sério. Eu realmente tenho um monte de trabalho a fazer.

— Eu também, Angel. Então, vou desejar boa noite agora. Sugiro que ambos descansemos um pouco.

Os dias passaram voando. Angie sentiu como se estivesse afogando-se em e-mails, telefonemas, reuniões, audiências e julgamentos. Ela trabalhou até tarde da noite, trabalhando nos inúmeros casos que tinham sido despejados em seu colo, como resultado de parto prematuro de Cheryl. Naomi estava ajudando, mas ela tinha a sua própria família e crianças para lidar, então, por padrão, a maior parte do trabalho caiu para Angie.

— Por que não contrata um par de associados para ajudar? — perguntou Zach durante um de seus ocasionais jantares.

Ela havia levado seu laptop e arquivos para a mesa de jantar, onde havia mais espaço para se espalhar. Por isso, quando eles foram jantar, precisaram usar o balcão da cozinha, que estava com algumas embalagens para viagens e utensílios que ela tinha, apressadamente, deixado de lado.

— Estou pensando sobre isso — disse ela, a voz abafada pelos braços cruzados, que estavam descansando no balcão, apoiando a cabeça. Os dedos dele apertaram os músculos dos ombros dela e a parte superior das costas, massageando os nós. — Sabe, se essa coisa de ser advogado não der certo para você, pode ganhar a vida como massagista.

Ele riu e esfregou o pescoço. Suas mãos se moveram mais para baixo, passando gradualmente de terapêutica para sensual.

Ela suspirou e parou o percurso de seus dedos antes que fossem longe demais.

— Não posso.

— Por que não? — Seus lábios encontraram um ponto particularmente sensível e ela estremeceu.

— Porque prometi a um cliente que analisaria todas as revisões contratuais feitas até amanhã e mal comecei.

— Posso ajudar. — Zach girou em seu banquinho, fechou as mãos em torno da sua cintura e ergueu-a sobre o topo do balcão. — Sou bom em fazer contratos.

— Eu sei. — Angie tentou empurrar a bainha de sua saia para baixo, mas ele contornou seus esforços, abrindo caminho por suas coxas. — Só que eu teria que colocar o cliente a par do fato de que estou envolvendo você. Além disso, você precisaria assinar um acordo de privacidade e procuração para participar do caso. O que afasta o propósito de ganhar tempo.

— Hum — ele murmurou contra sua pele. Sua respiração se acelerou. Podia senti-lo, duro e latejante através do jeans. — Você pode ter razão.

— Zach. — Ela apertou as palmas das mãos contra o peito e fez uma tímida tentativa final para dissuadi-lo. — Você prometeu.

— Isso não vai demorar muito — disse ele, selando seus lábios com um beijo de boca aberta que derreteu sua última resistência.

Um puxão rápido livrou-a de sua calcinha úmida de seda. Com um abrir de botão e o puxar de um zíper, um pacote de preservativo foi aberto e, segundos depois, sob sua respiração pesada, ele deslizou dentro dela. Ela enrolou as pernas em torno de seus quadris e segurou firme enquanto ele bombeava para dentro e para fora, mantendo um ritmo constante que só foi quebrado quando sua mão escorregou entre eles e seu polegar acariciou-lhe, levando-a um clímax rápido. Mais alguns movimentos mais fortes, ele gemeu e acalmou-se, ainda enterrado profundamente dentro dela.

No momento em que se recuperou e limpou-se, ela se surpreendeu ao descobrir que ele estava certo: realmente não tinha tomado muito tempo e ela estava se sentindo muito mais relaxada. Certamente, em um melhor estado de espírito para lidar com a pilha de documentos que ainda a aguardava.

Capítulo Vinte e Dois

Era noite de quarta-feira, e Zach não teve coragem de cancelar o jantar com seu pai pela segunda semana consecutiva.

Eles foram ao Chaya novamente, sendo atendidos pela mesma garçonete, como da última vez. Quando Tom mencionou isso, Zach apenas acenou distraído.

— Espero que gostem — ela disse ao trazer os aperitivos.

O olhar de Tom permaneceu no traseiro dela quando se afastou.

— Ainda não está interessado?

Zach suspirou, perguntando se deveria dizer a seu pai exatamente porque não estava interessado. Ele nunca conversou com Tom sobre as mulheres com quem saía. Nem mesmo Jeannine, embora eles tivessem ficado juntos por seis meses, e ela tivesse falado sobre conhecer sua família em várias ocasiões.

Mas com Angie, a ideia tinha passado por sua cabeça.

Claro que seu pai já a conhecia, o que tornaria tudo mais fácil. Ou, pelo menos, eliminaria qualquer preocupação que Zach poderia ter a respeito de eles se gostarem.

Mas poderia complicar as coisas também. Não seria legal se Tom resolvesse “ajudar”, questionando quando eles casariam ou teriam filhos.

Embora em circunstâncias normais esse assunto teria feito Zach correr para as montanhas, nos últimos meses, sua vida não tinha sido nada normal. Ele mesmo havia pensado a respeito. Ou talvez, mais precisamente, ele tinha parado de se encolher com a mera menção a isso.

É claro que não havia nenhuma garantia de que as coisas dariam certo. Eles estavam apenas começando. E a intervenção do seu pai, ainda que fosse bem-intencionada, poderia acabar assustando Angie. Talvez ela achasse que não queria ter um relacionamento a longo prazo com Zach.

Merda.

Ele olhou melancolicamente para o prato.

Aparentemente, Tom considerou seu silêncio como um não, não estava interessado. Ainda bem. Zach não tinha certeza se estava pronto para ter essa conversa com o pai.

— Você não está comendo — disse Tom.

Zach respirou fundo e pegou o molho de soja.

— Nem você.

Tom espetou uma fatia de sashimi de atum com o garfo e olhou-o desconfiado.

Aquilo fez o humor de Zach melhorar.

— O gosto é melhor se você usar os pauzinhos

— Peixe cru é peixe cru — disse Tom. — Não importa como você corta, o vista ou que utensílios use.

— Você não é obrigado a comer isso. — Zach virou o prato para oferecer ao pai seus rolinhos Califórnia. — Tente isso. É caranguejo cozido com pepino e abacate.

— Sei o que você quer dizer, Zach, Mas, da próxima vez, vamos pedir lula.

Não se Zach pudesse evitar. Alimentos fritos eram a última coisa que seu pai precisava. Só porque o colesterol de Tom tinha melhorado, não significava que ele poderia descuidar de sua dieta.

Ele ainda não estava fora de perigo, mesmo que parecesse mais relaxado agora que o processo tinha terminado e o projeto estava começando a andar.

Eles tinham feito uma reunião ontem para rever os planos, já que a pauta da S&L estavam na agenda do Conselho da Cidade para o próximo mês. Eles ainda precisavam apresentar um relatório detalhado, mostrando os impactos ambientais esperados como resultado das mudanças propostas, bem como um esboço de esforços de mitigação que eles planejavam implementar durante a construção e após a conclusão do projeto.

— Então — disse Tom —, você acha que a papelada estará pronta a tempo para a reunião de dezembro?

Zach regou seu último sashimi com saquê gelado.

— Contratamos a mesma empresa que fez o estudo inicial. Eles são os melhores no negócio. Isso e o fato de que já estão familiarizados com o projeto deve nos poupar tempo e dinheiro.

— Bom. — Tom assentiu. — Vai ser um alívio quando isso tudo acabar.

— Nós ainda temos de lidar com o Conselho de Revisão da arquitetura — Zach lembrou.

Tom acenou.

— Já fizemos isso antes. São um pé no saco, mas nada que não possamos lidar. E se o projeto for aprovado, podemos começar a andar com as coisas.

Sua garçonete apareceu, retirou os pratos vazios e voltou com suas entradas.

Tom agradeceu.

— Agora sim.

Zach olhou para o robalo grelhado no prato do seu pai.

— Ainda é peixe.

— Sim, mas é cozido. — Tom deu uma garfada. — E você vai perceber que não há qualquer vestígio de algas.

Zach sorriu.

— Tudo bem, papai, entendi. Nada mais de sushi ou sashimi para você.

— Exatamente.

Capítulo Vinte e Três

Angie estava na fila do caixa no supermercado tentando lembrar se havia mais alguma coisa que ela precisava. Teria sido mais fácil com uma lista. Mas depois de todas as chamadas em conferência, revisões de documentos, e-mails e clientes com que ela tinha lidado hoje, organização era algo que estava fora de discussão.

Ela até pensou em ligar para Zach e cancelar seus planos para a noite alegando exaustão. Mas o fato era que ela estava ansiosa para vê-lo. Então, ao invés de cancelar, ela pediu para trocarem o lugar. Deixariam de ir a um restaurante chique para comerem um jantar simples em casa.

Ela descarregou seu carrinho na esteira rolante: húmus, azeitonas, pita, falafel, salada grega pronta e uma garrafa de Riesling. Algumas frutas cortadas e baklava para a sobremesa. Poderia não ser a comida que agradaria um crítico do LA Times, mas para uma refeição casual improvisada, serviria.

Em casa, ela colocou os produtos perecíveis na geladeira e se dirigiu para o banheiro principal. Zach só deveria chegar em meia hora. Tempo suficiente para um banho.

O som da campainha acordou-a. Levantou-se, derrubando água morna pela lateral da banheira. *Droga.*

Ela recebeu Zach na porta usando um antigo roupão, seu cabelo uma bagunça e com o rosto completamente desprovido de maquiagem.

— Nem uma palavra — Ela disse quando ele olhou para ela enquanto segurava o telefone.

— Angel. — Ele sorriu, ignorando o cumprimento mal-humorado. — Ia ligar para você. Achei que tinha me enganado com a hora.

— Não. — Ela suspirou e esfregou as linhas de expressão entre as sobrancelhas. — Entre. Tem vinho na geladeira. Sirva-se. Volto em cinco minutos.

— Não se vista por minha causa — disse ele, estendendo a mão para ela.

Eles não pegaram o vinho, a salada ou qualquer um dos outros alimentos que ela tinha comprado. Um beijo se transformou em dois, o que resultou em uma trilha de roupas que conduzia ao sofá, e Angie deitada de costas enquanto Zach lambia e mordiscava o caminho de sua boca para seu pescoço, em seguida, de seu peito para o estômago, antes de, finalmente, chegar entre suas pernas. Sua língua se enterrou em suas dobras, explorando, mergulhando dentro dela, lambendo o caminho até seu clitóris, onde permaneceu, aumentando a pressão sobre a pequena pilha de nervos, o tempo todo enfiando um dedo, e depois dois dentro dela. Até que ela gozou com um longo grito.

Ele estava voltando para cima, mantendo suas pernas abertas para acomodar seus quadris quando, de repente, ela se lembrou de um item que não tinha comprado.

— Zach.

— Hum? — Ele beijou a lateral de sua mandíbula e, em seguida, logo abaixo, onde ela podia sentir o pulso batendo freneticamente contra os lábios dele.

— Precisamos de um preservativo.

Seu polegar circulou o mamilo, que eriçou sob seu toque.

— Em um minuto.

— Os meus acabaram.

Seus dedos fizeram uma pausa e ele levantou a cabeça.

— O quê?

— Por favor, me diga que você trouxe.

— Provavelmente. — Seus dedos começaram a se mover novamente, traçando o contorno do seu peito, sua cintura e a curva de seu quadril.

Ela estremeceu.

— Agora, Zach.

Ele segurou seu traseiro, inclinando sua pélvis para facilitar o acesso. Ele flexionou contra ela, sondando a entrada.

Não.

Ela entrou em pânico. Não era isso que ela queria. Ela apertou a mão contra o peito dele.

— Espere.

Ele gemeu.

— Você está brincando comigo.

— Não. — Ela pressionou mais. — Não sem um preservativo.

Ela podia sentir o batimento acelerado do coração dele contra sua mão, a tensão de seu corpo.

— Você me quer — ele rosnou. — Sinta como está molhada, Angel. Não negue.

Ela não estava negando. Mas também não estava disposta a correr riscos.

— Estou falando sério, Zach.

A respiração dele fez cócegas em seu ouvido.

— Fiz o exame, se é com isso que você está preocupada. Mês passado. Estou limpo. E você?

Ela não sabia se deveria se sentir aliviada ou insultada.

— Não fui eu quem dormiu com metade das mulheres em LA.

Ele ergueu-se novamente, olhando para ela.

— Ok, então qual é o problema?

— Você está louco?

— Não. — Ele parecia muito calmo, considerando o assunto. — Você não está tomando pílula?

— Não. Não desde... — ela interrompeu-se. Discutir seu estado de saúde era uma coisa, mas invocar o nome de um ex-amante quando estava prestes a ter relações sexuais com outra pessoa parecia francamente crasso.

Zach suspirou e ficou de joelhos. Ela aproveitou a oportunidade para afastar-se, saindo do sofá. Pegando o robe descartado, ela cobriu-se e apertou o cinto antes de se virar para encará-lo.

— Não entendo — disse ele, levantando-se lentamente, completamente inconsciente, como se não estivesse nu e ainda completamente excitado. — Você tem trinta e dois...

— Não por mais alguns meses.

Ele ignorou a interrupção.

— Não quer ter filhos?

Ela olhou para ele. Se ele tivesse virado um alienígena, ela estaria menos surpresa do que estava agora.

— Não estou, necessariamente, falando neste minuto — continuou ele. — Mas em geral. Tanto seu irmão quanto sua irmã têm filhos. E sua sócia, Cheryl. Você estava lá quando ela deu à luz, certo? Você não quer isso também?

Ela balançou a cabeça e se afastou.

— Nós não vamos ter essa conversa.

— Por que não?

— Porque... — ela se debateu.

— Porque o quê?

— Porque *isso* — Ela acenou um dedo entre eles — não envolve esse assunto.

— Sério? — Ele franziu a testa. — O que é *isso*, então, na sua opinião?

Ele queria que ela soletrasse? Bem. Se ele queria franqueza, ela seria franca.

— Sexo — disse ela. E, então, apenas no caso de ele não conseguir entender, ela acrescentou. —

É diversão.

Ele olhou para ela.

— Você está me dizendo que a única razão pela qual está comigo é porque quer diversão? Que tudo que você quer de mim é sexo?

— O que há de errado com isso?

Ele passou por ela e pegou sua calça jeans do chão, puxando-a com movimentos bruscos. Sem se preocupar em abotoar, ele agarrou sua camisa e se dirigiu para a porta.

A cada passo, ela esperava que ele se virasse e dissesse... o quê? Que estava arrependido? Que ela estava errada? Que tudo isso era apenas um grande mal-entendido, e talvez eles devessem fingir que esta noite nunca tivesse acontecido? Que eles poderiam voltar para o relacionamento fácil que tinham desenvolvido ao longo das últimas semanas?

Era isso o que ela realmente queria?

Sua visão ficou turva e ela piscou, surpresa com as lágrimas.

Ele parou apenas por um momento.

— Angel...

— Sim?

— Não se esqueça de trancar a porta.

E então, ele se foi.

Capítulo Vinte e Quatro

Seu sobrinho Ben atendeu a porta.

— Oi, tia Angie — disse ele. — Você acabou de perder o jantar.

— Droga. O que vocês comeram?

— Carne com brócolis. E brownies de chocolate com cobertura dupla para a sobremesa.

— Ooh, meu favorito.

Eva saiu da cozinha, enxugando as mãos em um pano de prato.

— Angie. Você deveria ter me avisado que estava vindo. Eu teria guardado comida para você.

— Posso me contentar com um daqueles brownies, se tiver sobrado.

— Na cozinha. Sirva-se. — Eva virou-se para o filho. — E você, meu jovem, tem lição de casa para terminar.

— Ah, mãe. Mim e Connor estávamos planejando jogar Minecraft.

— Connor e eu — corrigiu Eva. — E você conhece as regras. Primeiro faz o que precisa, quando acabar, pode fazer o que quiser.

— Mas...

— Sem mas, Ben. Você tem prova de matemática amanhã e uma redação do livro para quarta-feira.

— Mas eu prometi.

— Deveria ter pensado nisso mais cedo, garoto. Você pode mandar uma mensagem de texto avisando a Connor que os planos mudaram. Quanto mais cedo você começar o dever de casa, mais cedo vai terminar.

Angie abriu um leve sorriso quando Ben subiu os degraus.

— Muito bom. Você poderia ter sido advogada.

— Não, obrigada. — Eva pegou duas canecas do gabinete e ligou a chaleira. — Não tenho o instinto assassino.

Angie lavou as mãos na pia da cozinha.

— Onde está o resto da sua tripulação?

— Max está trabalhando. Andrew está na cama. — Ela ofereceu a Angie um prato e apontou para os brownies. — Você quer um pouco de sorvete com isso?

— Não, não precisa.

Eva lançou-lhe um olhar penetrante.

— O que está acontecendo?

— O que você quer dizer?

Eva inclinou-se contra o balcão.

— Você nunca recusa sorvete.

Angie ignorou o olhar de avaliação de sua irmã.

— Só não estou no clima hoje.

A chaleira ferveu e Eva se afastou para servir o chá.

— Menta ou camomila?

— Menta, por favor. — Ela provou o brownie. — Isso está realmente bom.

— Fico feliz que você tenha gostado. — Eva colocou uma caneca fumegante sobre a mesa à sua frente. — Pode levar o resto para casa com você, se quiser. Vou assar um pouco mais amanhã.

— Obrigada.

Sentaram-se por alguns minutos em silêncio, tomando chá.

Angie brincou com as migalhas no seu prato.

— Sobre a Ação de Graças...

Eva fez uma careta.

— Se você me disser que não pode vir este ano de novo, eu juro que vou pedir ajuda da mamãe para puxar sua orelha.

Angie piscou.

— Não tive culpa de ter me preparar para um grande teste no ano passado.

— Você poderia ter tirado uma noite de folga.

Era um velho argumento e Angie não queria requebrá-lo. Ela limpou os dedos em um guardanapo.

— Eu venho. Só queria saber quem mais virá.

— Oh. Certo. — Eva percorreu a lista de costume: seus pais, Logan e Grace, a avó de Grace, a irmã de Max, sua família e Tom Stewart. Ela fez uma pausa franzindo a testa. — Isso não será um problema, não é? Tom estar aqui, quero dizer. Ele costuma se juntar a nós todo ano desde que ele e Celeste se divorciaram. Eu odiaria se a sua ação judicial deixasse as coisas constrangedoras.

— Fizemos um acordo há algumas semanas — disse Angie. — Não há ressentimentos.

— Fizeram um acordo? Oh, graças a Deus. Por que não me contou antes?

Angie esfregou os olhos.

— As últimas semanas foram complicadas.

Eva suavizou seu tom.

— Quer falar sobre isso?

— Na verdade, não. Só estou cansada. — Angie dobrou o guardanapo ao meio e depois ao meio novamente. — E Zach? Ele virá também?

— Zach? — Eva repetiu. — Acho que não. Ele nunca veio. Por quê?

— Mas você o convidou?

— Uh ... não. De alguma forma, tenho a impressão de que um jantar em família não é bem a cara dele. — Ela fez uma pausa. — A menos que haja algo que você não está me dizendo.

Angie segurou a caneca e olhou para ela como se estivesse tentando ler as folhas de chá.

Como ela poderia resumir em poucas palavras tudo o que tinha acontecido entre ela e Zach?

Eles tinham compartilhado algumas refeições. Trocado confidências. Dormiram juntos. Brigaram.

E ela não tinha ouvido falar dele desde então. Certo, tudo aconteceu há apenas dois dias. Mas era de se esperar que ele, pelo menos, tentasse entrar em contato.

A menos que toda a sua demonstração de raiva tivesse sido apenas isso: um show. Talvez ele não tivesse ficado realmente tão ofendido como pareceu. Talvez, ele tivesse simplesmente usado isso como uma desculpa para terminar as coisas.

Não. Isso não soava verdadeiro. Ele sempre agiu com sinceridade. Se ele ficava com raiva, demonstrava. Nunca fingiu algo que não sentia por algum propósito oculto. Ele perdeu a calma inúmeras vezes com ela, invadiu seu escritório, expôs suas objeções e exigiu uma explicação. Não fazia sentido que ele mudasse de repente sua tática.

A resposta era óbvia. Ele não estava jogando. Sua raiva tinha sido real.

O problema era que ela tinha sido surpreendida por toda a questão do preservativo. Sério, quem, nos dias de hoje, envolvido numa relação casual, não usava preservativo? Esse era o tipo de estupidez reservada para adolescentes e romances. Na vida real, racional, adultos responsáveis não faziam isso.

Você não quer filhos?

E por que ele perguntou isso se não tinha interesse na resposta?

Será que ele queria filhos? Com ela?

Caralho.

Não era de se admirar que ele estivesse chateado. A única questão era: será que ela tinha estragado tudo? Ou haveria alguma maneira de salvar o relacionamento? Talvez, até mesmo começar de novo, desta vez com todas as expectativas corretas a que tinham direito?

— Angie? — A voz de Eva trouxe-a de volta ao presente. — Quer me contar alguma coisa?

Angie balançou a cabeça.

— Não. Só achei que poderia ser um gesto simpático, uma vez que você está convidando Tom, e Ação de Graças é um feriado de família...

— Acho que não faria mal — disse Eva lentamente. — Nós costumávamos convidar Zach no início. Mas ele sempre tinha outros planos.

Angie sabia que este ano poderia não ser diferente. Mas se ele viesse....

Esta seria sua chance de fazer as coisas direito.

Capítulo Vinte e Cinco

Zach tirou o paletó e ajustou as mangas da camisa para que apenas meio centímetro dela ficasse a vista na barra do terno. Não havia razão para se sentir nervoso. Só porque ele estava prestes a enfrentar Angie novamente. E sua família.

Armado com uma garrafa de vinho e buquê de girassóis e margaridas, ele seguiu até a entrada de automóveis.

Eva atendeu a porta no segundo toque. Ela piscou e, por um momento, ele se perguntou se tinha cometido um erro ao aceitar o convite.

Então ela sorriu e conduziu-o, aceitando as flores e o vinho, e apontando para a parte de trás da casa, onde, aparentemente, os homens estavam assistindo ao jogo em uma TV de tela grande.

Ele pegou um breve vislumbre de Angie na cozinha, encostada no balcão e rindo de algo que uma das outras mulheres estava dizendo. Uma mulher mais velha estava junto ao fogão mexendo algo em uma panela grande. A loira, que Zach reconheceu ser Grace, cunhada de Angie, sentou-se à mesa, cuidando de uma criança. Outra mulher perseguiu uma criança rindo, contornando Zach com um apressado "*Desculpe*" enquanto eles corriam pelo corredor e desapareciam na parte de trás da casa.

— Se você continuar seguindo, fica à sua esquerda — disse Eva atrás dele.

— Obrigado. — Ele seguiu o som da TV ao fundo do corredor, entrando a tempo de pegar várias exclamações, em voz alta, de decepção com o que deve ter sido um jogo particularmente ruim.

— Zach. — Seu pai o viu pela primeira vez e sorriu, acenando para fazer as apresentações durante o comercial. Descobriu-se que os dois únicos homens no grupo que Zach ainda não conhecia eram o marido de Eva, Max, e o cunhado de Max.

— Quer uma cerveja? — Max perguntou. — Ou algo mais forte?

— Obrigado, pode ser cerveja.

Ele relaxou com a camaradagem familiar de homens assistindo futebol, maravilhando-se com a facilidade com que ele se encaixou no grupo.

Quando todos se reuniram na sala de jantar para a refeição de Ação de Graças, ele ficou tenso novamente. Angie estava sentada do outro lado da mesa, fora do seu campo de visão, seu olhar estranhamente reticente, afastando-se do dele sempre que os olhares se cruzavam.

Ele sentiu um par de olhos encarando-o: o pai de Angie, o Juiz MacDowell. E aqueles olhos tornaram-se menos amigáveis ao longo da refeição, enquanto Angie continuava com seu comportamento arisco.

O que estava acontecendo? O que Angie disse à sua família sobre ele? Sobre eles?

Após a sua grande explosão na outra noite, ele não tinha certeza do que esperar. Ele vinha deixando o tempo passar, dando-lhes uma chance para esfriarem a cabeça.

Mas, no momento em que Eva o convidou, ele não hesitou. Como uma desculpa para ver Angie, esta era brilhante, e ele resolveu não declinar como tinha feito nos anos anteriores. Naquela época, no rescaldo do divórcio de seus pais, ele estava muito zangado para participar de qualquer reunião familiar. O casamento de Eva e Roger foi uma exceção e, mesmo assim, foi a contragosto, só porque seu pai tinha insistido. Mas com a faculdade e, em seguida, com a escola de direito, tinha uma desculpa útil para pular de Ação de Graças. Como Zach sabia que seu pai não estaria sozinho nos

feriados, ficou feliz em ir esquiar em Vail, ou voar de parapente em Cabo, ou mergulhar nos recifes na costa de Belize.

Agora, ele se perguntou o quão diferente sua vida poderia ter sido se tivesse aceitado os convites de Eva. Será que ele e Angie teriam passado mais tempo juntos e, como resultado, se conheceriam mais profundamente ou, até mesmo, ficariam juntos naquela época? Ou será que as mesmas barreiras que Zach via a sua frente agora, bem como seus próprios ressentimentos, os manteriam separados?

Provavelmente a última alternativa, reconheceu.

Melhor que ambos tivessem tempo para amadurecer, experimentar o mundo e crescer. Depois de ter visto o que havia lá fora, agora eles poderiam decidir que o que queriam, não por padrão ou por falta de consciência do resto do mundo, mas sim por opção.

E ele realmente esperava que Angie fosse fazer essa escolha; veria que ela e Zach estavam bem juntos, que o que tinham era mais do que apenas sexo. A carreira profissional em comum fornecia um terreno sobre o qual poderiam construir uma vida longa e feliz juntos. Por causa disso, ele percebeu, era o que realmente queria. Com ela.

Claro, o relacionamento disfuncional de seus pais tinha feito com que ele evitasse relacionamentos. Durante anos, ele tinha resistido à ideia de quaisquer envolvimento românticos de longo prazo. Mas, nos últimos meses, algo havia mudado dentro dele. Um sentimento de esperança e otimismo tinha criado raízes, fazendo-o imaginar que, talvez, ele tivesse sido muito precipitado ao rejeitar a possibilidade de felicidade com a parceira certa.

Durante todo o jantar, ele observou fascinado como Angie lentamente perdeu sua postura rígida e foi pega na conversa e risos a seu redor. Depois que os pratos foram retirados e as crianças mais jovens começaram a cochilar, ele sorriu com a visão de Angie afagando seu sobrinho de três anos no sofá.

Ela olhou para cima e seus olhares se encontraram. Por um momento, não havia mais ninguém na sala, exceto Zach e Angie. Então, Eva foi até o sofá para levar seu filho para a cama, e Angie piscou e se virou. Menos de um minuto depois, como se incapaz de evitar, ela olhou para Zach.

Ele sorriu lentamente. Ela corou. Seus lábios se separaram ligeiramente em sinal de alarme? Antecipação? Ele se levantou e foi deliberadamente para o outro lado da sala para se sentar ao lado dela.

Seu ombro roçou o dela e ele sentiu-a tremer. O aroma do corpo dela envolveu seus sentidos: baunilha com uma pitada de canela – suas duas especiarias favoritas no mundo, decidiu.

— Oi — disse ele.

Ela se mexeu e o movimento fez sua coxa pressionar contra a dele.

— Está se divertindo?

— Muito. — Ele apoiou seu braço na parte de trás do sofá, os dedos levemente roçando-lhe o ombro. Ela ficou tensa por um segundo, então relaxou e se inclinou para mais perto. Zach notou o pai dela observando, com o rosto impassível do lado oposto da sala. Ah, bem. O homem teria que se acostumar a ver a sua filha na companhia de Zach.

— Fico feliz — disse ela.

— Fiquei realmente surpreso quando sua irmã me convidou.

— Seu pai vem sempre. Eu não tinha certeza se você tinha planos.

— Não importa — disse ele. — Mudei-os para estar aqui.

Ela olhou para ele.

— Sérico?

— Sim. — Ele baixou a voz. — Senti sua falta, Angel.

Seus cílios se fecharam.

— Também senti sua falta.

Ele se forçou a ficar imóvel e não ceder ao desejo de tomá-la em seus braços, levando-a para longe do escrutínio de sua família.

— Bem...

— Sim?

— Você tem planos para amanhã?

— Oh, você sabe. Lavar meu cabelo. Limpar o armário. Lavar roupa.

— Parece bastante entediante.

— Talvez — disse ela. — Você tem algo melhor para sugerir?

Ele sorriu.

— Sempre tenho algo melhor para sugerir.

Eles acabaram passando o fim de semana de Ação de Graças juntos. Angie ignorou o computador e as pilhas de papéis que a aguardava. Na segunda-feira ela cuidaria do que fosse preciso.

Por enquanto, ela se concentrou em desfrutar seu tempo com Zach. Eles caminharam pelas montanhas de Santa Monica; comeram comida chinesa; pedalararam até Manhattan Beach e voltaram. Riram com um filme sensacionalista que ambos concordaram que tinha uma trama pobre, diálogo brega e fazia o pornô-soft parecer intelectual em comparação.

A única coisa que eles não fizeram, para grande desgosto de Angie, foi ter relações sexuais. Não só Zach não entendeu suas insinuações, como a rejeitou quando ela saiu do quarto em sua lingerie mais sexy, subiu em seu colo e beijou-o como se sua vida dependesse disso.

Ela podia sentir a resposta física enquanto estava em seu colo. Mas então, ele apoiou os dedos ao redor da cintura dela, não para trazê-la mais perto, mas para levantá-la de seu colo e colocá-la de pé, fazendo-a querer gritar de frustração.

Ele se levantou, ficando de pé em frente a ela, com seus pés descalços. De repente, ela se sentiu boba ali de pé, praticamente nua, com ele totalmente vestido e, aparentemente, dispostos a recusar sua oferta.

Ela virou-se e caminhou de volta para o quarto.

— Angel. — Ele a seguiu até a porta, onde permaneceu, observando-a vestir o roupão.

Ela apertou o cinto. Na penumbra, era difícil ler sua expressão.

— O quê?

— Sobre a semana passada...

Tinham evitado o assunto até agora. Será que se ela pedisse desculpas por sua parte na briga ele reconsideraria?

— Olha, Zach, não falei aquilo para insultá-lo. — Ela se aproximou dele, cautelosamente, parando a poucos passos de distância. — Sinto muito que você tenha entendido dessa forma.

Seus lábios se curvaram.

— Isso deveria ser um pedido de desculpas?

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Não soa como um?

Ele fechou a distância entre eles, embalando o rosto dela em suas mãos.

— Não exatamente.

Ela abaixou os braços, passando-os ao redor da cintura dele, pressionando seus corpos um contra o outro. Ele ainda estava duro. Talvez nem tudo estivesse perdido.

— Ok, Angel. — Ele descansou sua testa contra a dela. — Vamos a passos de bebê. Repita comigo: me desculpe.

— Me desculpe.

— Não quis dizer isso.

— Não quis dizer isso — ela repetiu obedientemente.

Ele beijou a ponta do nariz, o queixo, o canto da boca.

— Isso. Não é. — Ele pontuou cada palavra com um beijo. — Apenas. Sexo.

Ela piscou.

— Ok.

Ele riu suavemente.

— Você não é muito boa em obedecer, né?

— Não muito. — Ela se permitiu um pequeno sorriso. — Você deve saber disso agora.

— Sim. — Ele a beijou novamente, um beijo longo e demorado que quase a fez virar uma poça em suas mãos. Em seguida, ele recuou e se afastou.

— O que...? — Levou um momento para encontrar o equilíbrio e perceber que ele estava realmente saindo. — Onde você vai?

— Embora. Enquanto ainda posso.

Ela o seguiu para a sala.

— Mas... nós não... quero dizer ... se isto for pela coisa do preservativo, comprei mais esta manhã.

Ele suspirou e balançou a cabeça.

— Tenho certeza de que eles virão a calhar. Mas não hoje.

— Zach...

— Boa noite, Angel. — Ele pegou as chaves de cima da mesa de entrada do salão onde havia deixado mais cedo. — Tranque depois que eu sair.

Ela olhou para a porta, incapaz de acreditar que ele tinha feito isso de novo.

Só que não era exatamente o mesmo.

Da última vez, ele saiu correndo.

Desta vez, ele se foi calmamente. Não decepcionado, nem com raiva. Parecia mais com um tutor cujo aluno não tinha aprendido muito bem a lição que estava tentando ensinar.

Droga.

Capítulo Vinte e Seis

Zach não via Jeannine desde o depoimento, mas eles tinham falado por telefone várias vezes desde então, a respeito das mudanças propostas nos planos da S&L. Inicialmente, ela hesitou em assumir a tarefa.

— Tem certeza que quer que eu faça parte da equipe? — ela perguntou, quando Zach explicou a necessidade de uma revisão da avaliação de impacto ambiental. — Há muitos engenheiros aqui que podem lidar com isso.

— Mas eu não os conheço ou seu trabalho — Zach argumentou. — Conheço você, e meu pai e eu confiamos em você para fazer um bom trabalho.

No final, ela aceitou. Talvez pelo bônus substancial que foi oferecido para que fosse tudo feito rapidamente. Dado o prazo iminente para a reunião do Conselho da Cidade, Zach acreditava ser um dinheiro bem gasto.

Eles estavam reunidos hoje para analisar os resultados. Zach estacionou seu carro e foi em direção ao prédio de escritórios dela.

Jeannine estava ao telefone quando a secretária o conduziu para dentro. Ela ergueu um dedo, indicando que levaria apenas um minuto.

Ele balançou a cabeça e sentou-se em uma cadeira, usando o tempo para ler as mensagens e e-mails em seu telefone. Um minuto virou cinco, e depois, dez.

— Desculpe-me — disse ela quando finalmente desligou. — Hoje está sendo um dia daqueles. Você se importa se caminharmos enquanto conversamos? Tenho uma reunião no centro esta tarde e estou morrendo de fome. Podemos pegar algo para comer no restaurante do final da rua e falar do relatório ao mesmo tempo.

Zach sorriu. Essa era uma das coisas que ele sempre apreciou em Jeannine. Ela apreciava comer e nunca fazia cerimônia a esse respeito.

Assim como Angie.

Pensando nisso, as duas mulheres tinham muito em comum. Exceto que os sentimentos que ele tinha por Jeannine, mesmo quando estavam namorando, tinha sido como um fio de água morna. Com Angie, era mais como lava de um vulcão ativo — poderoso, escaldante, incontrolável.

Estes últimos dias tinham sido um inferno, tendo que negar a si mesmo e a Angie a liberação física que tanto ansiavam. Especialmente quando tudo o que ele queria fazer era arrancar suas roupas e penetrá-la até que ela gritasse seu nome e o corpo dela convulsionasse de prazer em torno do seu.

Mas havia um princípio maior em jogo. Se ele tinha alguma esperança de construir um futuro com Angie, ele precisava, primeiro, provar a ela que o que eles compartilhavam transcendia o físico. Que seu relacionamento iria continuar a avançar por muito tempo depois que seus hormônios em fúria amadurecessem, apesar dos estragos inevitáveis provocados pelo tempo e pela gravidade. Que eles iriam prosperar juntos e apoiar um ao outro em face das adversidades que a vida jogasse no caminho deles.

Ele não tinha certeza de que Angie já tinha percebido isso, mas podia esperar. Ele esperou treze anos para reivindicá-la; podia esperar mais algumas semanas, ou meses, ou o tempo que demorasse.

— Aqui estamos — disse Jeannine, abrindo a porta do restaurante de estilo retrô com cabines de couro vermelho e mesas com tampo de fórmica que ficavam ao longo de uma parede de janelas de vidro.

Zach escolheu uma mesa desocupada e fez sinal para um garçom. Uma vez que eles fizeram os pedidos, Jeannine puxou vários arquivos de sua bolsa e espalhou os documentos do outro lado da mesa.

— A letra é bem pequena — disse Jeannine. — Você vai ver melhor deste lado.

Zach esticou o pescoço do outro lado da mesa, tentando decifrar as letras miúdas. A iluminação abaixo do ideal não ajudava. Qualquer dia destes, ele precisaria investir em um par de óculos de leitura. Ele suspirou e se levantou, deslizando para a cabine ao lado Jeannine.

— Vamos começar do topo e ir descendo — disse ela. — Avise se você tiver quaisquer perguntas. O primeiro é a qualidade do ar. Dada a estrutura de estacionamento subterrâneo adicional que você está construindo, estamos projetando emissões de curto prazo de óxido e dióxido de nitrogênio e gases que excedem o limiar regional da Gestão da Qualidade do Ar do Distrito da Costa Sul. Aqui está uma lista de medidas de mitigação que propomos implementar para reduzir as emissões de escape de construção...

Entre mordidas de seus hambúrgueres e batatas fritas, eles passaram quase duas horas debruçados sobre as vinte páginas do resumo executivo. Ele usava vários jargões que cobria tudo, desde as emissões de gases, de construção para efeitos de análise detalhada dos riscos sísmicos, e recomendações para a classificação e contratempos, a preparação do local, preencher colocação, controle de erosão, escoramento e reforço interno.

Jeannine olhou para o relógio e amaldiçoou.

— Tenho que ir. Você pode levá-los com você e analisar com sua equipe. Deixe-me saber nos próximos dias se tiverem dúvidas ou correções para que eu possa fazer as mudanças necessárias antes da apresentação do relatório final.

— Certo. — Zach deslizou para fora da cabine primeiro e ajudou Jeannine a levantar. — Você vai ficar bem voltando sozinha para o escritório?

— Claro. — Ela o beijou na bochecha, em seguida, sorriu e usou o polegar para limpar a mancha tênue de batom de sua pele. — Você vai cuidar do almoço? Obrigada. Tenho que correr.

Zach viu quando ela se apressou, em seguida, retomou seu lugar e fez sinal para garçom trazer uma terceira xícara de café e a conta. Enquanto esperava, ele leu o resto dos papéis. O projeto estava, finalmente, começando a andar. A única pessoa que ficaria ainda mais contente com isso do que Zach era seu pai.

Ele reuniu os arquivos, pagou a conta, juntamente com uma grande gorjeta, e se dirigiu para seu carro, assoviando uma música alegre.

Angie olhou para o relógio antes de sair correndo do outro lado da rua. Ela odiava estar atrasada. Agora, graças a um cliente que queria procurar defeitos em cada ponto do que tinha sido pensado em um contrato bastante simples, não havia nenhuma maneira de que chegasse ao escritório de Logan a tempo.

Ela mandou uma mensagem de texto para ele.

Atrasada. Nos encontramos em quinze minutos?

Eles se reuniam a cada mês para o que Angie chamava de oportunidade para os irmãos matarem a saudade durante o almoço. Às vezes, Eva se juntava a eles, mas geralmente era apenas Logan e Angie, uma vez que ambos trabalhavam a uma curta distância da universidade.

O telefone tocou em sua mão.

— A babá ligou — disse Logan. — Jack está com febre.

— Ah, não.

— Estou indo para casa agora.

Não havia surpresa nisso. Mesmo que fosse Grace, sua esposa, quem tinha o diploma de médico, Logan era sempre quem largava tudo correndo quando um dos gêmeos estava doente. Enquanto ele alegava que era uma questão de logística – seu horário de trabalho era, geralmente, mais flexível do que o de Grace – Angie suspeitava que havia também um elemento de compensação da sua própria infância com um pai ausente. Independentemente disso, ele tinha assumido o papel de homem de família como se nunca tivesse namorado com boa parte das mulheres solteiras de LA.

Angie se perguntou se Zach seira capaz de se transformar da mesma forma. Ele não tinha anunciado, exatamente, suas intenções, mas as dicas que vinha dando ultimamente, certamente, parecia implicar que estava pensando em algo assim.

— Posso fazer alguma coisa? — ela perguntou a Logan.

— Sim. Acho que não tenho Tylenol infantil. Você poderia passar pela farmácia e comprar para mim?

— Claro que sim. — Ela colocou o telefone na bolsa. A farmácia mais próxima ficava no final da rua.

O aroma de hambúrgueres e batatas fritas pelo caminho, fez seu estomago roncar. Enquanto se apressava pela calçada, uma figura familiar em uma das mesas de vidro roubou seu olhar. Ela diminuiu a velocidade e parou. A belíssima ex-namorada loira, que não era uma modelo da capa, mas que poderia facilmente passar por uma. Jeannine DeLuca. Sim, definitivamente era ela, deslizando para fora da cabine ao lado da janela e inclinando-se para seu acompanhante...

Oh, Deus.

Era Zach. Ele tinha os dedos de uma outra mulher acariciando seu rosto. Uma mulher que, por sua própria admissão, era apaixonada por ele.

Ele tinha jurado que seu relacionamento com Jeannine tinha acabado. E Angie acreditou nele.

Sua visão escureceu e, por um momento, ela não conseguia respirar.

Alguém empurrou seu braço.

— Ei, senhora, você está bem?

E em seguida, outra voz:

— Parece que ela vai desmaiar.

O ar voltou aos seus pulmões. Ela piscou e olhou para o grupo de estranhos que se aglomerou em torno dela.

— Talvez você devesse se sentar — disse um deles, tocando seu cotovelo e apontando para um banco da parada de ônibus nas proximidades.

Ela balançou a cabeça. Precisava sair dali. E ir para onde? Ela estava no meio de fazer alguma coisa...

— Talvez devêssemos chamar a emergência.

Ela franziu a testa.

— O quê? Ah, não. Obrigado. Sêrio. Estou bem. Eu só... — Ela se afastou. — Preciso ir. Desculpe-me. Com licença.

Ela se apressou a descer a rua, passou pela fãrmácia e então se lembrou. Tylenol. Ela precisava comprar Tylenol para seu sobrinho. Voltou.

As portas automáticas se abriram, e ela entrou.

Angie passou as próximas horas em transe. Depois disso, ela tinha uma vaga lembrança de dirigir para a casa de seu irmão, onde o caos reinava. Com uma criança doente e a outra gritando por atenção, Logan não parecia perceber sua distração. Ele estava muito ocupado distribuindo Tylenol, Motrin e garrafas de leite materno aquecido enquanto a babá ajudava a trocar fraldas e lavar as montanhas de roupas sujas de bebê.

— Você não precisa voltar para o escritório? — perguntou Logan em um certo momento.

Angie piscou. O pensamento ainda não tinha ocorrido a ela. Era como se estivesse em algum tipo de portal para um universo alternativo, onde foram suspensos o tempo e as responsabilidades da vida cotidiana.

— Espere um segundo — disse ela, pescando o telefone de sua bolsa. Havia duas chamadas não atendidas de sua secretãria, uma de Naomi e uma sêrie de mensagens de texto. Ela enviou uma breve nota cancelando o resto dos compromissos do dia, citando uma emergência familiar. — Não, tudo pronto. O que você precisa que eu faça?

No momento em que Angie entrou em seu apartamento naquela noite, estava exausta. O entorpecimento que a tinha envolvido durante a tarde e à noite estava começando a se desgastar.

Seu celular tocou. Ela verificou o identificador de chamadas e desligou-o, sem querer ouvir qualquer desculpa que Zach pudesse usar. Ela não queria ouvi-lo mentir ou, pior ainda, dizer-lhe que não era da conta dela o que ele fazia.

Eles nunca discutiram realmente as regras do seu relacionamento. Mesmo que Angie tivesse presumido que ele sairia só com ela, aquilo, claramente, estava errado. De alguma forma, ela tinha esquecido que, mesmo aqui, os princípios básicos do direito contratual eram aplicados. Em primeiro lugar, tinha de haver uma oferta vãlida, comunicada de forma eficaz, negociada com boa-fê, e expressamente aceita. Eles poderiam ter levantado certas questões, mas jamais chegaram à oferta.

O telefone tocou. Uma mensagem de texto piscou na tela. Ela ignorou. Da mesma forma que ignorou a próxima e a que veio depois disso.

Demorou muito até que ela adormecesse.

Capítulo Vinte e Sete

— Por que os homens são tão idiotas?

Quinn fez uma pausa, com o garfo suspenso a meio caminho entre o prato e a boca.

— Isso é uma pergunta hipotética?

Angie franziu a testa.

— Não. Eu realmente quero saber.

Ele mastigou lentamente antes de responder.

— Isso faz parte do nosso DNA, eu acho. Cortesia do cromossomo Y.

Eles estavam na cafeteria do nono andar do Palácio de Justiça Stanley Mosk, uma vista panorâmica do centro de Los Angeles se espalhando para além da varanda.

Angie olhou através das curvas assimétricas e ângulos do icônico salão de música, em direção à janela de vidro, observando os arranha-céus. Nuvens pesadas estavam se movendo. Ela teria que ir embora em breve se quisesse evitar um trajeto úmido e desagradável para casa.

Quinn terminou seu bife e olhou para o peru que ela mal tocou.

— Você vai comer isso?

Ela empurrou o prato na direção dele.

— Fique à vontade.

— Então — ele disse entre mordidas. — O que está acontecendo?

Esta era a pergunta que ela temia desde que tinha saído do escritório do oficial de justiça para encontrar Quinn. A última vez que eles almoçaram juntos, ela e Zach tinham acabado de dar os primeiros passos na complicada relação. Agora, quase três meses depois, ela ainda estava tentando descobrir como podia ter permitido que as coisas saíssem tanto do controle.

Quinn limpou os dedos num guardanapo de papel.

— Ouvi dizer que você fez um ótimo acordo com a S&L. Portanto, não pode ser esse trabalho que te deixou assim, para baixo.

— Não. — Ela colocou mais açúcar em seu café. — Ando ocupada. Não estou reclamando.

Ele empurrou de lado seu prato e inclinou-se para frente.

— Parece que você precisa de uma pausa. O LA County Association vai promover um evento de networking para captação de novos talentos amanhã. Por que você não vem comigo? Será no Seasons 52, às seis horas.

Ela balançou a cabeça.

— Agradeço a oferta, mas...

— Antes de dizer que não, pelo menos me prometa que vai pensar sobre isso.

— Sem ofensa, Quinn, mas ver você procurar novos talentos não é exatamente minha ideia de diversão.

— Humpf.

— Desculpe-me. Sério. Não estou no meu melhor humor hoje.

— Percebi. Mas não se preocupe, tenho a casca grossa. — Ele inclinou a cabeça. — A menos que você queira pular o evento e apenas convidar-me. Nós podemos falar sobre os velhos tempos.

Ela piscou, as lágrimas inesperadas.

— Você não tem que ser bom para mim. Já passei por coisa pior do que isso antes.

— Eu poderia concordar com você se eu soubesse o que é *isto* que você está falando. — Ele esperou alguns segundos. — É sobre o Sr. Consultor-Advogado, não é? Suponho que as coisas não deram certo?

Os olhos dela se arregalaram.

— Como as...

— Você esquece que essa é uma pequena comunidade. A revista de Santa Monica publicou as fotos de um evento de gala há algumas semanas. Incluindo uma foto de vocês dois em um beijo. E você não é a única que faz suas refeições no Pomodoro.

Parecia uma vida atrás. O baile de gala, onde, sob a cobertura da escuridão, Zach tinha oferecido a ela os primeiros vislumbres íntimos de sua infância. O primeiro encontro para jantar algumas semanas mais tarde. Ela fechou os olhos, recordando o sabor do vinho, a música suave ao fundo, a tensão insuportável de espera pelo beijo e, então, as horas de prazer que se seguiram.

— Então — disse Quinn. — Quer pular o evento? Posso te fazer companhia.

Ela abriu os olhos, piscando quando sua imagem vacilou. Ele ofereceu-lhe um guardanapo limpo, e ela enxugou as lágrimas.

— Não sou assim — disse ela. — Nunca choro.

— Tenho ombros largos — disse ele. — E podemos manter as coisas estritamente platônicas. Se é o que você quer.

Ela ofereceu-lhe um sorriso sem graça. Ter Quinn mais perto era a única coisa da qual ela sentia falta da época em que trabalhava no outro escritório.

— Posso pensar?

Três dias, e Zach ainda não tinha conseguido falar com Angie. Consciente da última vez que isso tinha acontecido, ele tentou não entrar em pânico. Tinha que haver uma explicação perfeitamente razoável.

Mas era tão difícil responder a uma mensagem de texto? Ou retornar uma chamada telefônica? Ele passou pelo apartamento dela algumas vezes, mas as luzes estavam sempre apagadas. No trabalho, a recepcionista alegava que ela estava no tribunal ou em algum lugar tomando um depoimento.

Zach até mesmo ignorou seu jogo de squash semanal para fazer uma corrida matinal em seu bairro, na esperança de *acidentalmente-de-propósito* chocar-se com ela. Não teve essa sorte.

Será que ele tinha exagerado a mão? Forçado demais, rápido demais, uma conexão emocional que ela ainda não estava pronta para reconhecer?

Ele pensou que estavam indo tão bem. O fim de semana de Ação de Graças parecia como um novo começo, uma oportunidade de explorar e construir o relacionamento com base nas coisas que tinham em comum. Coisas que não tinham nada a ver com sexo e tudo a ver com o reforço da fundação da sua futura vida juntos.

E era por isso que o desaparecimento abrupto de Angie não fazia sentido.

Quando chegou ao seu limite, ele finalmente ligou para Eva, esperando que ela soubesse o paradeiro da irmã e seu estado de espírito.

Eva parecia surpresa ao ouvi-lo.

— Achei que ela iria ao evento com você hoje à noite.

— Que evento?

O silêncio se estendeu, e Zach se obrigou a esperar.

Eva limpou a garganta.

— Sabe, foi ideia de Angie convidá-lo para o jantar de Ação de Graças.

Ele tentou conter a impaciência.

— Aprecio isso e quero agradecer a você e sua família pela hospitalidade. Se não disse isso antes, também sou grato a você por toda a bondade que demonstrou com meu pai todos esses anos.

— O sentimento é mútuo. Tom será sempre da família. E, por extensão... — Ela hesitou, deixando o pensamento inacabado. — Desculpe-me se estou sendo intrometida, Zach. Mas esta situação com você e Angie...

— Angie contou algo a você?

— Na verdade, não. Só achei que, já que ela pediu, especificamente, para que você fosse incluído em um jantar de família...

Zach suspirou.

— Vou ser honesto com você, Eva. Sua irmã e eu nem sempre nos demos bem, mas eu estava realmente esperando que pudéssemos superar isso e construir algo bom juntos.

— Estamos falando de algo relacionado com o trabalho?

— Esqueça o trabalho. Isto não tem nada a ver com o trabalho. Angie e eu temos nos aproximado. Finalmente, ficamos juntos e foi incrível. Ela é uma mulher incrível. — Ele segurou o telefone com força. — Não tenho certeza do que aconteceu. Algo deve ter acontecido, mas não sei o quê. Por alguma razão, ela está me evitando, o que não é normal. Se ela tem um problema com qualquer coisa, não costuma esconder.

— Verdade — disse Eva.

Ele esfregou a testa.

— Estou preocupado. Não sei o que está acontecendo. Se você sabe onde ela está, por favor, tem que me ajudar. Preciso vê-la, falar com ela.

Desta vez, o silêncio durou tanto tempo que ele pensou que ela tinha desligado.

E, em seguida, Eva disse uma única palavra que o deixou com esperança.

— Ok.

Capítulo Vinte e Oito

A música estava muito alta. A iluminação, muito fraca. O riso ao redor dela era muito estridente. Havia pessoas demais conversando, tentando bravamente se divertir.

Angie estava se sentindo miserável.

— Bebida? — Quinn perguntou.

— O quê?

Ele ergueu a voz.

— Você quer uma bebida?

Ela encolheu os ombros.

— Pode ser.

Ele saiu do lado dela para seguir até o bar, e ela foi refugiar-se perto de um vaso de palmeira no canto. Considerou sair de fininho e pegar um táxi para casa. A única coisa que a mantinha enraizada no lugar eram as boas maneiras, que ditavam que ela, pelo menos, deveria avisar a Quinn que não queria mais ficar.

— Aqui está — disse Quinn, empurrando seu braço e quase derramando uma das bebidas sobre ela.

Ela aceitou o copo.

— O que há nisso?

— Rum, aguardente de damasco, suco de abacaxi e limão. — Ele bateu seu copo no dela. — Saúde.

Ela tomou um gole cauteloso e tossiu.

— Alguma chance de algo sólido para absorver o álcool?

Quinn sorriu.

— Poderoso, não é?

— Pode-se dizer que sim.

— Acho que tem comida ali. — Ele acenou vagamente para o outro lado da sala. — A menos que você queira ir para outro lugar para algo mais substancial.

— Não. — Ela tomou outro gole. — Talvez.

— Ou... — ele olhou para cima — talvez não. Parece que estamos prestes a ter companhia.

— O quê? — Ela seguiu seu olhar em direção a porta.

Oh, Deus. O que Zach estava fazendo aqui? Ele parou logo na entrada, olhando para a multidão. Ele, claramente, ainda não a tinha visto e, por um momento, ela sentiu o desejo covarde de se abaixar atrás do vaso de palmeira e seguir pelo corredor em direção ao banheiro feminino para evitá-lo.

Mas em seguida, seus olhos brilharam sobre ela e ele passou pelas pessoas, indo em sua direção como um navio de guerra enfrentando águas turbulentas.

Quinn tocou seu cotovelo.

— Quer que eu cuide disso?

Angie considerou. Em seguida, balançou a cabeça e se endireitou.

— Não, está tudo bem. Eu dou conta disso.

Zach parou na frente deles.

— Angie. — Ele não se incomodou em cumprimentar Quinn. — Tenho tentado falar com você.

— Estive ocupada — disse ela.

— Muito ocupada para retornar meus telefonemas?

— Você é um homem inteligente, Zach. Se alguém não retorna suas ligações, normalmente significa que ela não quer falar com você.

Zach olhou para Quinn.

— Você se importa?

Quinn deu de ombros e voltou-se para Angie.

— Se precisar, me chame, querida.

Os lábios de Zach apertaram ao ouvir o termo carinhoso.

Angie sentiu-se enfraquecer. Ela sentia falta dele, droga. Mesmo no meio da multidão, com o calor, as conversas e a batida do sistema de som, ela podia sentir as batidas de seu coração e o desejo.

Ele era um jogador. Sempre tinha sido. Ela sabia desde o início. E ainda assim, tinha se apaixonado perdidamente. Seu charme, sua sagacidade, sua força. As pequenas coisas que fazia por ela a fizeram pensar que ele realmente se importava: oferecendo massagens quando ela estava tensa, certificando-se de que seus aparelhos estavam em bom estado de conservação, ajoelhando no chão, de smoking, para que ele pudesse limpar seus pés.

E assim ela ignorou todos os sinais de alerta. Cometeu o erro clássico de pensar que ela poderia mudar seu homem.

Que piada.

Acontece que ele não tinha mudado nada. E, aparentemente, ele nem mesmo era o seu homem.

Mas se ele e Jeannine tinham voltado, então, o que ele estava fazendo aqui?

Ela apertou sua mandíbula.

— Está tudo bem, Quinn. Você mencionou algo sobre aperitivos...?

— Tem certeza?

— Sim. Obrigada. — Ela ofereceu-lhe um sorriso tenso. — Encontro você mais tarde.

Ele balançou a cabeça e lançou um olhar duro a Zach antes de se virar. Em poucos segundos, ele foi engolido pela multidão.

Zach se aproximou.

— Podemos conversar?

— Estou ouvindo.

— Em algum lugar calmo...

Ela olhou ao redor, colocou sua bebida em cima da mesa vazia mais próxima e se dirigiu para o corredor. Parando no meio do caminho entre os banheiros feminino e masculino, ela cruzou os braços sobre o peito e olhou para Zach.

Ele suspirou.

— O que está acontecendo, Angel? Num minuto nós não podemos manter nossas mãos longe um do outro, e no seguinte, você some.

Angie piscou. Será que ele realmente não sabe? Como ele podia ser tão alheio? O homem tinha saído com sua ex-namorada. Nem mesmo um dia depois que Angie tinha praticamente se jogado sobre ele. E ele a rejeitou. *Isso não é apenas sexo*, ele disse. Bem, que diabos era, então?

— Eu vi você — disse ela.

Sua testa franziu.

— O quê?

— Com Jeannine. Sua antiga namorada. — Será que ele planejava continuar fazendo-se de bobo?

Aparentemente sim, pela sua expressão. Querendo acabar logo com isso e seguir em frente, Angie deixou cair as mãos ao lado do corpo.

— No restaurante Westwood. Na segunda-feira. Lembra alguma coisa?

Zach franziu a testa.

— Sim, nós estávamos lá. E daí? Estamos trabalhando em um Relatório de Impacto Ambiental que precisa ser alterado para ser apresentado ao Conselho da Cidade. A empresa de Jeannine fez o estudo original, então os contratamos novamente para que a revisão corresse mais rapidamente. Nos encontramos na segunda-feira para avaliar o projeto.

— Durante o almoço?

— Sim — disse ele. — Chama-se almoço de trabalho. Tenho certeza que você está familiarizada com o conceito.

Certo. Só que ela nunca tinha usado a palavra trabalhar como um eufemismo para preliminares. Ela cravou as unhas nas palmas das mãos.

— Você a estava beijando.

— O quê? — Ele fez uma careta. — Você só pode estar brincando comigo.

— Eu sei o que vi.

— Sério? E o que foi? Um beijinho na bochecha, como você daria na sua tia avó Mary?

— Eu não tenho uma tia-avó Mary. E se tivesse, ela com certeza não iria se parecer com sua namorada Jeannine.

— Ex-namorada — ele corrigiu. — Nós terminamos há dois anos. E antes que você pergunte, não, eu não dormi com ela desde então.

Ele parecia muito inflexível sobre isso. Ela poderia realmente ter confundido tanto a situação? Angie mordeu o lábio.

— Então — ele disse. —, agora que nós esclarecemos isso, é a minha vez: eu deveria estar com ciúmes de você e Quinn?

— Não seja ridículo.

— Vou considerar isso como um não.

— Ao contrário de algumas pessoas, não tenho o hábito de pular de cama em cama.

— Nem eu. Pelo menos, não mais — ele emendou.

— Desde quando? Esta manhã? Noite passada? Tarde de segunda-feira?

— Desde o dia em que entrei em seu escritório, há três meses, e você olhou para mim como se me quisesse nu ali mesmo.

Ela olhou para ele. Oh. Ela tinha sido assim tão transparente?

Ele respirou fundo e pegou a mão dela.

— Não posso mudar o meu passado, Angel. Mas posso prometer-lhe que, se me der uma chance, você não vai se arrepender.

Ela engoliu em seco.

— Você não tem como saber disso.

— Sim, tenho — disse ele, levando a mão livre até seu rosto. — Eu te amo, Angel. Quero estar com você. Só você.

Seus olhos começaram a lacrimejar.

— Você diz isso agora...

— Agora e sempre. — Ele roçou o polegar em sua bochecha. — Para sempre, até que a morte nos separe.

Por um momento, ela não tinha certeza de que era capaz de falar. Em seguida, lambeu os lábios.

— Posso ter isso por escrito?

Ele sorriu.

— Vou providenciar.

E então, ele se inclinou, dando um beijo em sua boca. Ela entrelaçou os dedos em seus cabelos e abraçou-o com força, sem se importar com a fila de pessoas que serpenteavam por eles em direção ao banheiro ou às vaías de bêbados mandando-os arrumar um quarto.

Quando eles finalmente se separaram, respirando com dificuldade, ele levou vários minutos para voltar a realidade.

— Vamos lá — disse Zach.

Ela permitiu que ele a levasse pelo corredor de volta para a área principal.

— Onde estamos indo?

— Embora.

Ela pegou o ritmo para acompanhá-lo.

— Minha casa ou a sua?

— Sua. É mais perto. — Seus dedos apertaram em torno da mão dela enquanto eles abriam caminho através da multidão em direção à saída. — Veio de carro?

— Não. Vim com Quinn. — Ela olhou ao redor. — Eu provavelmente deveria avisá-lo que estou indo embora.

— Mande uma mensagem de texto do carro. — Ele segurou a porta para ela. Lá fora, o frio da noite a fez estremecer. Ele tirou a jaqueta e colocou sobre os ombros de Angie. — Precisamos conseguir um lugar para nós dois morarmos. Tenho um amigo que é agente imobiliário. Posso falar com ele amanhã. O que acha de Santa Monica, perto da Wilshire?

— Podemos desacelerar um pouco?

Ele diminuiu seu passo.

— Desculpe.

— Obrigada — ela sorriu. — Mas estava falando dos seus planos. Você não pode simplesmente dizer que quer morar junto em dois segundos.

— Não sou um estranho, Angel. Nos conhecemos há treze anos.

Ela o seguiu para a escada rolante até o nível da garagem.

— Certo, mas por boa parte de doze anos, estivemos em lados opostos de quase todas as discussões. Nós não conseguíamos sequer ficar na mesma sala sem discutir.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Aparentemente, ainda não posso.

— Veja, isso é o que quero dizer. Temos um longo caminho a percorrer antes de estarmos prontos para dar um passo tão grande.

— Não é verdade — disse ele. — Pense em nosso relacionamento como uma casa. Estamos construindo durante treze anos. Estrutura, fiação e encanamento da fundação estão prontos, as paredes e o telhado também são muito bem-feitos. Mas não importa quão cuidadosamente você projeta e

constrói a casa, sempre haverá pequenas coisas que dão errado e que precisam ser trabalhadas, coisas você só descobrirá quando já estiver vivendo lá. É chamado de um período de adaptação, e todo mundo passa por isso, não importa quanto tempo você adie a data da mudança.

Ele destrancou o carro e esperou até que ela entrasse antes de fechar a porta e fazer a volta para o lado do motorista.

— Então, o que acha? — ele perguntou quando ela permaneceu em silêncio.

— Nós ainda temos muito a trabalhar — disse ela.

— Como o quê?

Ela se atrapalhou com um exemplo.

— Como quem vai levar o lixo para fora.

— Eu. — Ele pegou o fluxo de tráfego na Santa Monica Boulevard.

— E quem vai cozinhar?

— Podemos fazer aulas juntos.

Ela mordeu o lábio.

— E crianças...?

— Meia dúzia.

— Meia... o quê?

— Estou deixando espaço para negociar.

A risada dele esquentou seu coração.

E foi aí que ela reconheceu. Isso era amor.

O tipo que aparecia só uma vez na vida. O tipo que seus pais e irmãos tinham. O tipo que ela sempre sonhou em ter um dia.

E ela quase jogou fora.

— Zach. — Ela sorriu e testou as palavras. — Eu te amo.

Ele pegou a mão dela e levou-a aos lábios, mantendo os olhos na estrada.

— Amo você também.

Quanto ao resto? Isso era tudo negociável. O lixo, cozinhar — e sim, até mesmo as crianças.

Fim.

Nota da autora

Se você gostou de ***Ponto de equilíbrio***, por favor, compartilhe sua opinião.

Poste um comentário sobre o livro na loja online em que você o comprou, no Goodreads ou no Skoob.

Divulgue para seus amigos!

Obrigada

Quer ler mais livros de Jill Blake?

Trilogia Santa Monica

Paixão inesperada (Livro 1) – Eva & Max

De volta para casa (Livro 2) – Grace & Logan

Ponto de equilíbrio (Livro 3) – Angie & Zach

Sobre a autora

Jill Blake adora chocolate, fazer passeios onde ela não precise suar e livros com finais felizes. Nascida na Filadélfia, Jill agora vive no sul da Califórnia com o marido e três filhos. De dia, ela é uma médica ocupada. À noite, ela escreve romances sensuais.

Confira o blog da Jill, [The heart of it](#).

Siga a Jill no [Twitter](#)

Curta Jill no [Facebook](#)

Para se inscrever em sorteios e saber quando Jill lançar novos livros, clique [Aqui](#)

Paixão Inesperada

(Trilogia Santa Monica – Livro 1)

Quando o irmão mais velho da sua melhor amiga lhe oferece uma oportunidade de trabalho, como a mãe solteira Eva Landry pode resistir ao que parece ser a maior aventura da sua vida?

Eva sempre agiu de forma precavida... e onde isso a levou? Traída por seu marido, criando seu filho sozinha, e lutando para segurar o que resta em sua vida, a última coisa que ela precisa é de outro homem mulherengo.

Max vive em busca de aventura... até que ele sofre um acidente. Enquanto se recupera de seus ferimentos, ele descobre que a maior aventura de sua vida pode estar mais perto do que imaginava: na forma de Eva, a melhor amiga de sua irmã mais nova.

O problema? Convencer Eva a arriscar tudo... por essa Paixão Inesperada.

De volta para casa

(Trilogia Santa Monica – Livro 2)

Oito anos após mudar para Nova York, um escândalo faz Grace fugir de volta para casa e para os braços de seu antigo namorado da juventude. Mas será que a segunda chance no amor poderá triunfar sobre o dano que resultou de traições passadas?

Grace vai para Nova York para procurar seu pai - e acaba sendo atraída para a vida frenética dos ricos de Manhattan. Mas quando seu casamento desmorona em uma tempestade de escândalos, ela foge para a Califórnia para se recuperar.

Após sua primeira namorada terminar com ele, sem explicações, Logan passa oito anos construindo sua carreira e provando ser um dos maiores talentos de Los Angeles. Agora que Grace está de volta na cidade, ele não consegue parar de pensar nela e se perguntar "E se...?"

Às vezes, o primeiro amor merece uma segunda chance.